

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FERNANDA LOCH

UMA PEDAGOGIA PARA A MATERNIDADE A PARTIR DO PEDIATRA  
FERNANDES FIGUEIRA (1887-1928)

PONTA GROSSA  
2021

FERNANDA LOCH

UMA PEDAGOGIA PARA A MATERNIDADE A PARTIR DO PEDIATRA  
FERNANDES FIGUEIRA (1887-1928)

Dissertação apresentada para a obtenção do título  
de mestre na Universidade Estadual de Ponta  
Grossa. Área de História.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil  
Vázquez

PONTA GROSSA

2021

Loch, Fernanda  
L811 Uma Pedagogia para a Maternidade a partir do pediatra Fernandes Figueira  
(1887-1928) / Fernanda Loch. Ponta Grossa, 2021.  
142 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura  
e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez.

1. Pensamento médico. 2. Fernandes Figueira. 3. Infância. 4. Maternidade. I.  
Vázquez, Georgiane Garabely Heil. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 610.736.2

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Fernanda Loch

### UMA PEDAGOGIA PARA A MATERNIDADE A PARTIR DO PEDIATRA FERNANDES FIGUEIRA (1887-1928)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História Mestrado em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 08 de março de 2021, pela seguinte banca examinadora:



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> GEORGIANE GARABELY HEIL VÁZQUEZ (UEPG)  
(Orientadora)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ANA PAULA VOSNE MARTINS (UFPR)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ANGELA RIBEIRO FERREIRA (UEPG)



Prof. Dr. MARCO ANTONIO STANCIK (UEPG)

Ponta Grossa, 08 de março de 2021

À minha mãe, Dona Filomena.

À todas as mulheres que sentiram o peso,  
por vezes pesado, da maternidade e a  
culpabilização de suas práticas maternas.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à todas e todos que contribuíram, de qualquer forma, para a realização dessa dissertação, ou mesmo que participaram da minha vida nesse período que cursei o mestrado, visto que nesses anos a pesquisa foi parte integral de quem eu sou e se mesclou com as outras instâncias da minha vida.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Georgiane Garabely Heil Vázquez. Seguimos juntas academicamente desde fins de 2016, em uma parceria que deu muito certo. Seu apoio, incentivo e prestimosidade tiveram uma imensa importância para mim. Agradeço por ter sido uma orientadora que abre portas e que me mostrou caminhos. A Georgiane teve um papel fundamental na minha formação acadêmica e como pesquisadora. Serei pra sempre grata.

Às professoras Ana Paula Vosne Martins, Angela Ribeiro Ferreira e ao professor Marco Antonio Stancik pela cuidadosa leitura e valiosas contribuições na minha banca de qualificação.

Ao LAGEDIS, Laboratório de estudos de gênero, diversidade, infância e subjetividades.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

À minha mãe, pai e irmão pelo apoio e compreensão na realização desse sonho. Não conseguiria efetivar essa pesquisa sem o suporte de vocês.

Aos meus amigos e amigas, particularmente à Karen Ribeiro, pelo carinho e numerosos desabafos durante a pós-graduação.

Ao Eduardo Lisboa, amigo e namorado que me acompanha desde o ingresso no mestrado e com quem compartilho meus momentos de maior felicidade.

À CAPES, agradeço o financiamento dessa pesquisa. É evidente a importância de uma universidade pública, gratuita e de qualidade na vida das pessoas.

Agradeço à todas e todos.

## RESUMO

Com base nos pressupostos dos estudos de gênero e sob uma perspectiva histórica, esta pesquisa teve por objetivo analisar de que maneira o médico Fernandes Figueira se posicionou acerca dos modelos de maternidade e infância que estavam em disputa e transformação no começo do século XX. A principal fonte utilizada foi a obra *Livro das Mães: Consultas Práticas de Hygiene Infantil*, escrita pelo médico em 1910 e republicada em 1920. Este livro se tornou uma espécie de manual para o “bom exercício” da maternidade. Fernandes Figueira, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especializou-se em pediatria e teve um grande papel na construção de políticas públicas voltadas à maternidade e à infância na Primeira República. Além deste livro foram analisados a revista *Brazil-Medico* e alguns jornais de grande circulação no Rio de Janeiro no período de atuação do pediatra (1887-1928). Os principais autores/as utilizados foram Michel Foucault (2002; 2005; 2009) nos debates acerca da normatização dos corpos na modernidade; Gisele Sanglard (2014; 2016) no que se refere à trajetória de Fernandes Figueira; e Elisabeth Badinter (1985) sobre a construção do amor materno. Por meio desses autores/as e através das fontes analisadas, buscou-se problematizar a ideia de uma pedagogia da maternidade, na qual a medicina ensina as mães como criarem de maneira “higiênica” seus filhos. Nesse sentido, um modelo específico de mãe é criado afim de promover um novo modelo de família e de sociedade. A higiene e a educação são valorizadas nesse novo modelo. Compreender como é feita essa proposta médico-pedagógica para a maternidade e para a normatização da infância, a partir de Fernandes Figueira, é o que almejou essa pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernandes Figueira; Infância; Maternidade; Pensamento Médico.

## RÉSUMÉ

Partant des hypothèses des études de genre et dans une perspective historique, cette recherche vise à analyser comment le médecin Fernandes Figueira s'est positionné sur les modèles de maternité et d'enfance qui étaient en contestation et en transformation au début du XXe siècle. La principale source utilisée est le livre *Livro das Mães: Consultas Praticas de Hygiene Infantil*, écrit par le médecin en 1910 et réédité en 1920. Ce livre est devenu une sorte de manuel du « bon exercice » de la maternité. Fernandes Figueira, diplômée par la Faculté de médecine de Rio de Janeiro, avec un accent sur la pédiatrie, a joué un rôle majeur dans la construction des politiques publiques visant la maternité et l'enfance dans la Première République. En plus de ce livre, le magazine *Brazil-Medico* et quelques journaux de grand tirage à Rio de Janeiro pendant la période du pédiatre (1887-1928) ont été analysés. Les principaux auteurs utilisés sont Michel Foucault (2002; 2005; 2009) dans les débats sur la standardisation des corps dans la modernité; Gisele Sanglard (2014; 2016) à propos de la trajectoire de Fernandes Figueira; Et Elisabeth Badinter (1985) sur la construction de l'amour maternel. A travers ces auteurs et à travers les sources analysées, nous cherchons à problématiser l'idée d'une pédagogie de la maternité, dans laquelle la médecine enseigne aux mères comment élever leurs enfants de manière « hygiénique ». En ce sens, un modèle spécifique de mère est créé afin de promouvoir un nouveau modèle de famille et de société. L'hygiène et l'éducation sont valorisées dans ce nouveau modèle. Comprendre comment cette proposition médico-pédagogique est faite pour la maternité et pour la normalisation de l'enfance, de Fernandes Figueira, est l'objectif de cette recherche.

**MOTS CLÉS:** Fernandes Figueira; Enfance; Maternité; Pensée médicale.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                              |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Natalidade/Mortalidade no Brasil no fim do século XIX e começo do século XX ..... | 46  |
| Figura 2 - Capas da segunda edição .....                                                     | 50  |
| Figura 3 - Divulgação do Livro das Mães .....                                                | 80  |
| Figura 4 - Criança normal e criança obesa segundo Fernandes Figueira .....                   | 113 |
| Figura 5 - Diagrama de acréscimos mensais .....                                              | 116 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                      |    |
|------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Índice Alfabético do Livro das Mães ..... | 52 |
|------------------------------------------------------|----|

## SUMÁRIO

|                                                                                         |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                 | 10  |
| <b>PRÓLOGO: O HOMEM ANTES DO MÉDICO</b> .....                                           | 18  |
| <br><b>CAPÍTULO 1 - MEDICINA E NAÇÃO: O INTELLECTUAL E MÉDICO</b>                       |     |
| <b>FERNANDES FIGUEIRA</b> .....                                                         | 25  |
| 1.1 A Formação do Intelectual .....                                                     | 26  |
| 1.2 Fernandes Figueira e o Brazil-Médico .....                                          | 33  |
| 1.3 Início da atuação médica no Rio de Janeiro .....                                    | 40  |
| 1.4 Brasil Higiênico e o “Problema da Infância”: apresentando o Livro<br>das Mães ..... | 43  |
| 1.5 Eugenia, Filantropia e Disputas .....                                               | 54  |
| <br><b>CAPÍTULO 2 - A MATERNIDADE A PARTIR DE FERNANDES FIGUEIRA</b>                    | 67  |
| 2.1 Construção Histórica e Médica da Maternidade .....                                  | 68  |
| 2.2 Fernandes Figueira, a Maternidade e o “Problema da Amamentação” ....                | 79  |
| <br><b>CAPÍTULO 3 - INFÂNCIA E PUERICULTURA EM FERNANDES</b>                            |     |
| <b>FIGUEIRA</b> .....                                                                   | 93  |
| 3.1 Construção histórica acerca da Infância .....                                       | 94  |
| 3.2 A Infância, a Pediatria e a Puericultura .....                                      | 104 |
| 3.3 A puericultura segundo Fernandes Figueira .....                                     | 109 |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                   | 125 |
| <br><b>FONTES</b> .....                                                                 | 128 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                | 130 |
| <b>APÊNDICE A: LISTAGEM DE FONTES DE AUTORIA DE FERNANDES</b>                           |     |
| <b>FIGUEIRA NA REVISTA BRAZIL-MÉDICO</b> .....                                          | 136 |

## INTRODUÇÃO

Não fui uma criança que ficava doente com frequência. Mas lembro-me das espaçadas consultas com o pediatra. O doutor D. me acompanhou durante a infância toda, e a partir dos 12 anos, me lembro de ouvir que já não podia mais me consultar com ele. O senhorzinho simpático tinha jeito com as crianças. Não só com as crianças, mas também com as mães, ao passar as instruções do que fazer para resolver determinado problema. A minha mãe ouvia tudo com atenção.

Paralelamente a isso, também me recordo dos chás e receitas caseiras que já tomei, das “simpatias” que já experimentei, benzimentos e rezas que já passei. Tudo coordenado por minha mãe para tratar os pequenos incômodos que me acometiam, sem nenhuma intervenção médica.

Essas experiências que se misturam e que fazem parte não só da minha infância, mas de várias outras, constituem uma divisão de saberes sobre os cuidados e tratamentos para a infância. Uma vinculada ao saber médico, supostamente autorizado e outra aos saberes populares que minha mãe traz consigo por ter aprendido com outras mulheres. Muitas vezes em discordância e em disputa, esses saberes se mesclam na vida de mulheres mães e suas crianças. Formas de cuidado, de fazer viver, crescer.

Eu nasci em 1996, e essa dicotomia que relato sobre os meus cuidados, ocorreu com a medicina e a pediatria já consolidada. No fim, a intenção é sempre garantir a plena saúde das crianças, mas a disputa e a coexistência desses saberes é um processo que ocorre há mais de cem anos. Junto disso, também se desencadeou a normatização da maternidade e de infância pela medicina.

\*

Ao debatermos acerca da construção da maternidade e da infância, é impossível não estabelecermos uma articulação entre a medicina e os discursos de modernidade. Entre meados do século XIX e início do século XX a infância e a maternidade passaram a ser vistas como problemas do Estado, devido ao grande índice de mortalidade infantil. Nesse sentido, um modelo específico de mãe e de maternidade foi criado e consolidado a fim de promover um novo modelo de família e

de sociedade. A higiene, a educação e a cientificidade são valorizadas nesse novo modelo.

A medicina, buscava por meio do “aconselhamento” das mães, melhorar a saúde das crianças. As mulheres, neste contexto, têm supostamente esse “papel” de gerar vida, e criar esses cidadãos para o desenvolvimento do país, e de certa forma, chamaram a atenção das instâncias públicas, bem como seus bebês.

Quando falamos em papéis sociais, se pressupõe que os indivíduos ocupam posições sociais, e o desempenho desses “papéis” são moldados através de normas e regras sociais.<sup>1</sup> Para as mulheres, - ideia que foi amplamente difundida ao longo do século XX, - o suposto papel social seria a maternidade.

Historicamente, em especial a partir do século XVIII, a maternidade tem sido construída como o ideal máximo da mulher e realização da feminilidade, associada a um sentido de renúncia dos prazeres e sacrifícios que trariam alguma satisfação. A maternidade alcançou um lugar de sofrimento voluntário e indispensável à constituição da mulher.<sup>2</sup>

Esse modelo de mãe, que cuida do seu filho e que tem um amor visceral pelo bebê foi normatizado a partir do século XIX, e ainda mais difundido, com ajuda científica, pelos médicos, no século XX. Quando surge o “problema da infância”, no contexto das primeiras décadas do século passado, a mãe passa a ser a mediadora entre essas crianças e o Estado, numa clara função da biopolítica.

O “problema da infância”, caracterizado principalmente pela alta taxa de mortalidade infantil, é um dos focos dos médicos higienistas na reforma da sociedade brasileira levada a cabo pelas elites no começo do século XX. Michel Foucault propõe que o conjunto de processos que levam a calcular a proporção de nascimentos e dos óbitos, taxas de fecundidade e reprodução e etc. de determinada população, se desenvolvem como uma tecnologia de poder e controle do que ele chama de biopolítica. Ao se lançar mão das medidas estatísticas e dos índices demográficos, a governamentalidade (conjunto de instituições), cria estratégias para

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 79.

<sup>2</sup> BRAGA, Maria da Graça Reis; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Família: Maternidade e Procriação Assistida. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, jan./abr. 2005. p. 15.

o controle de populações inteiras através do biopoder, atuando na proteção da vida, e na regulação do corpo.<sup>3,4</sup>

Os médicos, enquanto reguladores, atribuíam às mães a responsabilidade pela mortalidade infantil, e divulgavam, portanto, os preceitos básicos de higiene e alimentação das crianças.<sup>5</sup> Nesse sentido, os pediatras, médicos responsáveis pela saúde das crianças, estavam à frente não só de propostas para assistência materno-infantil, mas também estavam preocupados com a educação das mães, o que, segundo tais médicos, refletiria na educação física e moral dos infantes.<sup>6</sup>

Um médico que participou ativamente deste processo foi Antônio Fernandes Figueira (1863-1928). Formado no curso de medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1887, com foco na área pediátrica, teve parte nas discussões intelectuais do período higienista e propôs a construção de políticas públicas voltadas à maternidade e à infância na Primeira República. Nesse contexto, a partir de uma consolidação mais prática de sua imagem como médico pediatra e intelectual, Fernandes Figueira idealizou e propôs ações para abordar o “problema da infância” na sociedade brasileira do início do século XX.

Esta pesquisa trata sobre as relações entre a medicina, o discurso médico - em especial os discursos do médico Fernandes Figueira, - a maternidade, entendida por esse campo como o principal papel social das mulheres no começo do século XX, e a normatização dos hábitos higiênicos relativos às mães e as crianças, comandada pela elite intelectual e política brasileira.

Para isso, tivemos acesso à um livro de autoria de Fernandes Figueira, intitulado *Livro das Mães: Consultas Práticas de Hygiene Infantil*<sup>7</sup>, utilizado como principal fonte dessa investigação. Lançado em 1910, foi republicado em 1920, edição a qual temos acesso. Essa obra se constitui como uma espécie de manual para o “bom exercício” da maternidade nas primeiras décadas do século XX. Uma

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 289-291;

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 277-293.

<sup>5</sup> VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 60.

<sup>6</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso Maternalista em Revistas Femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado em História das Ciências) – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006. p. 14-15.

<sup>7</sup> FIGUEIRA, Fernandes. *Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil*. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile.

proposta de interferência nos afetos, saberes e formas de maternar. Através desse livro e do discurso de Fernandes Figueira, buscamos refletir sobre esse modelo de mãe “enfermeira e pedagoga”, e a ideia de criança “higiênica”.

Como enunciador de um discurso, o sujeito, e neste caso Fernandes Figueira, não se configura apenas de maneira individualizada no mundo, mas sim como sujeito discursivo, cuja história pessoal se insere na história social, marcada ideologicamente. Portanto, “a história, o contexto e a posição social concorrem para as produções discursivas.”<sup>8</sup>

Nessa perspectiva, analisamos o *Livro das Mães* através da metodologia de Análise de Discurso, que segundo Eni Puccinelli Orlandi se constitui na relação entre as Ciências Sociais e a Linguística, que mesclam elementos da exterioridade ou contexto em que tal discurso se desenvolve, bem como os sentidos que são dadas à linguagem em si.<sup>9</sup>

Para podermos traçar as percepções de Fernandes Figueira acerca da maternidade e da infância foi fundamental, portanto, a compreensão da trajetória intelectual do médico, com quais movimentos compactuava, com quem socializava e quais ambientes frequentava. Para isso, utilizamos o periódico *Brazil-Médico*, bem como jornais de alta circulação no Rio de Janeiro, com autoria e/ou citando Fernandes Figueira no seu período de atuação, que se estende até o ano de 1928.

A revista *Brazil-Médico* foi uma revista semanal de medicina e cirurgia, vinculada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Começou a ser impressa no ano de 1887, - ano no qual Fernandes Figueira se formou, - e logo se tornou uma das principais revistas médicas do Brasil no período. O pediatra possui várias publicações no periódico (conforme indicado no Apêndice A) e também é citado por outros médicos.

Entre os jornais do Rio de Janeiro, utilizamos o *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *A Epoca* e *A Cruz* no período entre 1887 a 1928. Consideramos que os jornais são suportes que expressam uma representação do real, permitindo um melhor conhecimento das condições de vida, manifestações culturais e políticas de uma sociedade. São formadores de opinião e apresentam táticas discursivas que são

---

<sup>8</sup> GONDIM, Sônia Maria Guedes; FISCHER, Tânia. O Discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na Gestão Intercultural. **Cadernos Gestão Social**. Salvador, v. 2, n. 1, p. 09-26, set./dez. 2009. p. 12.

<sup>9</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. **Em Aberto**. Brasília, a. 14, n.61, p.53-59, jan./mar. 1994. p. 53.

construídas cotidianamente, expondo projetos em disputa na sociedade na qual são difundidos.<sup>10</sup> Através dos jornais, podemos observar como Fernandes Figueira se insere na discussão pública acerca das políticas higienistas, como foi citado e aspectos sobre os seus familiares.

A difusão do saber médico, bem como dos ensinamentos dessa profissão estão presentes na imprensa brasileira do começo do século XX. Renée Barata Zicman destaca o uso da imprensa como fontes primárias para a pesquisa histórica porque é rica em dados e elementos e nos permite conhecer o nível das condições de vida, manifestações políticas e culturais, etc. de determinada sociedade.<sup>11</sup> Um determinado jornal tenta expressar uma representação do real, bem como os projetos que estão em disputa dentro da sociedade na qual o periódico se insere.

Os jornais e a revista *Brazil-Medico* foram levantados através da Hemeroteca Digital Brasileira, um portal digital de periódicos nacionais para ampla consulta pública pela internet.<sup>12</sup> Para esta pesquisa utilizamos a palavra-chave *Fernandes Figueira* nos documentos já citados e dentro do período de atuação do médico (1887-1928).

A pesquisa, portanto, possui dois eixos norteadores. De forma mais central, buscamos investigar de que maneira o *Livro das Mães: Consultas Práticas de Hygiene Infantil* e os jornais do período expressam o posicionamento de Fernandes Figueira acerca dos modelos de maternidade e infância e como ele propõe as práticas de cuidados dispendidos às crianças. De modo mais secundário, porém igualmente fundamental para o objetivo principal, apresentamos a trajetória intelectual de Fernandes Figueira por meio de revisão bibliográfica e análise de documentação da Hemeroteca Digital Brasileira.

Para tais objetivos, dividimos a dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo “Medicina e Nação: o intelectual e médico Fernandes Figueira”,

---

<sup>10</sup> ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa – Algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia: Contribuições e Debates**. São Paulo, v. 4. p. 89-102, jan./dez 1985.

<sup>11</sup> *Ibid.* p. 89.

<sup>12</sup> A ferramenta foi disponibilizada pela Fundação Biblioteca Nacional em 2006, e possui jornais, revistas, anuários e boletins que datam desde o começo do século XIX até o século XX. A consulta nos documentos pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavras-chave em qualquer aparelho com acesso à internet. Ao selecionar o documento é possível a busca por palavras dentro do texto, o que proporciona aos pesquisadores maior facilidade para se encontrar as informações desejadas. In: HEMEROTECA Digital. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08 nov. 2019.

pretendemos discorrer sobre a figura do intelectual e médico Antônio Fernandes Figueira e suas principais obras. A abordagem sobre essa questão foi feita a partir de pressupostos da História Intelectual. Utilizamos conceitos como a noção de trajetória, de rede de sociabilidades e mesmo engajamento enquanto figura pública, a partir de Jean-François Sirinelli<sup>13</sup> e Gérard Leclerc.<sup>14</sup>

Além da bibliografia disponível sobre Fernandes Figueira, utilizamos artigos do periódico *Brazil-Medico* e reportagens de jornais para construção de uma trajetória pública a partir de fontes primárias. Trabalhamos ainda, o contexto em que o Fernandes Figueira está inserido, trazendo aqui, além de alguns aspectos mais gerais, os ideais higiênicos presentes naquela sociedade, bem como, o papel que os profissionais da medicina intencionavam ocupar.

No segundo capítulo “A Maternidade a partir de Fernandes Figueira”, tratamos sobre aspectos da maternidade. Além de trazermos algumas reflexões teóricas, discutimos sobre os papéis sociais das mulheres no século XIX e começo do século XX e os modelos de mães. Trabalhamos com as tensões e disputas de poderes entre as mulheres, a medicina e o modelo de maternidade que os higienistas tentaram divulgar, problematizando a ideia de aversão ou aderência por parte das mulheres a este padrão. Ou seja, confrontou-se os “velhos” e os “novos” modelos de maternidade que estavam sendo propostos. No segundo eixo desse capítulo intitulado “Fernandes Figueira, a maternidade e o ‘Problema da Amamentação’”, tratamos sobre os aspectos da alimentação do bebê presentes no *Livro das Mães*, vinculando-os com a maternidade e explorando as temáticas da amamentação com leite materno, do uso de amas de leite e do trabalho extradoméstico feminino.

Normatizar, higienizar e cientificizar a maternidade, na tentativa de ensinar as mulheres a serem “boas mães” apresentou como consequência a construção de uma pedagogia da maternidade, conduzida principalmente por médicos. Entendemos a pedagogia da maternidade como um conceito que expressa todo um trabalho ideológico desprendido por médicos, legisladores e intelectuais para a normatização da maternidade, fato que ganhou força no começo do século XX com a cientificização das práticas maternas e com o desenvolvimento da puericultura. Salientamos que o termo “pedagogia” está sendo colocado porque essa normatização

---

<sup>13</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

<sup>14</sup> LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004.

da maternidade ocorreria através do ensino das práticas higiênicas, de disseminação do conhecimento científico, seja para as mães, para outros médicos e para a sociedade em geral. Consideramos que o pediatra Fernandes Figueira participou dessa empreitada normativa.

Para a análise das fontes e pra compreendermos esse processo, aplicamos a categoria analítica de gênero de Joan Scott<sup>1516</sup>, com o objetivo de elucidar as relações de poder que envolvem os comportamentos maternos e o poder de normatização dos corpos, influenciados sobretudo pela medicina e pelos médicos. Para tratar sobre a maternidade e a sua normatização também utilizamos Michel Foucault<sup>171819</sup>, porque compreendemos que estes não podem ser entendidos fora de um contexto mais amplo de produção científica e médica, que acabam por interferir diretamente nas relações de gênero, promovendo modelos que socialmente devem ser seguidos.

No terceiro capítulo, “Infância e Puericultura em Fernandes Figueira”, trabalhamos com a conceitualização de infância, e a importância dada a ela com o advento da Modernidade e posteriormente por parte da medicina e da elite. Problematisamos a infância medicalizada e a noção de criança doente, bem como a instauração da pediatria, que se constitui como especialidade médica não para uma parte do corpo, mas para uma faixa etária considerada “incompleta” ou “em formação”, em contrapartida do adulto, considerado “completo”. Nesse momento, como fonte, utilizamos o *Livro das Mães* e uma tese de autoria de Fernandes Figueira no Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada de 1908, ocorrido no Rio de Janeiro.

Nesse capítulo nos debruçamos a analisar como o médico Fernandes Figueira propôs as práticas da puericultura no seu livro, se colocando como especialista e propagador dos preceitos higiênicos, se inserindo numa discussão acerca da puericultura que não estava apenas acontecendo localmente, mas internacionalmente, tocando em assuntos como por exemplo, a alimentação das

---

<sup>15</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

<sup>16</sup> SCOTT, Joan Wallach. Prefácio. In: SCOTT, Joan Wallach. **Gender and politics of history**. Nova York: Columbia University Press. 1988.

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 79-98.

crianças, as médias de desenvolvimento, como vestir, banhar, e se evitar doenças contagiosas.

A partir dessa estrutura investigamos como Fernandes Figueira constrói no seu discurso os saberes educativos para as mulheres grávidas e para as mães, e a emergência de um suposto papel social feminino propagado pelo médico, seja de mãe educadora, mãe enfermeira, e a única responsável pelo cuidado, pela saúde e educação da criança, bem como essa nova forma de ver e cuidar da infância.

Consideramos que a nossa investigação venha a contribuir tanto com o campo dos estudos de gênero, quanto da história da medicina, no sentido de apresentar as práticas de puericultura propostas pelo médico Fernandes Figueira, tangenciando-as com visões de maternidade do começo do século XX. Ainda, ressaltamos que apesar da vasta bibliografia acerca da trajetória do Fernandes Figueira, encontramos lacunas relativas à perspectiva de gênero que ainda não tinham sido exploradas nas suas obras e discursos, especialmente no *Livro das Mães* que em tão alto grau trata sobre a maternidade.

Problematizamos as normatizações da infância como algo que também passa por uma construção histórica. As tabelas, pesos e medidas como forma de normatizar os corpos das crianças nem sempre existiram, mas começaram a ser utilizados no Brasil a partir do fim do século XIX e início do XX. Fernandes Figueira participou dessa popularização, bem como foi pioneiro desse processo no contexto brasileiro.

## PRÓLOGO: O HOMEM ANTES DO MÉDICO

Com facilidade encontramos vestígios acerca da vida profissional e institucional das “grandes figuras” históricas ou de conhecidos intelectuais. Com Fernandes Figueira, uma rápida pesquisa na internet já nos traz a informação de quando foi formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em que ano recebeu determinado prêmio, ou qual foi a sua principal obra. Todos esses elementos pouco nos informam em relação à vida privada, aos espaços íntimos e familiares de Fernandes Figueira. Recorrendo às fontes, nos aventuramos em busca de algo que trouxesse, mesmo que de maneira limitada, quem foi o homem, o marido, o pai, para além do médico.

Salientamos aqui, a necessidade de se apresentar essa parcela da vida de Fernandes Figueira, que a ele não foi uma simples parcela, mas parte fundante, constituinte ou mesmo integral do seu ser. Tarefa que não foi fácil, considerando a dificuldade de se conseguir dados pessoais, íntimos, de um intelectual com a vida pública de fins do século XIX e início do século XX. Contradição vista com frequência, levando em conta a eloquência desses personagens públicos e a falta dessas informações familiares nas fontes disponíveis, ou a dicotomia entre a vida pública e privada, e os tipos de documentos que os arquivos preservam, favorecendo as instâncias do público.

Um exemplo desse tipo de documento é a biografia de Fernandes Figueira escrita por Solidônio Leite em 1929. Não tivemos acesso ao arquivo, porém tal obra já foi analisado pela historiadora Gisele Sanglard. Solidônio, o autor, consócio de Fernandes Figueira no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, descreve os feitos do homem público, seus postos profissionais, suas produções intelectuais e procura evidenciar o “valor” do homenageado no *post mortem*.<sup>20</sup> Porém, os aspectos da sua vida familiar e íntima não são evidenciados. Logo, buscamos outros caminhos para encontrar vestígios do homem, além do médico.

A primeira informação familiar de Fernandes Figueira que nos deparamos foi encontrada na página da Academia Nacional de Medicina, que dizia que o médico foi filho de “pais pobres”. Sua mãe chamava-se D. Genuína da Rocha Figueira, que morreu no seu nascimento, e o seu pai chamava-se Manoel Fernandes

---

<sup>20</sup> SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 79-102, 2014. p. 83-85.

Figueira.<sup>21</sup> Sobre a mãe, nenhuma informação foi encontrada, explicitando um obstáculo comum dentro dos estudos de gênero e história das mulheres: o lugar invisível das mulheres nos arquivos e o apagamento das mesmas da história. Já sobre o pai, conseguimos confirmar e descobrir alguns elementos dentro dos jornais, como por exemplo no *Jornal do Commercio* e no *O Paiz*.

Manoel Fernandes Figueira nasceu em 19 de dezembro de 1837, no bairro de Guaratiba, no Rio de Janeiro e morreu em 26 de novembro de 1918 na mesma cidade. O *Jornal do Commercio* noticiou a sua morte, identificando Manoel como pai de Antônio:

Falleceu hontem nesta Capital o Sr. Manoel Fernandes Figueira, pai do distinto pediatra Sr. Dr. Antonio Fernandes Figueira, Director da Policlinica das Crianças.

O finado que contava com 80 annos de idade, durante quarenta annos exerceu o cargo de Secretário da Estrada de Ferro Central do Brasil.

O seu passamento deu-se em sua residência á rua Figueira.<sup>22</sup>

A posição de secretário da Companhia de Estrada de ferro Central do Brasil deve ter sido uma função de destaque tendo em vista o anúncio de aposentadoria colocado no jornal *O Paiz*<sup>23</sup>, em 1912.<sup>24</sup> Além disso, essa companhia de estradas de ferro, apesar de não ser a primeira criada no Brasil, se constituía como a principal ferrovia nacional, pois fazia ligação entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.<sup>25</sup> Manoel tem inúmeras citações nos jornais de grande circulação assinando como secretário da empresa. Dessa forma, podemos afirmar que “pobre” não deve ser o melhor adjetivo por defini-lo, apesar de não termos dados sobre a sua ocupação na ocasião do nascimento e primeiros anos de Antônio Fernandes Figueira, visto que

<sup>21</sup> ANTÔNIO Fernandes Figueira. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAlSo86F9EzkDXI3w](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAlSo86F9EzkDXI3w). Acesso em: 08 jul. 2020.

<sup>22</sup> Na citação direta das fontes optamos por manter a grafia original. VIDA carioca: falecimentos. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro. a. X, n. 280, 27 de nov. 1918. p. 5.

<sup>23</sup> O Paiz foi um jornal diário de grande circulação lançado em 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), por João José dos Reis Júnior, o conde de São Salvador de Matosinhos. Conservador e de grande expressão, considerado o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos maiores formadores de opinião na política e na sociedade brasileiras entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Durou até 18 de novembro de 1934, quando foi fechado pela Revolução de 1930. In: O PAIZ. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

<sup>24</sup> AGRICULTURA, industria e comércio. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXVIII, n. 10.107, 8 de jun. 1912. p. 4.

<sup>25</sup> MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II: a grande escola prática da nascente Engenharia Civil no Brasil oitocentista. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 203-233, jan./jun. 2015. p. 208-209.

começou a trabalhar nessa posição de secretário a partir de 1870, com Antônio tendo aproximadamente seus 8 anos.

Encontramos também, o nome de Manoel vinculado com a Federação Espírita Brasileira (FEB) e descobrimos que ele foi um dos seus fundadores em 1884. De acordo com a sua biografia encontrada na página da organização, em virtude das viagens constantes que fazia por causa da sua profissão, ele “aproveitava” para divulgar a Doutrina Espírita pelos lugares que passava.<sup>26</sup> Fundou em 1888 o “Centro de Estudos Espíritos”, que funcionou na sede da Federação. Em 1929 esse centro passou a se chamar “Centro Espírita Fernandes Figueira”, indicando que Manoel foi um dos baluartes do espiritismo no Brasil. Além disso, após algumas buscas no acervo disponível na página da Federação Espírita Brasileira, confirmamos que Manoel tem alguns escritos na revista *Reformador*, editada mensalmente pela Federação e que divulga a Doutrina Espírita no Brasil até os dias atuais.

Apesar de encontrarmos essas informações, não temos vestígios da proximidade entre Antônio e o seu pai, ou a simpatia do médico com o espiritismo. Mas nos diversos discursos e obras de Fernandes Figueira, podemos perceber a ausência de qualquer menção relacionada com a Igreja Católica, elemento muito usado para legitimar moralmente argumentos médicos no fim do século XIX e início do século XX.<sup>2728</sup> Da mesma forma, Fernandes Figueira nunca se posicionou como espírita e não defendeu nenhuma outra doutrina religiosa. Os seus argumentos foram feitos sempre em razão da saúde pública e da caridade. É importante notar que a caridade é elemento importante para a doutrina espírita, mas também da Igreja Católica, ou seja, o médico não explicita necessariamente preferência a nenhuma das religiões ao argumentar a favor das práticas filantrópicas e caritativas.

Em contrapartida com a ausência de posicionamento de Fernandes Figueira sobre a sua religião, a partir de 1921, o nome do médico e de integrantes da sua família são encontrados com frequência em um jornal quinzenal lançado em 1919, chamado *A Cruz*, com redação e administração vinculada a Igreja Matriz de São João

---

<sup>26</sup> MANOEL Fernandes Figueira. **Federação Espírita Brasileira**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Manoel-Fernandes-Figueira.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

<sup>27</sup> VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Da mãe que não fui**: a experiência da ausência de maternidade ao longo do século XX. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2015. p. 99.

<sup>28</sup> LOCH, Fernanda; VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Práticas Criminosas, Práticas Egoístas, Práticas Proibidas: o Aborto no Discurso do Médico Nino Magno Baptista, 1930. **Gênero**. Niterói. v. 19, 2019.

Batista, fato que nos chamou muita atenção. Nesse jornal são discutidos temas religiosos, informados aniversários, falecimentos, entre outros avisos referentes aos participantes da Paróquia. São debatidas questões sociais, informes sobre caridades e etc. Comumente também se encontram colunas de críticas ao Espiritismo. Em uma delas, chamada “Catecismo Anti-Spirita”, de 1919, encontramos o nome de diversos médicos que criticavam a religião, incluindo o Dr. Juliano Moreira, Diretor do Hospital dos Alienados e colega de Fernandes Figueira, que o indicou ao cargo de chefe do serviço clínico de crianças, em 1904, nessa instituição. Juliano Moreira se refere aos médiuns como neuropatas, ou seja, loucos.<sup>29</sup> Fernandes Figueira não estava entre os médicos citados nesse artigo ou nessa coluna, porém identificamos médicos que tem seus nomes associados a ele.

Desse modo, pelo menos a partir do casamento de Antônio Fernandes Figueira e sua esposa Raymunda Guedes da Silva Fernandes Figueira, (o qual não se sabe a data exata, mas se pressupõe-se que seja antes de 1890), acreditamos que o médico, sua esposa, filhas e filho fossem participantes dos ritos da Igreja Católica.

De acordo com o *Jornal do Brasil*, em 1928, ao relatar a morte de Fernandes Figueira, a publicação informa que o professor deixa viúva a senhora Raymunda Guedes da Silva Fernandes Figueira e os seguintes filhos:

Dido Fernandes Figueira De Lamare, casada com o Dr. Ademaro De Lamare, Inspector sanitário de Saúde Pública, Cordelia F. Figueira Agostino, casada com o Sr. Eugenio Agostino Filho, residente em S. Paulo, Laura Galvão Pereira, Elza Fernandes Figueira Oliveira Castro, casada com o Dr. Gustavo de Oliveira Castro, Cecília Fernandes Figueira Oliveira Castro, casada com o Sr. Jorge de Oliveira Castro, Irene e Helena Fernandes Figueira, e o Sr. Antonio Fernandes Figueira Filho.<sup>30</sup>

No total, sete filhas, das quais apenas duas ainda eram solteiras, e um filho também solteiro.<sup>31</sup> O mesmo jornal também revela que o médico foi enterrado no cemitério de S. João Baptista,<sup>32</sup> que tem o mesmo nome e é próximo da igreja que publicava *A Cruz*. Curiosamente, a primeira menção à família Fernandes Figueira na

<sup>29</sup> CATECISMO anti-spirita. **A Cruz**: Orgão da Parochia de S. João Baptista. Rio de Janeiro. a. 1, n. 2. 5 out. 1919. Rio de Janeiro. p. 6-7.

<sup>30</sup> MORTE de um grande médico brasileiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. a. XXXVIII, n. 63. 13 mar. 1928. p. 6.

<sup>31</sup> SANGLARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil**: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 21.

<sup>32</sup> MORTE, op. cit. p. 6.

publicação católica foi anunciando a perda de um filho, em 1921, o qual se chamava Alvaro Fernandes Figueira:

Faleceu hoje no dia 13 do corrente o jovem Alvaro Fernandes Figueira, filho do ilustre clínico dr. Fernandes Figueira. Morreu na paz do Senhor, confortado com os sacramentos da Igreja.  
 À enlutada família Fernandes Figueira, 'A Cruz' apresenta seus pêsames.<sup>33</sup>

Não é exposto com quantos meses ou anos o menino faleceu, porém a partir da informação de que foi “confortado com os sacramentos da Igreja”, pode-se pressupor que era muito jovem, mas ainda assim, foi ao menos batizado. É intrigante pensar no quão doloroso pode ter sido a perda de um filho jovem a um médico de crianças e a sua família.

Interessante notar que é doravante a esse primeiro anúncio, que Fernandes Figueira e sua família começam a ser mencionados em participações em comissões, contribuições em dinheiro, e na coluna de anúncios de aniversários, no qual percebemos participação ativa dos familiares, em especial depois de 1921, já que no intervalo entre 1919 (lançamento do jornal) e 1921 nada foi encontrado. Porém não temos evidências suficientes para afirmar que foi a morte do filho que aproximou a família Figueira da paróquia de S. João Baptista.

Além disso, outra questão curiosa pode ser mencionada: a morte de Antônio Fernandes Figueira não foi mencionada no *A Cruz*, porém seus filhos continuam sendo citados nas edições. Nos outros jornais comerciais a morte do médico é noticiada com reverências. Será que o médico não era tão ativo na igreja como sua esposa, filhas e filho a ponto de não noticiarem lá a sua morte e sua missa de sétimo dia? Ou foi algum pedido pessoal do médico aos familiares? Não temos essas respostas.

Situação análoga ocorreu na morte do pai de Fernandes Figueira. No *O Paiz*, nos anúncios fúnebres, Manoel pede que não haja luto por ele: “Entre as últimas determinações, que deixou escriptas á família, figura a seguinte: ‘Peço igualmente que não ponham luto por mim; quando muito vistam-se de preto nos primeiros dias, mas sem crepe ou véos’.<sup>34</sup> Na edição do *Correio da Manhã*,

<sup>33</sup> Á SOMBRA da cruz: Alvaro Fernandes Figueira. **A Cruz**: Orgão da Parochia de S. João Baptista. Rio de Janeiro. a. 3, n. 6. 27 nov. 1921. p. 2.

<sup>34</sup> FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Participações fúnebres. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXXV, n. 12.470. 1 de dezembro de 1918. p. 10.

encontramos outro pedido: que não fosse celebrada a missa de sétimo dia para ele.<sup>35</sup> Ou seja, sua doutrina espírita foi respeitada.

Percebemos que de fins do século XIX até a segunda década do século XX há uma lacuna na documentação relativa à vida privada de Fernandes Figueira, no qual sabemos mais a respeito ao que concerne aos seus vínculos religiosos, particularmente sobre seu pai, ligado ao espiritismo e a sua esposa e filhos, ligados à Igreja Católica, como podemos verificar no jornal *A Cruz*. Assim, levantamos a hipótese de que Fernandes Figueira pode ter sofrido influencia religiosa do pai, ainda criança, porém como estratégia de sociabilidade com a elite médica carioca, depois do seu casamento e da formação em medicina, participou dos ritos da Igreja Católica.

Importante lembrar que embora a doutrina espírita fosse tolerada socialmente, desde o código penal de 1890 sua prática era proibida alegando especificamente “crime contra a saúde pública” nos artigos 156, 157 e 158, por vincular o espiritismo à magia e “fascinar a credulidade pública”. Além disso, a classe médica também relacionava as práticas espíritas aos curandeiros e ao exercício ilegal da medicina.<sup>36</sup> Essa informação é interessante para se compreender porque não era cômodo para um médico revelar-se espírita abertamente, visto que suas competências poderiam ser questionadas.

Apesar de todos esses passos percorridos em busca de informações da vida privada de Fernandes Figueira, na busca por jornais, periódicos e outros tipos de documentação, acentuamos a dificuldade de chegar ao íntimo. A constituição das famílias, por exemplo, é um tema extremamente difícil de se investigar quando se pesquisam figuras masculinas, apesar do enaltecimento aos “valores familiares” dos intelectuais. Refletindo acerca da classe social, sua formação médica, trajetória profissional, acabamos por compreender as possíveis motivações de Fernandes Figueira para a tentativa de se inserir na elite médica também por meio da religião.

Percebemos, dessa forma, que um indivíduo durante a vida, participa de vários espaços, pode sofrer influências de opiniões familiares, pode vir a trabalhar em diferentes lugares, conhecer várias pessoas, trocar de opiniões no decorrer do tempo, e, tudo isso simultaneamente, não necessariamente numa ordem cronológica.

---

<sup>35</sup> FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Actos fúnebres. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. a. XVIII, n. 7.215. 28 de novembro de 1918. p. 6.

<sup>36</sup> GOMES, Adriana. A Criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890: As discussões nos periódicos do Rio de Janeiro. **Revista Ágora**, Vitória, n. 17, p. 62-76, 2013.

No entanto, a estratégia de organizar a vida do sujeito em ordenação temporal nos ajuda a compreender de maneira mais clara alguns aspectos da sua trajetória, principalmente os de ordem institucional/profissional. Portanto, no capítulo a seguir, buscaremos compreender a inserção de Fernandes Figueira no corpo social, suas vivências e experiências com o coletivo a partir de sua participação nas diversas instâncias da sociedade.

## CAPÍTULO 1: MEDICINA E NAÇÃO: O INTELLECTUAL E MÉDICO FERNANDES FIGUEIRA

Neste capítulo discutimos a figura do intelectual e médico Antônio Fernandes Figueira. A abordagem sobre esse ponto foi feita a partir de alguns pressupostos da História Intelectual, como a noção de trajetória e mesmo engajamento, analisando aspectos da sua vida e suas obras relacionadas à sua carreira e a sua preocupação com a infância.<sup>37</sup>

Para a construção deste capítulo, utilizamos principalmente o periódico *Brazil-Medico* no período de atuação de Fernandes Figueira, que começa por volta de 1887, se estendendo até 1928 e também alguns recortes póstumos. Ainda foram usados jornais de grande circulação como o *O paiz*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio* no período mencionado.<sup>38</sup> Além do uso dessas fontes, empregamos os debates com a historiografia relacionadas a Fernandes Figueira nos pormenores das suas participações e obras.

Buscamos fazer uma reflexão a respeito do contexto em que Fernandes Figueira está inserido como intelectual, trazendo alguns aspectos mais gerais da sua trajetória, relacionando-os com os ideais higiênicos presentes naquela sociedade, bem como, com o papel que os profissionais da medicina se empenhavam para ocupar naquele momento. Fernandes Figueira, como um homem do seu tempo, é parte integrante deste movimento, refletindo os ideais higiênicos em suas obras, discursos e ações. Discursos que podem refletir as ideias de um intelectual, individualmente, porém são colocados a partir de uma posição social, e não de uma posição neutra e sem outras influências.

Entre meados do século XIX e início do século XX a infância e a maternidade passam a ser propostas como problemas do Estado em razão do alto índice de mortalidade infantil. Recomendar medidas sanitárias com o intuito de melhorar a saúde das crianças adentrou a pauta higienista com vigor nesse momento. Portanto, abordamos o “problema da infância” no contexto, no qual Fernandes Figueira teve ativa participação nas medidas idealizadas para abordar o suposto problema.

---

<sup>37</sup> SANGULARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

<sup>38</sup> Exceto por uma reportagem póstuma datada de 20 anos após a morte do médico.

Grosso modo, organizamos os eixos temáticos deste capítulo da seguinte forma: o princípio da formação de Fernandes Figueira, seu estudo no Colégio Imperial Pedro II e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em seguida, abordamos a sua produção acadêmica no *Brazil-Médico*, entre outras obras publicadas e sua consagração como pediatra. Depois tratamos do retorno do médico ao Rio de Janeiro, já no começo do século XX, e a ocupação de postos profissionais de destaque. Posteriormente, apresentamos o “problema da infância” no contexto e o *Livro das Mães*. E por fim, discutimos acerca das visões do médico sobre a Eugenia e a filantropia, mostrando também um dos motivos de disputa com Moncorvo Filho, outro pediatra ativo no contexto higienista brasileiro e colega de Fernandes Figueira.

### 1.1 A Formação do Intelectual

Não ha certamente em todo o paiz quem não conheça este nome, aureolado por um brilhante prestigio conquistado em anos e anos de esforços resolutamente obstinados ao serviço de uma intelligencia incomum e de uma rara sensibilidade vibratil e delicadissima. Sensibilidade, ai de nós que foi a fragilidade unica daquelle character inteiriço, e que o fez cair, quem sabe, antes de haver soado a sua hora!<sup>39</sup>

Com certa estima os colegas de Fernandes Figueira se despediram, por ocasião de seu falecimento ocorrido em 11 de março de 1928, na sessão “Necrologia”, do periódico *Brazil-Médico*.<sup>40</sup> Aparentemente, foi um intelectual admirado na sua área de atuação que perpassou o ambiente público, a medicina e a academia. Essa atuação se manifestou por meio das publicações de sua autoria, participações em instituições, em eventos e postos profissionais durante a sua carreira.

Um intelectual se configura como ator social, justamente na interação com o seu contexto específico, com instituições e outros grupos. Mas esta interação depende de como a elite letrada é reconhecida na conjuntura em que se encontra. “As estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados.”<sup>41</sup> Fernandes Figueira estava inserido em um cenário onde “coexistiam tanto ‘velhos’ critérios de reconhecimento intelectual e ‘novos’ modelos de

<sup>39</sup> NECROLOGIA. **Brazil-Médico**. Anno XLII. N. 11. 17 março de 1928. p. 310.

<sup>40</sup> NECROLOGIA, *loc. cit.*

<sup>41</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 249.

expressão das ideias, quanto ‘velhos’ tipos sociais e ‘novas’ definições da atividade criadora.”<sup>42</sup>

De tal maneira, dificilmente um médico era “apenas” um médico no Brasil de fins do século XIX e início do século XX. O “doutor” ou o “homem de letras” sabia “um pouco de tudo”.<sup>43</sup> “Nesses termos, tanto melhor era o letrado quanto mais eclético fosse”.<sup>44</sup>

Sob o adjetivo “intelectual” incluíam-se, como já se sabe, os doutores, cronistas, bacharéis, parlamentares, poetas, publicistas, declamadores, médicos, letristas, escritores, conferencistas, acadêmicos, filólogos, romancistas, artistas, oradores, polemistas, professores, prosadores, polígrafos, sábios ou homens de ciências, conhecedores de várias línguas, líricos, enfim, toda uma gama de “espíritos cultos” que, “visando a largos horizontes”, tornavam-se amantes das letras e pensadores.<sup>45</sup>

Mas no fim do século XIX, a intelectualidade começou a se especializar e, aos olhos da elite letrada do período, a ideia de uma dedicação aos estudos para ocupação profissional específica foi se fortalecendo.<sup>46</sup> Foucault também aponta o surgimento do “intelectual específico” no começo do século XX, em detrimento do “intelectual universal”. Esse intelectual específico deriva da figura do “cientista-perito” que começou a aparecer nitidamente com os evolucionistas pós-darwinianos, e que estavam no canto do palco nas últimas décadas do século XIX. “Historicamente, Darwin representa o ponto de inflexão na história do “intelectual universal”. ”<sup>47</sup>

Dessa forma, consideramos que Fernandes Figueira estava inserido justamente nesse período de estreitamento do conceito de intelectual, que começava a se especificar em determinadas áreas, mas coabitava com a figura do “intelectual universal”. Essa ambiguidade pode ser observada nos primeiros anos de estudos do médico.

Antônio Fernandes Figueira nasceu em 13 de junho de 1863 na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou seus estudos primários no Imperial Colégio Pedro II,

<sup>42</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 23.

<sup>43</sup> *Ibid.* p. 47.

<sup>44</sup> *Ibid.* p. 36.

<sup>45</sup> *Ibid.* p. 37.

<sup>46</sup> *Ibid.* p. 14.

<sup>47</sup> FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 11.

onde recebeu o grau de bacharel em letras em 1880.<sup>48</sup> Além de médico, foi poeta e romancista. Adotou o pseudônimo de Alcides Flavio.

Candido de Mello Firmino Leitão<sup>49</sup>, o qual se refere a Fernandes Figueira como “mestre” numa matéria do *Jornal do Commercio*, em 1947, - quase vinte anos depois da morte do pediatra, - escreveu as seguintes palavras:

Há vinte anos da morte de Fernandes Figueira, o maior dos pediatras brasileiros, e que, com Gregorio Araoz Alfaro, da Argentina, e Luis Morquio, do Uruguay, formavam a trindade da Pediatria sul-americana, elevando bem alto o conceito de nossa medicina de crianças nos cultos centros europeus. Seu livro de Semiologia Infantil, publicado em Paris e com lisongeiro prefácio de Hutinel, deu-lhe justo renome em todo o mundo médico. Mas sob essa armadura do sábio austero, do pesquisador sagaz, do clínico conhecer de todos os segredos da especialidade, do grande mestre, palpitava um coração *de artista, vivia um grande poeta* que fez de toda a sua existência a escalada de ideal inatingível. (grifo nosso)

Fernandes Figueira viveu e morreu como poeta, sempre dentro de um sonho, traduzido em múltiplos atos que, embora parecessem estranhos a muita gente, eram, para os que o souberam compreender, a expressão de nobre e elevada poesia.<sup>50</sup>

Percebemos, com este trecho, um estatuto no mínimo duplo (pois além de médico, também era poeta) que o configuram enquanto intelectual. Mas afinal, o que define o estatuto de intelectual? Uma profissão? Uma posição institucional? Engajamento? “Vocação”? Esses são conceitos que Gérard Leclerc apresenta em seu livro *Sociologia dos Intelectuais*. Nele, Leclerc apresenta a abordagem sociológica de estudos dos intelectuais. “O intelectual parece fazer parte daquelas categorias sociais problemáticas que não são nem classes, nem profissões.”<sup>51</sup>

<sup>48</sup> SANGLARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 20-21.

<sup>49</sup> Segundo a página da Academia Nacional de Medicina, Cândido Firmino de Mello Leitão doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1908, defendendo a tese intitulada “Da poliesteatose visceral”. Foi interno do Hospital São Sebastião e Livre Docente da faculdade onde se formou. Por algum tempo, o Dr. Mello Leitão dedicou-se à pediatria, colaborando muito com o compêndio de Pediatria de Fernandes Figueira, escrevendo nele um capítulo importante sobre cardiopatias congênitas. Adiante ficou conhecido como um eminente zoólogo do país. Além disso, foi inspetor sanitário concursado da Diretoria de Saúde Pública. In: CÂNDIDO Firmino de Mello Leitão, **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=238](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=238). Acesso em 17 mai. 2019.

<sup>50</sup> LEITÃO, Cândido de Mello. Fernandes Figueira Poeta. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro. 21 set. 1947.

<sup>51</sup> LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004, p. 10.

Intelectuais<sup>52</sup> são profissionais que detêm uma posição de saber, uma posição de legitimidade de ideias e que de certa forma anuncia a “verdade”. A “verdade” está ligada ao sistema de poder que a produz, apoia e reproduz, constituindo um “regime” da verdade. “É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência/ideologia, mas em termos de “verdade/poder”.<sup>53</sup>

Fernandes Figueira, após os anos no Colégio Pedro II, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Formou-se em medicina em 1887. Frequentou, ainda quando estudante, os cursos livres de pediatria (cursos que abordaremos adiante) ministrados por Arthur Moncorvo de Figueiredo. Tem nessa ocasião, portanto, o começo do caminho que obteve maior notoriedade, o de médico pediatra.

A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro constitui o que podemos chamar de elite institucional da época.<sup>54</sup> Os primeiros dois cursos médicos-cirúrgicos implantados no Brasil estão datados de 1808, com a chegada da família real ao Brasil. Por meio de carta régia, em 18 de fevereiro de 1808, d. João VI criou a Escola Cirúrgica da Bahia. Ao chegar no Rio de Janeiro, inaugurou, em caráter de urgência, a Escola Cirúrgica do Rio de Janeiro. Até virar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, passou por algumas reformas e reorganizações. A primeira foi em 1813, na qual a Escola Cirúrgica se transformou em Academia Médico-Cirúrgica, o que implicou na maior institucionalização dos cursos médicos e novas regras relacionadas à formação foram implementadas.<sup>55</sup>

Antes da vinda da corte portuguesa, a prática médica no Brasil colonial era feita por curandeiros, herbalistas e herdeiros de conhecimentos indígenas

---

<sup>52</sup> O conceito de intelectual como conhecemos hoje, e enquanto substantivo, surgiu por ocasião do caso Dreyfus. Alfred Dreyfus foi injustamente acusado de fornecer documentos secretos ao exército alemão. Preso em 1894, ele é julgado de maneira sumária e condenado à degradação militar e à deportação. Longe de ter sido somente um erro judiciário, o caso Dreyfus correspondeu a uma das maiores crises políticas da III República francesa. Um manifesto cuja assinatura remetia a intelectuais, reivindicavam, como protesto político, a revisão do processo de Dreyfus. Estes ditos intelectuais eram professores universitários, escritores, artistas e etc. e em grande número. In: SILVA, Helenice Rodrigues da. O intelectual no “campo” cultural francês: Do “Caso Dreyfus” aos tempos atuais. **Varia História**. Belo Horizonte. v. 21, n. 34, jul./2005. p. 399.

<sup>53</sup> FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 13-14.

<sup>54</sup> VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Mais cruéis do que as próprias feras?** Aborto e infanticídio nos Campos Gerais - Paraná entre o século XIX e o século XX. Dissertação. (Mestrado em História) – UFPR. Curitiba, 2005. p. 59.

<sup>55</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 194-195.

e africanos, que eram fiscalizados por agentes do Reino, normalmente “amadores”.<sup>56</sup> Ou seja, a prática médica não era institucionalizada.

A partir da criação das escolas cirúrgicas, a medicina iniciou o seu processo de consolidação enquanto atividade distinta daquela exercida popularmente, ou seja, seu distanciamento “em relação aos que chamavam de ‘charlatães’ (todos os curandeiros, práticos, benzedeiros, herbalistas, barbeiros, sangradores, espíritos, boticários, homeopatas”<sup>57</sup>, etc.), o que levou à fundação, em 1829, da Sociedade de Medicina.<sup>58</sup> Foi a partir desse grupo que se elaborou o novo projeto de transformar as Academias Médico-Cirúrgicas em “Faculdades de Medicina”, em 1832, onde agora concedia os títulos de doutor em medicina, farmacêutico e parteiro, abolindo o de sangrador.<sup>59</sup>

Diante desta institucionalização, a atuação e o papel dos médicos no Brasil começavam a se redefinir. Nesse sentido:

A criação de instituições de formação médica, sobretudo após 1870 (na Bahia e no Rio de Janeiro), não garantiu que o saber médico acadêmico fosse reconhecido socialmente como preponderante e hegemônico no atendimento à saúde. Nesse período, o médico deveria se fazer acreditar e é possível pensar na hipótese de que os médicos, inicialmente, precisaram se preocupar mais com sua imagem do que com sua técnica.<sup>60</sup>

Os médicos profissionais, no sentido de serem formados por instituições, conviviam com as práticas de uma medicina popular, nem sempre rejeitando seus conhecimentos, até porque havia uma falta de hábito em solicitar atendimento dos raros médicos atuantes neste período. A população comumente tinha o sentimento de que a cura de doenças era um ato de fé, ou era solucionado de outras formas.<sup>61</sup>

A medicina apresentava concepções de doença e de cura baseadas em um modelo de relação médico-paciente desconhecido e estranho para boa parcela da população – especialmente aquela que não seguia com tanto rigor os padrões comportamentais recomendados por esculápios.<sup>62</sup>

<sup>56</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 192.

<sup>57</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 110.

<sup>58</sup> SCHWARCZ. *op. cit.* p. 196.

<sup>59</sup> SCHWARCZ, *loc cit.*

<sup>60</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 89.

<sup>61</sup> *Ibid.* p. 91.

<sup>62</sup> PEREIRA, *loc. cit.*

Concomitante a isso, os médicos se colocavam como vozes da ciência, diferente dos “outros” (curandeiros, parteiras, homeopatas, etc.).

Na medida em que mais médicos se formavam, - significando mais concorrência, - houve uma segmentação do mercado de profissionais da medicina, favorecendo a inserção de recém-formados na profissão, e diluindo a atuação dos clínicos generalistas.<sup>63</sup> A partir daí começam a se institucionalizar especialidades, como médicos oculistas, médicos da pele, especialistas em medicina das mulheres, por exemplo, bem como especialistas em moléstias das crianças, área de atuação de Fernandes Figueira.

Nesse contexto, de finais do século XIX e início do século XX, ocorreria o surgimento de consultórios médicos voltados ao atendimento especializado da criança, os dispensários médicos, as policlínicas e hospitais que pretendiam atender somente crianças. Como vimos, é um momento de surgimento de novas percepções sociais e também de criação de instituições voltadas especialmente para o cuidado médico especialista em uma parcela etária da população.<sup>64</sup>

A pediatria e a puericultura, - sempre andando lado a lado com a obstetrícia, “a medicina da mulher” – começam a se esboçar no Brasil a partir de 1882, por Carlos Arthur Moncorvo Figueiredo, que “apresentou ao então ministro dos Negócios do Império Rodolfo Dantas texto intitulado *Rápida indicação dos motivos que justificam a criação nas faculdades de medicina brasileiras de uma cadeira de clínica de moléstias de crianças.*”<sup>65</sup>

Em justificativa ao Governo Imperial para a criação dessa cadeira, Moncorvo de Figueiredo destacava: “A freqüência exagerada das moléstias que assaltam a infância, a sua crescida letalidade e finalmente as particularidades que oferecem tais moléstias demonstram a necessidade inadiável de se prestar à criança doente grande soma de cuidados especiais, cuidados que exigem por sua vez conhecimentos que só pode possuir o médico que se tenha consagrado ao estudo aliás difícil da patologia infantil”.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX.** Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 52-53.

<sup>64</sup> *Ibid.* p. 91.

<sup>65</sup> SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 26, n. 44. p.437-459, jul./dez. 2010. p. 440.

<sup>66</sup> SANTOS, Renata Cavalcante Kuhn dos; RESEGUE Rosa; PUCCINI Rosana Fiorini. Puericultura e a Atenção à Saúde da Criança: Aspectos Históricos e Desafios. **Journal of Human Growth and Development**. v. 22 n. 2. p. 160-165. 2012. p. 164.

Em 1881, Moncorvo de Figueiredo fundou a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, local onde ministrou a primeira aula informal de pediatria em 01 de agosto de 1882. Informal porque as aulas e a especialidade ainda não estavam institucionalmente vinculadas com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. “Durante todo o século XIX, predominou, no Brasil, o denominado ‘ensino livre’. Apesar de existirem faculdades oficiais, os estudantes poderiam frequentar também cursos particulares ou ‘livres’.”<sup>67</sup>

Em 1883, oficialmente, foi criada a cadeira de Clínica Médica e Cirúrgica de Crianças na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que se manteve até 1911<sup>68</sup>, e teve como primeiro catedrático o médico baiano Barata Ribeiro.<sup>69</sup> O período no qual Fernandes Figueira é acadêmico, coincide com a criação da cátedra de pediatria nessa faculdade.

O percurso dele como pediatra se iniciou como assistente de Barata Ribeiro nesse cargo, além de frequentar os cursos livres ministrados por Moncorvo. A partir dessas participações, o médico voltou-se à prática dessa especialidade, que ainda estava em seu nascedouro naquele momento. Gisele Sanglard aponta que juntamente com Moncorvo Filho e Luiz Barbosa, Fernandes Figueira fez parte da primeira geração de pediatras brasileiros.<sup>70</sup>

Segundo as autoras Renata Prudencio da Silva e Ana Teresa A. Venancio, apesar do médico Fernandes Figueira frequentar o curso informal de pediatria de Moncorvo de Figueiredo, ele também se interessava pela matéria psiquiátrica, considerando a sua tese de doutoramento, intitulada *Condições patogênicas e modalidades clínicas da histeria*, defendida na Faculdade de Medicina.<sup>71</sup> Isso explica sua qualificação e gosto pelo trabalho na seção infantil do Hospício Nacional de Alienados, que assumiria mais tarde em 1904. Infelizmente não tivemos acesso a essa tese para maiores análises.

---

<sup>67</sup> PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser Médico no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. p. 109.

<sup>68</sup> CIAMPO, Luiz Antonio Del. CIAMPO, Ieda Regina Lopes Del. Curso de Medicina e ensino de Pediatria nas escolas médicas brasileiras. **Pediatria**. São Paulo, v. 32, n.1, p. 9-14, 2010. p. 11.

<sup>69</sup> SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 26, n. 44: p.437-459, jul./dez. 2010. p. 444.

<sup>70</sup> *Ibid.* p. 21.

<sup>71</sup> SILVA, Renata Prudêncio da; VENANCIO, Ana Teresa A. Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrica para a infância no início do século XX. In: SANGLARD, Gisele; et. Al. **Filantropos da Nação**: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 203.

O reconhecimento de Fernandes Figueira como intelectual no campo médico foi sendo construído a partir do seu doutoramento<sup>72</sup> na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e das suas pesquisas publicadas no principal periódico da época, o *Brazil-Médico*, sobre o qual falaremos a seguir.

## 1.2 Fernandes Figueira e o Brazil-Médico

Segundo Gisele Sanglard, que analisou a biografia de Fernandes Figueira construída por Solidônio Leite em 1929, o médico, após se formar, teve um período de “isolamento” em Juiz de Fora, Minas Gerais.<sup>73</sup> Não se sabe exatamente o começo do período deste afastamento, mas supõe-se que tenha sido entre 1894 e 1896, e que a sua volta para o Rio de Janeiro tenha acontecido em 1900.

Em discurso publicado no *Brazil-Médico*, por ocasião de um mês da morte de Fernandes Figueira, em abril de 1928, o médico Fabino Sodré<sup>74</sup> pontua: “Dez anos de repouso nas montanhas de Minas, *bendito repouso para não bemdizer a doença que o provocou*, permittiram a Figueira adquirir as bases de extraordinária cultura médica, encanto dos que o conheceram e dos que o lêem.” (grifo nosso)<sup>75</sup> Podemos supor com este trecho, portanto, que o período de afastamento pode ter ocorrido devido a alguma doença e que durou aproximadamente dez anos.

Apesar de não exercer serviço público neste período, embora tenha aberto uma clínica em Simão Pereira, distrito de Juiz de Fora, “seu isolamento foi apenas físico”.<sup>76</sup> Foi neste momento da vida que Fernandes Figueira teve a maioria

<sup>72</sup> Como já foi colocado anteriormente, a partir da reforma de 1832, a Faculdade concedia os títulos de doutor em medicina, farmacêutico e parteiro. Essa titulação correspondia a uma graduação com especialidade, não um doutorado nos moldes atuais.

<sup>73</sup> SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. *Intellèctus*, a. XIII, n. 2, 2014. p. 87.

<sup>74</sup> Os únicos dados relacionados a este médico que foram encontrados estão disponíveis nesse mesmo texto da revista. Fabino Sodré assina como “Médico da Assistência de Alienados do Rio de Janeiro” e em parte do discurso diz “vêde-me substituto de Figueira, vêde-me nesta tribuna, e não fui seu discípulo, e menos ainda seu amigo. Pequena injustiça, de que me suppuz victima, separou-nos no limiar de minha carreira profissional. [...] Rotas as nossas relações sociaes, nunca deixei de lhe render as homenagens devidas ao seu real valor.” In: SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. *Brasil-Médico*. a. XLII, n. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928. p. 417. Fora esta publicação do Brasil-Médico não se tem mais nenhuma informação sobre quem foi Fabino Sodré, visto que não teve mais publicações na revista, não está vinculado à Academia Nacional de Medicina, e nem é citado em nenhuma bibliografia. Não se tem certeza, mas supõe-se que seja algum sucessor de Fernandes Figueira no Hospital Nacional dos Alienados ou algo neste sentido.

<sup>75</sup> SODRÉ, *loc. cit.*

<sup>76</sup> SANGLARD, Gisele (Org.). *Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 22.

dos seus sete filhos, e produziu o seu livro de maior destaque e consagração: *Éléments de Sémiologie Infantile* que seria publicado mais tarde. Também escreveu o *Diagnóstico das Cardiopatias Infantis*, e publicou alguns artigos no periódico *Brazil-Médico* neste período.<sup>77</sup>

As publicações em revistas periódicas eram a forma mais eficaz de circulação de ideias, em comparação com os livros e jornais cotidianos para se espalhar e comunicar conhecimento científico.<sup>78</sup> A explosão numérica das revistas após a mudança do regime político do fim do século XIX “só atesta essa enorme disposição intelectual em produzir e semear ideias novas”.<sup>79</sup>

Nesse caso dadas as minguadas condições técnicas que emperravam a publicação dos livros, a imprensa periódica tornava-se o vetor mais adequado para atender tamanho empenho, sobretudo pela veloz circulação dos seus produtos. As revistas tornaram-se, assim, o mais almejado espaço para a propagação de ideia e para uma dedicação sistemática à atividade pensante.<sup>80</sup>

A *Brazil-Médico*, revista semanal que era vinculada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, começou a ser impressa em 1887. Em 1888, Figueira aparece nas informações do *Expediente* da revista como “Dr. Antonio Figueira”. Estava na lista de correspondentes das províncias, representando Lage de Muriahé – Rio de Janeiro.<sup>81</sup> Em 1900, na sessão *Chronica e Notícias*, o pediatra aparece na lista de “Colaboradores Efetivos” da revista ao lado de outros renomados médicos brasileiros.

Para a longa existência do *Brazil-Médico* muito tem contribuído o seu atual corpo de redacção composto dos Drs. A. Sodré, Bulhões Carvalho, Ismael da Rocha, Nina Rodrigues, Carlos Seidl, Brant Paes Lemes, Miguel Couto, Marcio Nery, Guedes de Mello, *Fernandes Figueira*, Oswaldo Cruz, Miguel Pereira e Luna Freire.<sup>82</sup> (grifo nosso)

O grande diferencial dessa revista, segundo Lilia Moritz Schwarcz, foi sua extrema regularidade e estabilidade. Em cinquenta anos nunca deixou de lançar

<sup>77</sup> SANGLARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 22, 23.

<sup>78</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 43.

<sup>79</sup> SÁ, *loc. cit.*

<sup>80</sup> SÁ, *loc. cit.*

<sup>81</sup> EXPEDIENTE. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan./dez. 1888. p. 170.

<sup>82</sup> CHRONICA e notícias. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. XIV, n. 5. 1 de fevereiro de 1900. p. 44.

um número, e manteve sua equipe de produção inalterada durante vinte e cinco anos.<sup>83</sup>

De acordo com Tania Regina de Luca, que discute sobre periódicos como fontes históricas:

Os jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna objetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideia, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.<sup>84</sup>

Jean-François Sirinelli pontua que as revistas são um precioso lugar de análise do movimento das ideias e que são, também, “lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”,<sup>85</sup> e um “ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum.”<sup>86</sup> Dessa forma:

As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste.<sup>87</sup>

Entretanto, isso não significa que todos os participantes desses espaços de sociabilidades possuíssem, de fato, uma afetividade ou uma concordância geral uns com os outros. A investigação das redes de sociabilidades dos grupos intelectuais permite desvendar, além das afetividades, as tensões, polêmicas e disputas que ocorreram nesses espaços.<sup>88</sup> Na revista *Brazil-Médico* isso não se expressaria de maneira diferente.

A criação e direção da revista é atribuída a Azevedo Sodré, médico e professor da cadeira de clínica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Segundo

<sup>83</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 218

<sup>84</sup> LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 140.

<sup>85</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 249.

<sup>86</sup> LUCA, *op. cit.* p. 140.

<sup>87</sup> *Ibid.* p. 141.

<sup>88</sup> CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais e a escrita da história – As contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. **Escritas**. v. 8, n. 2. p. 265-278, 2016. p. 275.

o diretor, havia urgência da criação de uma medicina brasileira original, na tentativa de se evitar o “dogma estrangeiro” na construção de uma medicina nacional própria.<sup>89</sup>

A historiografia dos intelectuais no Brasil se ocupa, desde a década de 1970, do tema das “ideias fora do lugar”. A expressão, cunhada pelo crítico literário Roberto Schwarz (1977), consagrou a interpretação da produção intelectual brasileira oitocentista pelo viés da ‘importação cultural’. Ostentatória e em descompasso com a ‘realidade nacional’, não passaria de uma cópia de modelos teóricos e estrangeiros, não poucas vezes contraditórios entre si ou já suplantados e obsoletos na própria Europa.<sup>90</sup>

Na revista se publicavam as pesquisas e registros clínicos dos médicos nacionais, sobretudo sobre as doenças tropicais com o objetivo de criação de uma ciência original brasileira. Isso demonstra a inadequação da proposição de “ideias fora do lugar”, já que com o *Brazil-Médico* e outros periódicos, já se realizava uma produção brasileira do saber científico no período oitocentista.

Esta revista também começa a divulgar a profissão, no sentido de uma prática médica institucionalizada, em detrimento do “charlatanismo”, num distanciamento destes, na conformação de uma identidade de grupo dos médicos.<sup>91</sup>

Assegurar que aquela ‘nova geração’ era ‘científica’ ao contrário das anteriores, não significava somente valorizar-lhes os métodos práticos e experimentais. Os homens de ciência que se formaram e atuaram na virada do século XIX para o XX percebiam-se como os primeiros a contribuir para a fixação definitiva de instituições, padrões de análise e normas de conduta social para a ciência brasileira.<sup>92</sup>

Com o fortalecimento das práticas higienistas, o *Brazil-Médico*, se abre “nas primeiras décadas do século, para a entrada maciça de artigos na área de higiene pública e saneamento,”<sup>93</sup> e são os médicos cariocas, - se comparados aos médicos baianos, por exemplo, - que mais facilmente alcançarão posições de relevo na política nacional, justamente por sua proximidade com os locais de influência político-financeira do país, se tornando os principais responsáveis pelos projetos científicos e higiênicos de sucesso. “Diante dessa nova medicina social ficam cada

<sup>89</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 218-220.

<sup>90</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 27-28.

<sup>91</sup> SCHWARCZ, *op cit.* p. 222.

<sup>92</sup> SÁ, *op. cit.* p. 119.

<sup>93</sup> SCHWARCZ, *op. cit.* p. 226.

vez mais evidentes os campos de tensão intelectual. É de fato uma disputa entre médicos e juristas, higienistas e legisladores que se radicalizava.”<sup>94</sup>

Primeiramente podemos perceber uma tensão entre médicos baianos e cariocas. Mas os projetos científicos e higiênicos na própria capital revelam diferentes visões e interesses. A divergência entre algumas ideias de Moncorvo Filho e Fernandes Figueira, às quais falaremos mais adiante, pode ser exemplo disso.

Segundo Tania Regina de Luca, os discursos adquirem diversos significados, inclusive pelos procedimentos tipográficos em que são impressos. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir.<sup>95</sup> Fernandes Figueira publicava com certa frequência na *Brazil-Médico* e dessa forma, compartilhava desses dogmas vinculados pela mesma. Como já mencionado anteriormente, mesmo afastado do Rio de Janeiro, ele se manteve em contato com a elite médica da cidade por meio das suas publicações, inclusive com uma publicação internacional:

[...] apesar de ter se ido morar no interior, Fernandes Figueira se manteve em contato com a elite médica do Rio de Janeiro em sua forma mais visível: através das publicações no principal periódico da época. E é este contato que lhe permitiu publicar seus artigos e seu livro, sem contar sua ligação com importantes médicos e políticos do período, como Moncorvo de Figueiredo, Barata Ribeiro e Francisco Portella. Sua internacionalização deveu-se à sua tese, premiada pela ANM, que, segundo Solidônio Leite, fora publicada, em 1896, na revista britânica *Lancet* (LEITE, 1929: 8).<sup>96</sup>

De acordo com Gisele Sanglard, a publicação de Fernandes Figueira na revista britânica *Lancet*, seria sobre a sua tese premiada pela Academia Nacional de Medicina. Mas ao analisarmos a publicação de Fernandes Figueira na revista, intitulada *An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood*,<sup>97</sup> de 1896, percebemos que não é a tese premiada que fora publicada, e sim a tradução de um artigo já publicado no *Brazil-Médico*, em 1894, intitulado *Semeiotica do aparelho uropoietico*<sup>98</sup> no qual ele trata sobre o sistema urinário das crianças.

<sup>94</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 238.

<sup>95</sup> LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 140.

<sup>96</sup> SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. **Intellèctus**, a. XIII, n. 2, 2014, p. 88.

<sup>97</sup> FIGUEIRA, Fernandes. An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood. A Chapter from an Unpublished Book on Diagnosis in Children. **The Lancet**. Inglaterra. v. 148, i. 3811, p. 736-742, 12 sep. 1896.

<sup>98</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Semeiotica do aparelho uropoietico. Clinica Pediatrca. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. VIII. n. 14. 8 de abril de 1894. p. 107.

Esta publicação na *Lancet* aparentemente fora importante tanto para Fernandes Figueira, quanto para a revista *Brazil-Médico*, que publicou na seção de *Chronica e Noticias* o ocorrido, dando “Distinção Honrosa” ao médico, título que dá certa notoriedade ao fato e as publicações de Fernandes Figueira:

Distinção Honrosa – A <Lancet>, da Inglaterra, acaba de verter para o inglez e publicar em suas columnas, acompanhado das mais lisonjeiras referencias ao seu autor, o trabalho de nosso distincto collega Dr. Fernandes Figueira, sobre a semeiotica, do aparelho uro-poietico das crianças.

O notabilissimo órgão dos conhecimentos medicos da Grã-Bretanha precede a publicação do trabalho de uma longa apreciação, em que salienta com toda a imparcialidade o valor dessa contribuição para o esclarecimento de um assumpto difficil de pediatria, qual o do aparelho urinario.

[...]

Nós felicitamo-lo pela honrosa distinção, que não é dado a muitos lograr, e que de certo modo representa sobre as letras medicas brasileiras, tão pobres de cultores, merecido applauso.<sup>99</sup>

Esse movimento de distinção honrosa não deixa de ser uma tentativa de convencimento dos pares no Brasil de que tanto a pesquisa do médico, quanto a própria revista é confirmada por comunidades médicas estrangeiras. Nesse sentido, apesar de ser a revista *The Lancet*, - uma das mais antigas e conhecidas revistas médicas do mundo -, o fato de ser “estrangeira”, especialmente europeia, já bastava para que a autoridade de tal comunidade estivesse reconhecida.<sup>100</sup>

Como pode ser observado no Apêndice A, de acordo com o levantamento feito, há 56 publicações do Fernandes Figueira entre o ano de 1888 a 1928 no *Brazil-Médico*. Além destas, foram adicionadas ao quadro mais 6 publicações que não são de autoria do médico, mas são diretamente ligadas à sua imagem, - como *Homenagem ao Dr. Fernandes Figueira* de autoria de Dr. Moncorvo e Pedro da Cunha, publicada em 1921, - ou também respostas a ele sobre discussões médicas, como *Terminologia Médica* de autoria de Plácido Barbosa, publicado em 1905, expondo disputas discursivas que aconteciam na revista.

As publicações de artigos médicos mais longos, em específico, de autoria de Fernandes Figueira no *Brazil-Médico*, aparecem em números dos anos de 1888, 1894, 1896, 1897, 1898 e 1899.

<sup>99</sup> CHRONICA e noticias. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. X, n. 41. 1 de novembro de 1896. p. 360-361.

<sup>100</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 108-109.

À exceção do primeiro, publicado na seção de Bacteriologia sob o título “Micróbios e Câncer”, todos seus artigos versam sobre temas relacionados a pediatria. Neles, Fernandes Figueira trata acerca de várias doenças e perturbações da infância como: um caso de verminose, remédio para diarreias infantis, exame do baço, semiologia do aparelho urinário, influenza nas crianças, semiologia da dentição, etc. Mas mesmo no artigo publicado na sessão de bacteriologia, o médico toca em tema relacionado com estudos de cânceros da mama, discutindo micróbios do câncer a partir de amostras tiradas de mamas e glândulas mamárias de animais<sup>101</sup>, (apesar de ser de maneira muito breve e utilizando-se de outros tipos de amostra), o que se pressupõe certa ligação com saúde da mulher e amamentação.

A partir de 1900, Fernandes Figueira aparece mais na coluna *Formulario Practico*, deixando de publicar longos artigos com frequência. Nessa coluna, os médicos costumavam publicar receituários para a cura de doenças, especificamente apresentando os ingredientes das fórmulas. Fernandes Figueira publica nesse espaço o tratamento de doenças como: coriza aguda de lactantes, bronquite crônica em crianças, pneumonia infantil, entre vários outros tratamentos, em sua maioria para a aplicação em bebês e crianças.

Há também, a partir de 1911, a participação de Fernandes Figueira na coluna *associações científicas*. Em 1910, o médico fundou a *Sociedade Brasileira de Pediatria*.<sup>102</sup> As sessões de discussão dessa e de outras agregações médicas eram publicadas no periódico. Figueira assina como presidente dessa sociedade e, portanto, comanda as sessões. Por esse motivo, entre esse ano e 1928, a maioria das menções ao seu nome são referentes as participações nessas sessões da Sociedade de Pediatria.

### 1.3 Início da atuação médica no Rio de Janeiro

Já consagrado por suas publicações, Fernandes Figueira retornou em 1900 para o Rio de Janeiro.<sup>103</sup> “Foi logo encaminhado ao serviço público pelas Mãos

<sup>101</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Os Microbios do Cancer. Revista de Bacteriologia. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan-Dez. 1888. p. 213.

<sup>102</sup> ANTONIO Fernandes Figueira. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/pessoas/pessoa/peid/antonio-fernandes-figueira>. Acesso em: 08 out. de 2020.

<sup>103</sup> SANGIARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 23.

do sanitista Oswaldo Cruz, tornando-se responsável pela direção da enfermaria de doenças infecciosas de crianças do hospital São Sebastião.”<sup>104</sup>

O pediatra ficou neste cargo de chefe da enfermaria das crianças entre 1900 e 1910.<sup>105</sup> Esse foi o seu primeiro cargo de funcionário público. Seu contato inicial com Oswaldo Cruz, apesar de não documentado<sup>106</sup>, se justifica por si só, através da sua rede de sociabilidades, em especial a construída na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e também na revista *Brazil-Médico*, no qual os dois possuem publicações e são citados. De qualquer forma, Gisele Sanglard aponta que essa conexão “se deu em 1902, quando Oswaldo Cruz era diretor da Diretoria Geral da Saúde Pública (DGSP)”.<sup>107</sup>

Entre os personagens importantes para a sua trajetória, Fernandes Figueira cita, além de Oswaldo Cruz, Carlos Seidl, Juliano Moreira, Carlos Chagas, Eduardo Rabello, Plácido Barbosa, Leitão da Cunha, Alberto Cunha e João Albuquerque. Em comum, o fato de serem, todos médicos e, em sua maioria, vinculados à saúde pública na Primeira República. Vê-se, portanto, que, em sua avaliação, era sua feição de homem público que merecia ser lembrada. E foi essa vertente de sua atuação que marcou a narrativa de seus colegas sobre ele.<sup>108</sup>

No mesmo ano em que foi eleito titular na Academia Nacional de Medicina, em 1903, publicou o livro que o consagrou internacionalmente, *Elements de Semiologie Infantile*, com o prefácio de Victor Hutinel, conhecido médico pediatra francês.<sup>109</sup> A obra foi logo adotada “no ensino médico brasileiro e considerada por pediatras europeus a melhor no gênero.”<sup>110</sup>

No discurso pronunciado em nome da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, na ocasião de um mês da morte de Fernandes Figueira, publicado no *Brazil-Médico*, o Dr. Fabino Sodré aborda esse livro como fundamento para Juliano

<sup>104</sup> ANTÔNIO Fernandes Figueira. **Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/antoniofernandes.htm>. Acesso em: 08 jun. de 2019.

<sup>105</sup> SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). **Est. Hist.** Rio de Janeiro. v. 27, n. 53, p. 71-91, jan./jun. 2014. p. 77.

<sup>106</sup> SANGLARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 23.

<sup>107</sup> *Ibid.* p. 17.

<sup>108</sup> *Ibid.* p. 17-18.

<sup>109</sup> SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. **Intellèctus**, a. XIII, n. 2, 2014, p. 89.

<sup>110</sup> ANTÔNIO Fernandes Figueira. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAISo86F9EzkDXI3w](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAISo86F9EzkDXI3w). Acesso em: 08 jun. de 2019.

Moreira escolhe-lo para chefiar o pavilhão de Bourneville no Hospício Nacional de Alienados:

Mas lhe valeu a Figueira a prova de capacidade do seu livro, cousa tão rara em nosso paiz, por fixar a atenção e o apreço de Juliano Moreira, àquella tempo occupado com a grande reforma da Assistencia a Alienados. Foi-lhe confiado o serviço clínico de crianças, inaugurando-se o Pavilhão de Bourneville em começo de 1904.<sup>111</sup>

Desde 1904, portanto, Fernandes Figueira atuou no Pavilhão de Bourneville, chefiando o serviço clínico de crianças na instituição. Em biografia feita por Solidônio Leite em 1929 e analisada por Gisele Sanglard em 2014, o próprio Figueira destaca pontos de sua trajetória para serem inseridos na sua história de vida. Entre esses pontos, que segundo ele, são dignos de serem lembrados, está o “seu trabalho junto a Juliano Moreira, no pavilhão Bourneville do Hospício Nacional de Alienados”.<sup>112</sup>

Gérard Leclerc assinala em *Sociologia dos Intelectuais* que um problema de ordem teórica e metodológica desta abordagem se refere “a abundancia do discurso dos intelectuais sobre si mesmos”.<sup>113</sup> São tanto produtores de discursos, quanto produtos dos seus discursos:

Ao contrário de grupos mais discretos, os intelectuais são eloquentes, fazedores de discursos dos mais variados gêneros. Afinal, são homens do espaço público, no sentido histórico, sociológico e simbólico que Habermas deu ao termo. São os profissionais da palavra falada e escrita, da introspecção, da análise, do exercício da Inteligência. Conhecem os circuitos da edição, da publicação, da publicidade, da mídia... Como surpreender-se então que eles se tomem frequentemente como objetos de seus próprios discursos? É muito natural que se julguem bem colocados para falar de si mesmos: estão a par de muitas coisas, inclusive de segredos relativos aos poderes e às elites culturais.<sup>114</sup>

Isso gera certas dificuldades quando buscamos reconstruir a biografia desses indivíduos, considerando sua trajetória, bem como a sua memória.<sup>115</sup> Jean-François Sirinelli aponta que no viés historiográfico dos estudos dos intelectuais

<sup>111</sup> SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. **Brasil-Médico**. a. XLII, n. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928. p. 418.

<sup>112</sup> SANGULARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. **Intellèctus**, a. XIII, n. 2, 2014. p. 82.

<sup>113</sup> LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004. p. 12.

<sup>114</sup> *Ibid.* 12-13.

<sup>115</sup> *Ibid.* p. 12.

também são encontradas dificuldades com a abundância de documentação, com referência à “síndrome do mineiro”:

Quem trabalha com a história dos intelectuais é ameaçado pelo que se poderia chamar de síndrome do mineiro, de tal forma a abundância do material a ser tratado torna estas frases de Tocqueville: “Eu era como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com o meu tesouro”. E mesmo que consiga retornar à superfície com suas notas, o pesquisador que trabalha com intelectuais corre o risco de ver seu estudo sufocado, mais que recheado, pelo que Thibaudet chamava de uma ‘filoxera das fichas’, fichas estas suscitadas por um grupo social onde todos têm, em essência, a pena sempre alerta.<sup>116</sup>

Essa abundância de discursos intelectuais, e de fontes para o estudo destes, é de fato um obstáculo, pela quantidade de material a ser analisado, porém a reconstituição de uma simples biografia de determinado indivíduo pode vir a ser minimizador de sujeitos. De maneira alguma pretendemos isto com Fernandes Figueira. Enfatizamos que o foco da sua trajetória nessa dissertação foi direcionado aos universos sociais públicos e institucionais que abrangem disputas e concorrências pela “verdade”.<sup>117</sup>

Um exemplo dessa atuação institucional do médico poder ser encontrado no Pavilhão de Bourneville. Apesar de não se saber precisamente a datação em que Fernandes Figueira parou de chefiar a sessão pediátrica, uma receita médica assinada pelo mesmo, de 11 de janeiro de 1924 ainda traz “pediatra do Hospital Nacional de Alienados”.<sup>118</sup> Ou seja, trabalhou na instituição entre 1904 e 1924 no mínimo, e neste meio tempo, o pediatra ocupou vários outros cargos, de forma simultânea.

Um deles se iniciou em 1909, quando se inaugurou a Policlínica das Crianças Pobres da Santa Casa de Misericórdia (SCMRJ, 1909-1928), onde Fernandes Figueira foi diretor ao longo de 14 anos, até 1923. Essa Policlínica foi

<sup>116</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 244-245.

<sup>117</sup> “Por “verdade”, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.” In: FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 14.

<sup>118</sup> SILVA, Renata Prudêncio da; VENANCIO, Ana Teresa A. Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrica para a infância no início do século XX. In: SANGIARD, Gisele; et. Al. **Filantropos da Nação**: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 204.

aberta a partir de financiamento filantrópico feito pelo diretor presidente do *Jornal do Commercio*, José Carlos Rodrigues.<sup>119</sup>

A Policlínica das Crianças funcionava como uma policlínica especializada em saúde infantil, e seus serviços ambulatoriais e domiciliares serviram de laboratório para a experimentação de práticas de assistência sob as quais se apoiariam as políticas sociais de proteção à maternidade e à infância pobres instituídas por Fernandes Figueira a partir de sua nomeação em 1921 para a direção da Inspetoria de Higiene Infantil (IHI) do DNSP, órgão de saúde de âmbito federal comandado por Carlos Chagas, na época também diretor do Instituto Oswaldo Cruz.<sup>120</sup>

A Policlínica das Crianças é uma das várias ações filantrópicas relacionadas à saúde, que foram fundadas no Rio de Janeiro. Nessa Policlínica, portanto, é onde Fernandes Figueira começa suas experiências com a assistência à maternidade e à infância que seriam instituídas em âmbito federal a partir de 1921. Não podemos deixar de notar que, sob uma aparência filantrópica e assistencial, a policlínica foi um laboratório de práticas médicas para a população pobre, sendo motivadas pelas concepções eugênicas e higienistas preeminentes no contexto.

#### 1.4 Brasil Higienico e o “Problema da Infância”: apresentando o Livro das Mães

Quando falamos do contexto carioca da Primeira República, ou seja, o período de maior atuação de Fernandes Figueira, no início do século XX, perpassamos um momento que foi marcado pelo aumento da urbanização, das práticas capitalistas e da busca pela legitimação do pensamento científico. Tudo isso atrelado à ideia de “regeneração” do país e a busca do fortalecimento da nação.<sup>121</sup>

O crescimento veloz da cidade [Rio de Janeiro] não ocorreu pela progressiva intensificação industrial, apesar de concentrar grande número de indústrias, mas, sobretudo, por sua condição de centro administrativo e financeiro, comercial, político e cultural do país, que atraía populações originárias de outras cidades e do exterior. Na passagem do século, o Rio de Janeiro era o maior centro cosmopolita do país, estabelecendo relações comerciais e culturais com a Europa e os Estados Unidos. Essa situação tornou o Rio de Janeiro, nas últimas décadas do século passado [XIX], o maior e mais

<sup>119</sup> SANGULARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 58, 61.

<sup>120</sup> SANGULARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 53, p. 71-91, jan./jun. 2014. p. 78.

<sup>121</sup> SCHWARTZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. A primeira República e o Povo nas Ruas. In: **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 318 – 351.

moderno centro urbano do país, e isso refletiu de maneira evidente na estrutura e nos modos de vida presentes na cidade.<sup>122</sup>

A princípio, no alvorecer do século XX, o projeto higienizador se preocupava com os problemas da estrutura e infraestrutura das cidades e das habitações, mas não demorou em se incomodar com os hábitos da população, numa dimensão social. Conforme definiam as elites, essa população possuía “péssimos costumes”, contribuía para a insalubridade da cidade,<sup>123</sup> e consequentemente atrapalhava o desenvolvimento da nação. O projeto começou com ações em três planos: no espaço público, no espaço privado e no modo de vida das pessoas.<sup>124</sup>

A reforma do prefeito Pereira Passos, que aconteceu entre 1903 e 1906, conhecida como “Bota abaixo” devido a demolição do velho centro carioca, almejava a construção de uma “nova cidade” com a abertura de avenidas, e um suposto “embelezamento” do centro, inspirada nas reformas parisienses. Em razão dessa reforma estrutural, consequências acabaram chegando aos mais desfavorecidos, como os encortiçados, velhos moradores, pequenos comerciantes e ambulantes, especialmente negros, que foram expulsos para o subúrbio do Rio de Janeiro.<sup>125</sup>

As questões confrontadas nesse período de começo do século XX, avançavam para além da estrutura física das cidades, e tocavam sobretudo nos problemas sanitários e das epidemias:

Talvez, nesse período de passagem do século, as questões mais sérias fossem a insalubridade da cidade e as epidemias que atingiam a todos, ricos e pobres, brasileiros e estrangeiros. Com o tempo, essa questão deixou de ser apenas um problema médico-sanitário, para transformar-se numa das justificativas principais para a reordenação e o disciplinamento do espaço urbano. Esse combate não significava apenas a luta contra as moléstias e epidemias, mas, sobretudo, a surda guerra contra a “massa incivilizada” e doente. Assim, os projetos para remodelar e embelezar a cidade deveriam passar necessariamente pela luta contra as doenças e a insalubridade.<sup>126</sup>

<sup>122</sup> MORAES, José Geraldo Vinci de; PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena (Coords). **Cidade e Cultura Urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994. p. 56.

<sup>123</sup> CONCEIÇÃO, Carlos Lima da. A Bahia e a “civilização”: a cidade do Salvador no Brasil republicano. **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Bahia. n. 01. a. 1. ago. 2010. p. 4.

<sup>124</sup> MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas consequências espaciais. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais**. [...] São Paulo, 2011.

<sup>125</sup> MORAES; PRADO; CAPELATO, *op. cit.* p. 58.

<sup>126</sup> *Ibid.* p. 61.

Juntamente com a campanha iniciada por Osvaldo Cruz, como o decreto da vacinação obrigatória, por exemplo, já estava travado um combate contra o “problema da infância”, caracterizado pelo alto número de mortalidade infantil.

A mortalidade da primeira infância, ou seja, entre crianças de zero a um ano de idade, afeta a demografia de países, principalmente se associada à baixa natalidade. Ao longo do século XIX, sobretudo pelo impacto da industrialização, os dados demográficos foram uma preocupação em alguns países europeus.<sup>127</sup>

No Rio de Janeiro, em 1908, ocorreu um congresso para comemorar o centenário da abertura dos portos brasileiros, chamado *Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada do Rio de Janeiro*. Os organizadores do evento declararam que o seu objetivo era criar um sistema de princípios e normas de condutas para a implementação na assistência pública e privada.<sup>128</sup>

Das cinco teses oficiais que foram escritas para balizar as discussões no evento, Fernandes Figueira foi nomeado pela comissão organizadora para ser o relator da terceira tese, intitulada “Assistência à infância, e particularmente o que se refere às medidas a adotar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes”.<sup>129</sup>

Nesta tese, Fernandes Figueira dá enfoque nas discussões sobre a mortalidade infantil, expondo o problema como preocupação nacional e internacional. O médico apresenta tabelas com os índices de mortalidade infantil, e ao longo do texto faz comparações com médias demográficas de outros países. Além disso, propõe medidas de assistência à infância com o objetivo de diminuir os números de mortalidade das crianças entre 0 a 1 ano de idade, que segundo ele, eram alarmantes, conforme mostra a figura 1, a seguir.<sup>130</sup>

---

<sup>127</sup> SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. *Intellèctus*, a. XIII, n. 2, 2014, p. 93-94.

<sup>128</sup> MAÇANTI, Mary Paixão. **O Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro (1908): a reforma da assistência em debate**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2018. p. 67.

<sup>129</sup> *Ibid.* p. 71.

<sup>130</sup> FIGUEIRA, Antônio Fernandes. Assistência à Infância e particularmente o que se refere às medidas a adotar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. **Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1908. Acervo Digital de Obras Raras da Fiocruz. p. 3 - 31.

**Figura 1** – Natalidade/Mortalidade no Brasil no fim do século XIX e começo do século XX.

| ANNOS     | MORTALIDADE GERAL | NATALIDADE | MORTALIDADE INFANTIL DE 0 A 1 ANNO | EM 1.000 OBITOS GERAES QUANTOS DE 0 A 1 ANNO? | EM 1.000 NASCIMENTOS QUANTOS OBITOS DE 0 A 1 ANNO? |
|-----------|-------------------|------------|------------------------------------|-----------------------------------------------|----------------------------------------------------|
| 1886..... | 11.720            | —          | 1.887                              | 161.0                                         | —                                                  |
| 1887..... | 14.112            | —          | 2.334                              | 165.3                                         | —                                                  |
| 1888..... | 10.550            | —          | 1.946                              | 184.4                                         | —                                                  |
| 1889..... | 17.027            | —          | 2.885                              | 169.4                                         | —                                                  |
| 1890..... | 12.804            | 10.662     | 2.350                              | 183.5                                         | 211.8                                              |
| 1891..... | 22.776            | 11.625     | 3.522                              | 154.6                                         | 302.9                                              |
| 1892..... | 17.933            | 11.662     | 2.782                              | 155.2                                         | 238.5                                              |
| 1893..... | 12.398            | 11.699     | 2.425                              | 195.5                                         | 207.2                                              |
| 1894..... | 18.386            | 12.431     | 2.654                              | 144.3                                         | 213.4                                              |
| 1895..... | 17.079            | 13.388     | 2.884                              | 168.9                                         | 215.4                                              |
| 1896..... | 18.445            | 13.323     | 3.064                              | 166.1                                         | 229.9                                              |
| 1897..... | 13.181            | 13.915     | 2.814                              | 215.9                                         | 204.5                                              |
| 1898..... | 14.747            | 13.992     | 2.846                              | 190.8                                         | 201.1                                              |
| 1899..... | 15.600            | 14.235     | 2.999                              | 192.2                                         | 210.6                                              |
| 1900..... | 13.971            | 13.838     | 2.431                              | 174.0                                         | 175.6                                              |
| 1901..... | 15.409            | 13.817     | 2.638                              | 171.1                                         | 190.6                                              |
| 1902..... | 16.505            | 14.370     | 2.806                              | 169.7                                         | 195.2                                              |
| 1903..... | 16.343            | 14.264     | 2.798                              | 171.2                                         | 196.1                                              |
| 1904..... | 18.666            | 15.429     | 3.371                              | 180.5                                         | 218.4                                              |
| 1905..... | 14.663            | 15.732     | 2.988                              | 203.7                                         | 189.9                                              |
| 1906..... | 13.960            | 15.761     | 2.783                              | 199.3                                         | 176.5                                              |
| 1907..... | 13.205            | 15.968     | 2.506                              | 189.7                                         | 150.6                                              |

(\*) Devemos ao Dr. Cassio de Rezende, medico demographista da Directoria de Saúde, os tres quadros que publicamos nestas paginas.

Fonte: <sup>131</sup>

De acordo com esses dados, Fernandes Figueira apresenta que em 1902, o Brasil, está em quarto lugar no índice de maior mortalidade a cada mil nascimentos, com o índice de 195,2, perdendo apenas para Rússia, Áustria e Hungria.<sup>132</sup>

Além desses números, o médico expõe a preocupação de que comparado com meados do século XIX, a mortalidade infantil no Brasil apenas

<sup>131</sup> FIGUEIRA, Antônio Fernandes. Assistência à Infância e particularmente o que se refere às medidas a adoptar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. **Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1908. Acervo Digital de Obras Raras da Fiocruz. p. 5

<sup>132</sup> Os únicos países não-europeus citados, além do Brasil, foram os Estados Unidos e o Japão. In: *Ibid.* p. 6.

aumentou. Entre os anos 1859 a 1868 a taxa era de 17,7 %, enquanto que entre 1898 a 1907 chegou a 20,04%.

Estamos, em consequencia, muito abaixo dos *progressos hygienicos* que tinhamos de 1859 a 1868; nada adiantámos em relação a esse periodo. E não é tudo: sommando a mortalidade infantil, legitima considerada (de 0 a 1 anno em confronto com os nascimentos) dentro do ultimo decennio, havemos de acceitar a proporção de 20,04 %, que é realmente lamentável em todo o rigor demographico. Do que decorre que as crianças, haja ou não epidemia (e as condições e salubridade do Rio de Janeiro estão hoje muito melhoradas) continuam a morrer sempre, ininterruptamente, sem attenuações de qualquer natureza, em numero respeitavel, dentro do primeiro anno de vida. (grifo do autor) <sup>133</sup>

Nesse ambiente ideológico carregado pelo higienismo, o “problema da infância” ficou situado no centro da proposta de reforma da sociedade brasileira, liderada pelas elites. Os médicos brasileiros reforçam, desde a segunda metade do século XIX a intenção de enfrentar o “problema da infância” por meio de medidas higienizadoras e tomam a mortalidade infantil como a expressão concreta da falta de cuidado com as crianças. Entre as estratégias propostas pelos médicos não estão apenas as medidas de assistência materno-infantil, mas também diziam respeito à educação das mães, com o objetivo de educar física e moralmente as crianças.<sup>134</sup>

Enfatizamos que essas estratégias foram demarcadas a partir da classe e da raça, haja vista de que a culpabilização pela insalubridade, a disseminação de doenças e mesmo a mortalidade infantil ocorria sobre a população pobre, camuflando o real problema: a desigualdade social.

Essa preocupação com a mortalidade infantil, bem como com a maternidade e a infância em si, estava também vinculada com a necessidade de povoar todo o território brasileiro, que estava em sua grande parte “deserto”. Esse deserto era representado pelo interior brasileiro, pouco explorado. Para se ocupar esse território, iniciou-se uma campanha de interiorização a qual seria necessário um

<sup>133</sup> FIGUEIRA, Antônio Fernandes. Assistência à Infância e particularmente o que se refere às medidas a adoptar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. **Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1908. Acervo Digital de Obras Raras da Fiocruz. p. 8.

<sup>134</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso Maternalista em Revistas Femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese. (Doutorado em História das Ciências) – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006, p. 14.

aumento da natalidade e de “políticas que garantissem o pleno desenvolvimento das crianças brasileiras.”<sup>135</sup>

As mulheres que tem supostamente um “papel” de gerar vida, e criar esses cidadãos para o desenvolvimento do país, de certa forma, chamaram a atenção do Estado, assim como seus bebês. Segundo Ismael Gonçalves Alves, a infância e a maternidade enquanto problemas do Estado, aparecem entre o fim do século XIX e início do século XX, quando as nações passam a ver as crianças como o seu futuro. Entre os elementos que interferiam no crescimento da população nacional, um deles era consenso entre os especialistas sobre o assunto: a mortalidade infantil. Dessa forma, médicos, governantes, juristas iniciaram uma tentativa de intervenção pela higienização das práticas relacionadas ao cuidado das crianças, que eram por eles consideradas primitivas, irracionais, nocivas e uma das principais causas de morte infantil.<sup>136</sup>

A publicação do *Livro das Mães*, de autoria de Fernandes Figueira em 1910, se constitui como uma tentativa, por parte do pediatra, de “contribuição” para solucionar, ao menos parcialmente, o “problema da infância”. Infelizmente não tivemos acesso a esta primeira edição lançada. Tivemos contato com dois exemplares da segunda edição da obra. O primeiro exemplar é de 1919, uma versão simples, que contém todos os capítulos, porém não é prefaciada, e não tem os elementos extratextuais presentes no segundo exemplar, que é de 1920. Neste último, a própria capa traz: “2ª edição melhorada e enriquecida com os pareceres dos drs. Professores Luiz Morquio e Afrânio Peixoto.”<sup>137</sup> O pediatra uruguaio Luiz Morquio, foi “considerado o mais respeitado pediatra latino-americano, que exerceu em seu país um papel bem parecido com aquele desempenhado por Fernandes Figueira no Rio de Janeiro”<sup>138</sup> e o segundo, Afrânio Peixoto, igualmente, foi um médico brasileiro com notoriedade no período.

Afrânio Peixoto no prefácio assinado por ele, explicita muito bem a quem o livro é direcionado:

---

<sup>135</sup> ALVES, Ismael Gonçalves. **(Re)construindo a maternidade:** as políticas públicas materno-infantis brasileiras e suas implicações na Região Carbonífera Catarinense (1920-1960). Tese. (Doutorado em História) – UFPR. Curitiba, 2014. p. 82.

<sup>136</sup> *Ibid.* p. 83.

<sup>137</sup> FIGUEIRA, Fernandes. *Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil.* 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil:** a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile.

<sup>138</sup> SANGIARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil:** A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 58-59.

Tambem o nosso notavel pediatra condensou nessas paginas deliciosas todos os grandes problemas da criação, da puericultura, da hygiene infantil, para uso das mães estreantes no suave milagre de criar, conselhos e noções que a médicos e doutos instruem por egual, com a persuasão amavel da melhor erudição nesse difficil mister.<sup>139</sup>

Além deste trecho no qual ele explicita que o livro seria usado pelas mães estreantes, ao fim do seu prefácio ele pontua:

E aqui me vem pedir ao A. uma graça: na proxima, e segunda numerosa edição deste seu sábio tratado de Pediatria, ao mesmo tempo incomparavel cartilha maternal, ponha-lhe o titulo que lhe cabe, sobre o que já tem: < LIVRO DAS MÃES. *Consultas praticas de hygiene infantil* >. (grifo do autor).<sup>140</sup>

Percebemos que no primeiro exemplar, o título ainda não contava com a expressão “Livro das mães”, adicionada apenas no segundo exemplar, a edição melhorada de 1920, como pode ser observado a seguir, na figura 2. Ou seja, o título foi uma sugestão de Afrânio Peixoto.

---

<sup>139</sup> PEIXOTO, Afrânio. Opinião do dr. Afranio Peixoto, professor de hygiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, (Brasil Medico de 12 de Julho de 1919). In: FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 157.

<sup>140</sup> *Ibid.* p. 158.

**Figura 2** – Capas da segunda edição



Fonte: a autora.

Notas: A esquerda, capa da Consultas Praticas de Hygiene Infantil (1919). Ao lado, o agora Livro das Mães. Consultas Praticas de Hygiene Infantil (1920).

Na imagem podemos visualizar o nome da editora, chamada Leite Ribeiro & Maurillo, que se situava na rua Santo Antonio, número 3, no Rio de Janeiro. O fundador dessa editora, em 1917, foi Carlos Leite Ribeiro. Sobre o sócio chamado “Maurillo” nada foi encontrado.<sup>141</sup>

De acordo com dados encontrados no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Carlos Leite Ribeiro foi tenente-coronel da guarda nacional, deputado federal em duas ocasiões (1900-1902; 1905) e em setembro de 1902 foi nomeado prefeito do Distrito Federal pelo então presidente Campos Sales (1898-1902), antecedendo, por alguns meses o

<sup>141</sup> MORAES, Renata Figueiredo. **Os Maiores de 1888, História e Memória na escrita da História da Abolição**. (Dissertação) Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007. p. 19.

conhecido prefeito Pereira Passos, que assumiu em 30 de dezembro de 1902 a prefeitura e inaugurou uma nova fase na administração da cidade (1902-1906), com o popular “O Bota-Abaixo”.<sup>142</sup>

O historiador Aníbal Bragança, conceitua como editor, a partir da metade do século XIX, o indivíduo que é mais do que um mestre-impressor ou livreiro. O editor, “em geral, tem boa formação intelectual e é movido por objetivos que são, ao mesmo tempo, econômicos e culturais. Muitas vezes sente-se com responsabilidades políticas diante de sua sociedade”.<sup>143</sup> Além disso, pode ou não ter experiência anterior no mundo das gráficas e livrarias, mas tem aptidão empresarial pra mobilizar recursos e viabilizar seus empreendimentos. Importante também que tenha conhecimento do mercado de bens culturais afim de criar uma política editorial, criar linhas de atuação e selecionar originais para publicação.<sup>144</sup>

Concordamos com Renata Moraes ao apontar que as Editoras Leite Ribeiro fazem parte deste modelo de editor colocado por Bragança. É um editor “mais ligado ao mercado do que à oficina e para o seu sucesso precisava ter uma boa relação com os clientes, além de perceber quais as demandas existentes a fim de formar um bom catálogo.”<sup>145</sup>

Com influências da segunda metade do século XIX, Leite Ribeiro estava imerso num contexto de disputas político-ideológicas, especialmente a favor da República. Num discurso de 1922, o editor informou uma vontade não só comercial ao optar pela atividade mercadológica dos livros, mas uma função social do editor, sua relação com a educação, o combate ao analfabetismo ao trabalhar com a divulgação de livros, e também como uma forma dele mesmo “entrar em contato com uma cultura intelectual.”<sup>146</sup> Além disso, Leite Ribeiro teve atuação no movimento

---

<sup>142</sup> SILVA, Izabel. RIBEIRO, Carlos Leite. **CPDOC-FGV**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO,%20Carlos%20Leite.pdf>. Acesso: 08 jun. 2020.

<sup>143</sup> BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. In: **Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias**. Portugal. v. XIV, n. 2, 2002, p. 65.

<sup>144</sup> *Ibid.* p. 64-65.

<sup>145</sup> MORAES, Renata Figueiredo. **Os Maiores de 1888, História e Memória na escrita da História da Abolição**. (Dissertação) Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007. p. 21.

<sup>146</sup> *Ibid.* p. 28; 24-25.

Abolicionista e apresentava interesse e ações “nas questões que interessavam à Pátria”.<sup>147</sup>

Em sete anos de existência da livraria, foram lançadas 348 edições de livros de autores nacionais, com diversos assuntos. “Essas obras correspondiam a publicações científicas e didáticas, literatura, romance, poesia, conto, novela, crônica de atualidade, dentre outras.”<sup>148</sup>

Desse modo, compreendemos que a publicação do *Livro das Mães* pela editora Leite Ribeiro & Maurillo representa uma dessas faces do próprio Leite Ribeiro. Ao publicar e divulgar um livro que se refere aos cuidados com as crianças, o editor também pode estar revelando a sua preocupação acerca da higiene e do “problema da infância”, como uma questão relevante “à Pátria”, aos ideais republicanos e progressistas da época.

Materialmente, o *Livro das Mães* possui 335 páginas, divididos em 107 breves capítulos. A construção do livro parece, em partes, ter sido feita por perguntas de pacientes. Essas perguntas estão nos próprios títulos dos capítulos, como por exemplo: “Qual deve ser a regra da amamentação no primeiro mez?”<sup>149</sup> Também aparecem capítulos sem perguntas, como se fossem orientações do próprio médico, como: “Organização de uma creche”<sup>150</sup> ou “Banho das crianças”<sup>151</sup>. Além disso, o livro possui índice alfabético e bibliografia utilizada por Fernandes Figueira.

No quadro a seguir, podemos ver os principais temas que a obra possui, através de um Índice Alfabético, apresentado pelo médico e disposto na parte final do livro, sinalizando em quais capítulos se encontram os assuntos listados.

**Quadro 1** – Índice Alfabético do Livro das Mães.

| Índice alfabético                                         |                                                        |
|-----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| Alimentação depois de um anno de idade. — Cons. 96 e 107. | Amamentação natural — (dificuldades). — Cons. 3, e 26  |
| Ama de leite. — Cons. 15, 16, 22, 61 e 72.                | Amamentação natural — (defeitos da criança). — Cons. 4 |
|                                                           | Amamentação natural e gravidez. — Cons. 23.            |

<sup>147</sup> MORAES, Renata Figueiredo. **Os Maiores de 1888, História e Memória na escrita da História da Abolição**. (Dissertação) Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007p. 24.

<sup>148</sup> *Ibid.* p. 26-27.

<sup>149</sup> FIGUEIRA, Fernandes. **Livro das Mães: Consultas Práticas de Higiene Infantil**. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editores: Leite Ribeiro e Maurílio, 1920. P. 26. In: SANGULAR, Gisele (Org.). **Fac- Símile**. In: **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 164.

<sup>150</sup> *Ibid.* p. 167.

<sup>151</sup> *Ibid.* p. 159.

| <b>Índice alfabético</b>                       |  |
|------------------------------------------------|--|
| Amamentação natural e menstruação. — Cons. 22. |  |
| “ — (vantagens). — Cons. 33 e 38.              |  |
| “ — e beleza feminina. — Cons. 62.             |  |
| “ — (damnos). — Cons. 91.                      |  |
| Amamentação contra a natureza. — Cons. 30.     |  |
| “ — (damnos). -- Cons. 92                      |  |
| Amamentação mixta. — Cons. 28.                 |  |
| Asseio. — Cons. 67.                            |  |
| Açúcar. — Cons. 58 e 89.                       |  |
| Banhos. — Cons. 56.                            |  |
| Bico da mamadeira. — Cons. 69 e 84.            |  |
| Brinquedos. — Cons. 27.                        |  |
| Chupar o dedo. — Cons. 63.                     |  |
| Calor. — Cons. 12, 32 e 64.                    |  |
| Caldo de Comby. — Cons. 86.                    |  |
| Choro. — Cons. 65.                             |  |
| Chupeta. — Cons. 25.                           |  |
| Colicas. — Cons. 93.                           |  |
| Colostro. — Cons. 72.                          |  |
| Confeitos e chocolate. — Cons. 71.             |  |
| Consultório de lactentes. — Cons. 73.          |  |
| Constipação. — Cons. 8 e 10.                   |  |
| Creche. — Cons. 55 e 59.                       |  |
| Dentição. — Cons. 24 e 46.                     |  |
| Desmame. — Cons. 45.                           |  |
| Desenvolvimento infantil. — Cons. 43, 47 e 48. |  |
| Desinfetante intestinal. — Cons. 53.           |  |
| Diathese exsudativa. — Cons. 9.                |  |
| Dieta na infecção intestinal. — Cons. 9.       |  |
| Digestão do lactente. — Cons. 94.              |  |
| Diluições do leite. — Cons. 103.               |  |
| Dyspepsia. — Cons. 98.                         |  |
| Enrijamento. — Cons. 75.                       |  |
| Estabulos e leito infantil. — Cons. 106.       |  |
| Exame químico do leite. — Cons. 6.             |  |
| Exame microscópico do leite. — Cons. 29.       |  |
| Farinhas. — Cons. 86 e 88.                     |  |
| Farinhas e danos. — Cons. 93.                  |  |
| Farinhas lacteas. — Cons. 50.                  |  |
| Gordura do leite. — Cons. 87.                  |  |
| Gottas de leite. — Cons. 84.                   |  |
| Herança morbida. -- Cons. 11 e 70.             |  |
| Humidade na casa. — Cons. 76.                  |  |
| Higiene das amas. — Cons. 87.                  |  |
| Idade do leite. — Cons. 37.                    |  |
| Inanição. — Cons. 80.                          |  |
| Infecção e tolerancia alimentar. — Cons. 77.   |  |
| Infecção e dieta. — Cons. 79 e 99.             |  |

|                                                  |
|--------------------------------------------------|
| Intolerancia pelo leite da mulher. — Cons. 82.   |
| Lactante normal. — Cons. 31.                     |
| Leite esterilizado.                              |
| “ fervido. — Cons. 17. 4.                        |
| “ condensado. — Cons. 18 e 39.                   |
| “ Horlick. — Cons. 18                            |
| “ cru. — Cons. 44.                               |
| “ infantil. — Cons. 105.                         |
| “ maternizado. — Cons. 49.                       |
| “ albuminoso ou caseinado. — Cons. 49.           |
| “ de estabulo. — Cons. 60.                       |
| “ de Minas. — Cons. 66.                          |
| “ colostrado. — Cons. 72.                        |
| “ padrão. — Cons. 81.                            |
| “ do Rio de Janeiro, sua impureza. — Cons. 81.   |
| “ em conserva. — Cons. 101.                      |
| “ de vaca. — Cons. 102.                          |
| “ de jumenta. — Cons. 102;                       |
| “ de cabra. — Cons. 102.                         |
| “ (diluições). — Cons. 103.                      |
| Mamadeira, a melhor. — Cons. 51.                 |
| Mellin's food. — Cons. 50.                       |
| Mingaus. — Cons. 34 e 44.                        |
| Mortalidade Infantil. — Cons. 78.                |
| Nervosismo. — Cons. 2,8 e 97.                    |
| Ovo em dietética. — Cons. 105.                   |
| Passeios. — Cons. 57.                            |
| Pesar, medir. — Cons. 85.                        |
| Prematuros. — Cons. 20 e 21.                     |
| Primeiro mez: amamentação. — Cons. 5.            |
| Prophylaxia geral. — Cons. 74.                   |
| Quantidade de leite. — Cons. 36.                 |
| Quarto da criança. — Cons. 44.                   |
| Recem-nascido. — Cons. 1.                        |
| Somno. — Cons. 25.                               |
| Sopa de cenouras. — Cons. 86.                    |
| “ de Mery. — Cons. 86.                           |
| “ de-Liebig. — Cons. 100.                        |
| “ Keller (malte). — Cons. 100.                   |
| “ de pão. — Cons. 32.                            |
| Sôro adaptado. — Cons. 90.                       |
| Transporte de uma criança. — Cons. 6.            |
| Tuberculose. — Cons. 104.                        |
| Tumefacção do seio no recém-nascido. — Cons. 53. |
| Umbigo. — Cons. 13.                              |
| Vaccinação. — Cons. 35.                          |
| Vômitos e constipação. — Cons. 42.               |

Fonte: <sup>152</sup>

<sup>152</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 320-322

De acordo com a verificação das temáticas, a alimentação do bebê, é de longe, o assunto mais tocado no livro. Dos 107 capítulos, aproximadamente 70 discorrem direta ou indiretamente da questão. Nesse número estão inclusas as dúvidas sobre como alimentar corretamente de acordo com a idade; qual o melhor tipo de leite, suas qualidades e suas diluições; sobre o aleitamento materno e suas implicações; os intervalos entre as refeições do lactente; dúvidas sobre a ingestão de mingaus, farinhas, sopas, açúcar, confeitos; sobre as amas de leite e a qualidade de leite que elas oferecem; desmame; entre outros.

Além da alimentação, o livro toca em alguns outros temas, os quais organizamos em três eixos de análise a partir do índice colocado acima. O primeiro eixo será relativo às questões que Fernandes Figueira propõe como medidas de assistência à maternidade e à infância: o consultório de lactentes, creches e as Gotas de Leite, que discutiremos no tópico a seguir.

Adiante, no capítulo 2, analisaremos os pontos sobre a alimentação do bebê e a amamentação, que estão diretamente relacionados com a maternidade, assunto que constitui o segundo eixo; O terceiro eixo, o qual trataremos no capítulo 3, se refere especificamente aos tópicos que se vinculam aos corpos infantis e à puericultura.

### 1.5 Eugenia, Filantropia e Disputas

Em fins do século XIX, um movimento científico e social conhecido como Eugenia ganhou força. O termo eugenia foi elaborado pelo cientista britânico Francis Galton, em 1883. O movimento, em questões práticas, encorajava a administração científica e racional das composições hereditárias humanas, buscando sempre o seu “aprimoramento”, bem como a “seleção social deliberada contra os indivíduos supostamente ‘inadequados’”, evitando com que estes se reproduzissem com medidas que incluíam até cirurgias esterilizadoras involuntárias, pautados em racismo genético.<sup>153</sup>

---

<sup>153</sup> STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 9.

Na América latina os movimentos eugênicos vigoraram no começo do século XX, e seguiam em sua maioria, as ideias neolamarckistas<sup>154</sup> sobre a hereditariedade, vertente de origem francesa. Por acreditarem que as modificações adquiridas através do ambiente se incorporavam na herança genética dos humanos, esses médicos, juristas e governantes focavam nos melhoramentos das políticas públicas, da higiene e salubridade, e do assistencialismo aos pobres. Dessa forma, eugenia e higienismo se mesclam e se confundem nos países do continente americano (com exceção da América do Norte), inclusive aos representantes latino-americanos desses movimentos, como nos aponta Nancy Stepan. Ou seja, eugenia e higienismo eram considerados quase como sinônimos.<sup>155</sup>

O lamarckismo, considerado uma teoria “moderada” da hereditariedade - se comparada aos mendelianos, - utilizada como base das ideias eugenistas latino-americanas, permitia flexibilidade para explicar as doenças humanas e sugerir políticas práticas ou reformas. Aos adeptos dessa linha, os homens e mulheres não eram “inaptos” ou “inadequados”, mas estavam “doentes” e poderiam ser “tratados” e “melhorados”. “Politicamente, tal teoria servia aos interesses dos médicos, uma vez que, como teoria, ela legitimava uma abordagem médico-intervencionista da saúde.”<sup>156</sup>

Havendo a constante que o ambiente mudava a hereditariedade, numa espécie de melhoramento geracional, a puericultura tinha um papel de destaque na eugenia latino-americana justamente por fazer a “manutenção” da vida das crianças. Adolphe Pinard, eugenista e obstetra francês, deu impulso e consagração à puericultura em meados de 1890 e influenciou eugenistas de toda a América Latina. No início do século XX o termo se tornou comum nos círculos médicos tanto franceses quanto latino-americanos. Pinard definia puericultura como a pesquisa do conhecimento relativo à reprodução, à conservação e aprimoramento da espécie

---

<sup>154</sup> No começo do século XX haviam duas ramificações de eugenistas: Os lamarckistas e os mendelianos. Os mendelianos eram principalmente de origem anglo-saxônica (também incluindo os Estados Unidos) e possuíam as ideias mais “extremistas” do movimento, como esterilização dos inaptos, controle e proibição dos matrimônios, limitação na questão das imigrações, etc, tudo pautado essencialmente na raça. Os lamarckistas eram a vertente advinda da ideologia francesa. Na América Latina tiveram a maioria de adeptos pelo menos até fins de 1940. Eles acreditavam que havia a possibilidade de mudar a herança genética dos indivíduos através do ambiente, e por esse motivo eram a favor do melhoramento das políticas públicas e da higiene, para assim servir às ideias de aprimoramento da raça. In: STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

<sup>155</sup> *Ibid.* p. 90.

<sup>156</sup> *Ibid.* 124-125.

humana.<sup>157</sup> Os médicos que cuidavam da saúde das crianças (puericultores, pediatras e obstetras) tinham um papel de destaque no movimento eugenista. A ligação entre o bem-estar infantil e o aprimoramento da raça é muito claro.

O pediatra Fernandes Figueira nunca se posicionou abertamente em relação à eugenia e nem foi citado nas atas e trabalhos apresentados no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia<sup>158</sup>, ocorrido em 1929, pouco mais de um ano após a sua morte, apesar de muitos dos médicos, que podem ser considerados seus pares no ambiente acadêmico e na revista *Brazil-Médico*, terem participado ativamente. Miguel Couto, por exemplo, foi fundador do Congresso. Azevedo Sodré, Miguel Pereira são citados. Moncorvo Filho aparece no *Índice bibliográfico das publicações nacionais sobre eugenia e questões afins* como uma referência, na ata no congresso.<sup>159</sup>

Uma única ocorrência de Fernandes Figueira citando a palavra “eugenia” foi encontrada. O médico responde a seguinte consulta presente no *Livro das mães: Minha filha vai casar. Recorda-se o Dr. como foi ella doentinha? E é nervosa e é fraca... Que lhe acarretará o casamento? Que hei-de esperar de meus netos?*<sup>160</sup>

O pediatra começa sua resposta dizendo que não possui “faculdades propheticas” para esclarecer tais indagações, mas continua dizendo que a filha não é “uma criatura enfermiça”, apesar das doenças que sofreu na infância. Depois começa a falar do futuro esposo da filha, sugerindo que ele provavelmente é um rapaz forte e bem equilibrado, porém aconselha que ele “se dirija a um médico e que este o examine e o envie a um laboratório para as pesquisas necessárias”.<sup>161</sup> Para a futura esposa ele diz: “pelo que apurei com rigor, não carece de se encaminhar a laboratórios.”<sup>162</sup> Em outras palavras, Fernandes Figueira sugere um exame pré-nupcial, uma proposta

<sup>157</sup> STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 84-92.

<sup>158</sup> CONGRESSO brasileiro de eugenia. Rio de Janeiro, 1929. **Actas e trabalhos**. Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1929. v.1.342 p. 613. Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acebibcoc\\_r&Pesq=moncorvo&pagfis=9788](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acebibcoc_r&Pesq=moncorvo&pagfis=9788). Acesso em: 08 jun. 2020.

<sup>159</sup> *Ibid.* p. 61.

<sup>160</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 171.

<sup>161</sup> *Ibid.* 172.

<sup>162</sup> FIGUEIRA, *loc. cit.*

de intervenção eugênica muito defendida no começo do século XX. E termina o texto da seguinte forma:

Com os conselhos do parteiro tudo irá a bom termo, e é de presumir seja a Sra. uma avó de netinhos nedios e roseos, com uma pontinha de nervos vibrantes. Posso eu garantir que equivalham a modelos de saúde? Antes de tudo, não conheço esses espécimens na pobre raça humana: ha, quando muito, aproximações admiráveis do tipo exemplar do equilíbrio harmonico das funcções. Lograremos alcança-lo? É o que se asseveram os proselytos da *Eugenia*... Mas esta consulta degenera em prelecção. Desculpe-me. (grifo do autor). <sup>163</sup>

Nesta única menção à Eugenia encontrada, Fernandes Figueira coloca os prosélitos ou adeptos do movimento como “outros”, não se posicionando como um deles. Apesar dessas diversas ambiguidades encontradas nos seus discursos, o médico não é um defensor assíduo ou mesmo declarado deste movimento, mas com frequência podemos notar um discurso moralizante, prezando a higiene e o futuro da nação. Comportamento análogo pode ser notado no médico Aleixo de Vasconcellos<sup>164</sup>, como observa o historiador Marco Antônio Stancik.<sup>165</sup> Este médico sempre omitiu opinião, tanto a favor, quanto contra o movimento, embora se revelasse próximo de diversos eugenistas, assim como fez Fernandes Figueira.

Os médicos pretendiam desempenhar um grande papel na direção dos projetos eugenistas e higienistas. Esses projetos, continham discursos que atraíam a sociedade civil em geral e principalmente a elite, que acabou financiando vários planos desses intelectuais por meio de ações filantrópicas. “A filantropia é considerada uma das facetas da sociedade da *belle époque* carioca, que dirigia seu capital social, político e financeiro para a criação de instituições voltadas para o atendimento dos indigentes da cidade.”<sup>166</sup>

<sup>163</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 172

<sup>164</sup> Aleixo de Vasconcellos (1885-1961) foi um médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1907. Exerceu diversos cargos, entre eles: Assistente e chefe de serviço da secção de leite e derivados do Ministério da Agricultura, professor de Microbiologia da Escola de Medicina e Cirurgia e assistente da Policlínica de Crianças da Santa Casa, tendo sido colaborador de Fernandes Figueira durante 12 anos. In: ALEIXO de Vasconcellos. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.anm.org.br/aleixo-de-vasconcellos>. Acesso em: 08 set. de 2020.

<sup>165</sup> STANCIK, Marco Antonio. **De Médico a Homem de Ciência: A Eugenia na Trajetória de Aleixo de Vasconcellos no Início do Século XX**. Tese. (Doutorado em História) – UFPR. Curitiba, 2006. p. 258.

<sup>166</sup> SANGULARD, Gisele. Fernandes Figueira e a política de assistência à infância: Estado, filantropia e aleitamento materno. In: SANGULARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 60.

Nesses moldes, surgem instituições voltadas ao “problema da infância”.<sup>167</sup> Em uma publicação da coluna “Associações Científicas” do *Brazil-Médico* referente a uma sessão da *Sociedade Brasileira de Pediatria*, datada de 14 de setembro de 1917, no qual se discute sobre a “Infancia abandonada e delinquente”, Fernandes Figueira, que assina como presidente pontua que:

- Dr. Fernandes Figueira (Presidente) chama a atenção para a complexidade do problema de proteção á infancia em todos os paizes civilizados, complexidade talvez ainda maior no Brazil. Antes de tudo se declara um tanto conhecedor de algum lado pratico da materia, porque a sua actividade vem girando ha annos em torno das comissões de nossa administração publica.<sup>168</sup>

Fernandes Figueira defendia o aumento das ações públicas, porque nesse sentido, a assistência à infância ainda era bem pontual. O vazio deixado pela administração pública era ocupado pelas redes filantrópicas de assistência que faziam um papel fundamental na empreitada civilizatória defendida pelos higienistas e eugenistas.

Na mesma discussão, Fernandes Figueira assinala sua posição acerca da filantropia:

Não é possível, os politicos delimitem um pouco a materia e dividam, como é urgente, as responsabilidades. A idéa de uma caridade, de uma misericordia, extendendo-se às desgraças todas da collectividade, cada vez maiores, só é defensavel, a, civilizações inferiores. Precisamos da união, da defeza, da cooperação das classes, tuteladas, si tanto, pelo Governo, e nada mais. Não haverá um erário bem opulento, que chegue para cobrir os crescentes infortunios. A nação obrigue cada clase a premunir-se com as Caixas Beneficentes, arranque dos hospitaes (pela regulamentação o aspecto humilhante da gratuidade, substituindo-o pelo de quota minima, organize a inspecção da primeira infancia (com os seus corollarios de uma creche modelo e fiscalisação de todas as existentes), crie os tribunaes para menores, amplie na esphera judiciária a protecção aos abandonados. Só a defeza peculiar a cada classe - repete o orador – ha de ser efficiente.<sup>169</sup>

O médico defende que as medidas de assistência deveriam ser públicas, governamentais. Segundo ele, a ideia de caridade, da misericórdia só seria aceitável em “civilizações inferiores”, num sentido provavelmente eugênico e econômico do termo. Percebemos também a ideia de divisão de classes muito

<sup>167</sup> SANGULARD, Gisele. Fernandes Figueira e a política de assistência à infância: Estado, filantropia e aleitamento materno. In: SANGULARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 60.

<sup>168</sup> ASSOCIAÇÕES científicas. Sociedade Brasileira de Pediatria: Infância abandonada e delinquente. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. XXXI, n. 43. 27 de outubro de 1917. p. 371.

<sup>169</sup> *Ibid.* p. 372.

presente no discurso. Primeiramente Figueira afirma que é preciso uma união de classes, tuteladas pelo governo. Em seguida, enuncia que cada classe deveria se munir com as Caixas Benéficas. E depois, que só a defesa peculiar a cada classe seria eficiente para resolver os problemas colocados. Não seria a única vez que o médico manifesta diferentes tratamentos para diferentes classes.

Fernandes Figueira “considerava a ação filantrópica direcionada à infância como um mal necessário para resolver o problema da alimentação dos filhos das operárias.”<sup>170</sup>

Para ele, instituições pautadas no exemplo das Gotas de Leite incentivavam o aleitamento artificial (leite de vaca), o que ele considerava extremamente nocivo. Esse médico advogava que o único alimento possível para a criança de até um ano era o leite materno.<sup>171</sup>

No *Livro das Mães*, Fernandes Figueira toca no assunto das Gotas de leite em dois capítulos do livro. Um deles está intitulado *N. 54 - Quero fundar uma gota de leite. Que diz à idéia?*<sup>172</sup>.

Na resposta, o médico explica que as Gotas de Leite, como instituições, nasceram na Europa, a partir do desejo de fornecer às crianças pobres um leite de boa qualidade, mas que já foi verificado (a partir de voto unânime no 2º Congresso de Gotas de Leite) que essas instituições só tem utilidade indiscutível se propagam a amamentação natural.<sup>173</sup>

Na gota de leite prepara-se o melhor possível esse líquido e tacitamente se insinua à operária que ella pode prescindir de criar o filho: os doutores encontraram um meio de substituí-la, enquanto cuida ella de outras coisas. Falsa contudo a insinuação.<sup>174</sup>

Fernandes Figueira era, portanto, desfavorável a implantação das Gotas de Leite no seu objetivo primário, e sugere ao leitor que ao invés de fundar uma Gota de Leite, que pague um “rapaz” que conhece pediatria para fiscalizar em domicílio a alimentação de algumas crianças pobres:<sup>175</sup>

<sup>170</sup> SANGLARD, Gisele; et. Al. **Filantropos da Nação: Sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 145.

<sup>171</sup> *Ibid.* p. 145-146.

<sup>172</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGLARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 231.

<sup>173</sup> FIGUEIRA, *loc cit.*

<sup>174</sup> FIGUEIRA, *loc cit.*

<sup>175</sup> FIGUEIRA, *loc cit.*

Elle as pesará semanalmente, ensinará as mães o que devam fazer em benefício dos meninos e V. Ex. auxiliará com os amigos esses lares necessitados. Reunidos alguns homens de boa vontade [...] um trecho da cidade ficaria saneado, sem afastarmos as crianças do seio materno. Mulheres magras, que recorriam á mamadeira, viriam alegremente lhes voltar o leite; recuperariam a saude as innocentes victimas dos prejuizos sociaes, e a boa causa teria triumphado.<sup>176</sup>

Percebemos nesse trecho que as medidas filantrópicas defendidas por Fernandes Figueira, tinham em primeiro plano o incentivo a amamentação. A partir da reunião, segundo o médico, de alguns “homens de boa vontade”, ou seja, aqueles homens com alto poder aquisitivo que faziam essas doações, parte da cidade ficaria saneada. Outro ponto apresentado se constitui na educação das mães. O “rapaz”, conhecedor de pediatria, ensinaria as mães o que fazer em benefício das crianças atendidas.

Nesse sentido, o médico propunha a criação de Consultórios de lactentes. Na consulta n. 73, intitulada *Consultorio de lactentes*<sup>177</sup>, Fernandes Figueira explica o que são, as motivações e a necessidade dessas instituições no Brasil:

Entende-se por esse nome um consultorio de hygiene, em que se pesam e se medem as crianças, e são recomendados preceitos attinentes á prosperidade, fiscalizada sempre, d'esses entezinhos.

Com o adoptar semelhantes instrumentos de prophylaxia, subentendemos uma tristíssima verdade: que ha mães que necessitam aprender a criar seus filhos. [...]

Casam-se raparigas e casam-se rapazes, sem que cogitem de se iniciarem no mister supremo do matrimonio. Confiam da experiência das sogras o aprendizado ás pressas, no momento oportuno, e corre o processo á revelia. Esse o caso geral, ainda entre pessoas a cavaleiro de necessidades. Nos operarios se nota que a mulher não sabe e não pode occupar-se muito com o seu filho. N'esta ou n'aquella hypothese incumbe ao medico approximar-se dos berços e vigial-os com a sua sciencia.<sup>178</sup>

Segundo o médico, há mães que precisam aprender a criar os seus filhos. Percebemos que, assim como na revista *Brazil-Médico*, o *Livro das Mães* também possui um discurso de legitimação da prática médica e da prática pediátrica, em detrimento das experiências “das sogras”, e dos saberes supostamente “apressados” transmitidos de mulheres para mulheres. É evidente o discurso normatizador para a maternidade difundido pelo médico neste trecho. O saber das

<sup>176</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 231.

<sup>177</sup> *Ibid.* p. 256.

<sup>178</sup> *Ibid.* p. 256-257.

mulheres, segundo Fernandes Figueira, não é bom o bastante, por isso o “vigiar” dos berços com o uso da ciência seria fundamental para a manutenção da saúde das crianças. A fiscalização dos preceitos dirigidos aos “entezinhos” seria a única maneira de combater a suposta ignorância das mães que “necessitam aprender a criar os seus filhos”.

O Consultório de Lactentes, portanto, teria como objetivo transmitir preceitos higiênicos para as mães e fiscalizar se eles estariam sendo cumpridos. Sobre os filhos das operárias, claramente isso recai de forma categórica, porque segundo Fernandes Figueira, além delas não saberem cuidar dos filhos (assim como as mulheres de classe mais rica), não tinham tempo de o fazerem. Mas em qualquer que fosse o caso, caberia ao médico vigiar essas práticas com a sua ciência.

Figueira continua a sua resposta com um incentivo aos filantropos para a criação dos Consultório:

Podem as pessoas ricas multiplicar com um dispêndio mínimo os consultórios de lactentes. Bastam uma sala, um medico, o mobiliario pobre, a balança e o microscópio com os seus acessórios. Vem a criança, examina-as o pediatra, pesa-a, mede-a, e diz á progenitora o que ella deve fazer. Se preciso, analisa fezes, institue medicação, quase sempre simplicíssima. E tudo registrado, até á próxima vez, em que torna o lactente e se verifica o seu estado.

[...]

Aos felizes da sorte, que almejam empregar as suas sobras em tão confortadora empreza, não falte decisão, em prol dos pobrezinhos. E a mocidade acadêmica, para a qual se volvem os olhares de tantos filantropos, medite um pouco em que o medico, para que não falhe á sua missão junto ás crianças, hade conhecer bem a especialidade.<sup>179</sup>

As instituições no formato de Consultório de Lactentes constituíram a forma preferida de Fernandes Figueira para a destinação de capital filantrópico, visto que, segundo ele, era pouco dispendiosa, o desenvolvimento da criança era acompanhado e se realizava o aconselhamento das mães, especialmente no que se refere ao incentivo à amamentação com leite materno, ou uma amamentação mista (leite materno e leite animal), porém ainda controlada e prescrita pelos médicos, diferentemente das Gotas de Leite.

A opinião contrária às Gotas de Leite aparece no capítulo n. 55, : *Tive noticia que o Sr. não advoga muito a causa das Gottas de Leite... E das creches?*<sup>180</sup>

<sup>179</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 257.

<sup>180</sup> *Ibid.* p. 232.

Nessa consulta, ao falar das creches, Fernandes Figueira expõe os perigos dessas instituições, dando enfoque nas doenças contagiosas que poderiam afetar as crianças e finaliza: “Se V. tem coragem, funde uma creche, mas pense bem: realize trabalho perfeito ou não cuide do assumpto.”<sup>181</sup> Percebemos que o médico não é totalmente a favor da filantropia destinada às creches. Segundo o pediatra, elas “representam umas e outras as mais tristes necessidades sociaes. Intentar corrigir dois males: o afastamento da mulher de junto de seu filho, e, o que é mais condenável, a substituição por um leite de animal do leite materno.”<sup>182</sup>

Porém, acha que são “toleráveis, uteis, quasi indispensaveis, se recolhem os pequeninos, enquanto as mães trabalham alhures”<sup>183</sup>, desde que as mães viessem nos horários marcados para amamentarem seus filhos.

Fernandes Figueira escreve um capítulo do livro falando justamente da *Organização de uma creche*<sup>184</sup> (N. 59), passando conselhos acerca da higiene e cuidados com as crianças que ali ficariam. Para o médico, os lactentes tinham uma “receptividade assombrosa pelos germens mórbidos”, o que lhes impõe medidas de isolamento.

A creche hade ser divididas em dois compartilhamentos essenciaes: quarentena e asylo. Naquelle demorarão, separados, e por alguns dias os entrados, que sómente no caso de reconhecidos sem perigo para os outros, a eles se juntarão. No asylo agruparemos, dois a dois, meninos sãos, e ainda assim um dos outro isolará um biombo, que poderá ser de panno com arestas de madeira. [...]

Fraldas, lenções, toalhas, passarão pela estufa. Pannos poluídos serão desinfectados. Mamadeiras, rigorosamente limpas e seus bicos. [...]

Com essa e outras cautelas estaremos livres de contratempos? Não o penseis.<sup>185</sup>

Essas eram algumas das medidas propostas para um trabalho “perfeito” com as creches, como exposto no capítulo 55 do *Livro das Mães*. Essas medidas eram necessárias, segundo o médico, para evitar contágio de doenças como o sarampo, a coqueluche, a gripe, a diarreia, entre outros males que poderiam

---

<sup>181</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 233.

<sup>182</sup> *Ibid.* p. 232.

<sup>183</sup> FIGUEIRA, *loc. cit.*

<sup>184</sup> *Ibid.* p. 237.

<sup>185</sup> *Ibid.* p. 238.

penetrar nessas instituições e causar a morte das crianças, mencionando que as creches já foram denominadas por um pediatra francês como “moritorios”.<sup>186</sup>

Fernandes Figueira expõe que são necessários muito mais do que “uma sala qualquer, muitos berços, algumas garrafas de leite e chuva de annuncios dos jornais”<sup>187</sup> para se abrir uma creche: “Provém o motivo do insuportável descaso, com que se organizam as crèches, e da natureza de taes instituições. Na primeira hypothese legislam os bem-feitores á revelia dos médicos, e este subordina-se, o que não louvo.”<sup>188</sup>

Neste trecho notamos que Figueira tenta legitimar o papel dos médicos nas empreitadas higiênicas, visto que segundo ele, são os “bem-feitores” que devem se subordinar aos preceitos médicos, e não o contrário, o que resultaria em total descaso na organização das creches.

A partir da análise desses capítulos do *Livro das Mães*, identificamos de que maneira e a partir de quais instituições, Fernandes Figueira propôs a implementação filantrópica da assistência à maternidade e à infância no Rio de Janeiro. Os Consultórios de Lactentes consistiram na forma mais defendida por Fernandes Figueira, focando no ensinamento da puericultura para as mães e o acompanhamento médico dos bebês. A implementação das creches, desde que seguindo os padrões de higiene e salubridade para o acolhimento de filhos de operárias, também era uma forma de assistência apoiada pelo médico.

É perceptível que essas obras propostas giram em torno do total incentivo à amamentação com leite materno, já que o médico não é defensor das Gotas de Leite, por exemplo. Inclusive, esse é um fator de tensão entre Fernandes Figueira e o médico Moncorvo Filho, que advoga por essas instituições.

Moncorvo Filho também se coloca como um defensor pela causa da infância, porém com frentes de atuação diferentes de Figueira. O maior fator de discordância seria justamente nas medidas propostas para a alimentação das crianças. Fernandes Figueira afirma-se como defensor do aleitamento materno em todas as hipóteses, era contrário à distribuição de leite esterilizado sem acompanhamento e da utilização das amas de leite, porém considerava melhor o

---

<sup>186</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 233.

<sup>187</sup> *Ibid.* p. 238.

<sup>188</sup> *Ibid.* p. 237.

emprego dessas, que o uso do leite artificial. Moncorvo Filho, também se colocava como um defensor da amamentação materna, porém, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI) fundado por ele, realizaria os exames para regulamentação das amas de leite mercenárias, e seria o precursor das Gotas de Leite no Brasil. Além disso, em 1907 podem ser encontradas recomendações do IPAI ao uso de determinados leites artificiais.<sup>189190</sup> Tudo isso, segundo Fernandes Figueira, desincentivaria à amamentação com leite materno.

A filantropia tem como característica as ações para prevenção da miséria, a partir da laicização da caridade cristã, ocorrida em fins do século XVIII, com bases iluministas. Ao contrário da caridade, que pressupõe o total anonimato e abdicação da vaidade do seu autor, a filantropia tem na publicidade parte fundamental das suas obras. A visibilidade da obra filantrópica acirrava a rivalidade entre os “benfeitores” e expunha o status econômico daquele que ajudou. Os periódicos tornaram-se “bons sócios” por realizarem a divulgação das ações das sociedades filantrópicas, efetuarem o recolhimento de contribuições públicas e convocarem os “benfeitores” para determinada ação.<sup>191</sup>

A exposição das ações filantrópicas como base de afirmação, não só resultava em capital político e reconhecimento social aos “benfeitores”, mas pressupõe uma disputa de recursos para a implantação das ideias entre os próprios médicos. A divergência de concepções sobre a alimentação das crianças entre Fernandes Figueira e Moncorvo Filho, pode se constituir como exemplo de disputa e tentativa de implementação de dois projetos diferentes de assistência à infância, cada qual idealizando suas instituições e procurando convencer os doadores de que aquela ação é a melhor para os problemas que se colocam.

Contudo, todas essas obras assistenciais para a maternidade e a infância, formadas por puericultores e pediatras, constituíram-se como uma rede filantrópica que tentava suplantar a ausência de medidas estatais. Além das campanhas de nutrição infantil, construção de policlínicas e bancos de leite, essa rede também propunha campanhas de vacinação e cuidados pré e pós-natal como parte

---

<sup>189</sup> GIL, Caroline Amorim. Aleitamento infantil na virada do século XX: discussões e influências nas práticas assistenciais na cidade do Rio de Janeiro (1900-1920). In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio, Rio de Janeiro. 2014. **Anais**. Rio de Janeiro. 2014.

<sup>190</sup> GIL, Caroline Amorim. Institucionalização da pediatria no Rio de Janeiro entre discursos e práticas médicas. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013 **Anais**. Natal, 2013.

<sup>191</sup> SANGULARD, Gisele. Filantropia e assistencialismo no Brasil. História, Ciências, Saúde. **Manguinhos**, Rio de Janeiro. v. 10, n. 3, set-dez. 2003. p. 1096.

da empreitada civilizatória - defendida pelos higienistas, - que pretendia colocar a criança no centro das preocupações nacionais no contexto do começo do século XX.<sup>192</sup>

Na reforma da saúde pública comandada por Carlos Chagas, na década de 1920, Fernandes Figueira assume a Inspetoria de Higiene Infantil (IHI) do Departamento Nacional de Saúde Pública no ano de 1921 e continua atuando de maneira ativa nos projetos de assistência. As ações que ele toma como diretor foram experimentadas por ele na Policlínica das Crianças, como já mencionado anteriormente, no qual ele teve vínculo até 1924, “ano em que foi inaugurado o Hospital-Abrigo Arthur Bernardes (atual Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz), vinculado à IHI, que seria dirigido por ele e para onde levou boa parte de sua equipe da Policlínica das Crianças.”<sup>193</sup>

Discutindo acerca da “mortalidade infantil e alimentação” em sessão de 25 de outubro de 1921 da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, publicada no *Brazil-medico*, Moncorvo Filho pontua a falta de atenção pública para com as mães e as crianças, e comenta o novo cargo público de Fernandes Figueira:

Dr. Moncorvo Filho refere-se ao abandono em que deixam os poderes publicos as instituições de proteção á infancia e á maternidade. Diz que felizmente os governos municipal e federal, estão tratando agora, com certo desvelo, desse assumpto. Refere-se a criação do serviço de protecção á infancia para o qual acaba de ser nomeado director um dos nossos mais conspicuos pediatras, o Dr. Fernandes Figueira.<sup>194</sup>

Apesar das aparentes disputas com o pediatra, Moncorvo Filho aborda positivamente o novo cargo atribuído a Fernandes Figueira, justamente por ser contra o abandono dos poderes públicos às instituições destinadas à maternidade e à infância. Esses cargos na Inspetoria de Higiene Infantil e no Hospital-Abrigo Arthur Bernardes seriam os últimos postos de trabalho de Fernandes Figueira, até março de 1928, ano de sua morte.

<sup>192</sup> ALVES, Ismael Gonçalves. **(Re)construindo a maternidade:** as políticas públicas materno-infantis brasileiras e suas implicações na Região Carbonífera Catarinense (1920-1960). Tese. (Doutorado em História) – UFPR. Curitiba, 2014. p. 104-105.

<sup>193</sup> SANGIARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 53, p. 71-91, jan./jun. 2014. p. 79.

<sup>194</sup> ASSOCIAÇÕES científicas. Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: Mortalidade infantil e alimentação. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XXXV. v. II. n. 17. 5 de novembro de 1921. p. 259.

Ao longo deste capítulo, procuramos evidenciar a trajetória de Fernandes Figueira como médico e intelectual que obteve certa notoriedade no seu período de atuação, e, portanto, carregava um discurso que se pretendia autorizado na sociedade carioca, almejando contribuir com as práticas higienistas destinadas à infância e às mães, num processo de educação de corpos, de normatização da vida social.

Construímos parte da biografia de Fernandes Figueira considerando os espaços que o pediatra ocupava, a conjuntura em que ele estava inserido e toda uma rede de sociabilidades. De fato, “Fernandes Figueira soube usar bem os contatos que fizera desde os tempos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.”<sup>195</sup> A partir disso, discutimos sobre as relações entre os médicos, os projetos políticos que estavam em debate no contexto, bem como a relação destes com o “problema da infância”.

Compreender a trajetória de Fernandes Figueira foi fundamental para assim, podermos traçar a sua percepção acerca da maternidade. No próximo capítulo investigaremos de que maneira o médico pediatra enxerga essas mães e ainda, de que maneira está ordenado o modelo de maternidade que os higienistas estavam propondo.

---

<sup>195</sup> SANGULARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 53, p. 71-91, jan./jun. 2014. p. 58.

## CAPÍTULO 2: A MATERNIDADE A PARTIR DE FERNANDES FIGUEIRA

Neste capítulo abordamos aspectos conceituais e teóricos referentes à maternidade e suas ligações com o campo médico, além de debatermos sobre os papéis sociais das mulheres no século XIX e começo do século XX e os modelos de mulher e mãe. Normatizar e higienizar a maternidade, na tentativa de ensinar as mulheres a serem “boas mães” apresentou como consequência a construção de uma pedagogia da maternidade, conduzida principalmente por médicos.

Trabalhamos com as tensões e disputas de poderes entre as mulheres, a medicina e o modelo de maternidade que os higienistas tentaram divulgar, e também uma ideia de aversão por parte das mulheres a este padrão. Ou seja, confrontou-se os “velhos” e os “novos” modelos de maternidade que estavam sendo propostos.

Este capítulo teve como principal problemática a seguinte pergunta: De que maneira o *Livro das Mães* expressou o posicionamento de Fernandes Figueira em relação aos modelos de maternidade que sofreram tensões e disputas de normatização no início do século XX? Portanto, discutimos sobre os modelos de mãe propostos nesse período e a visão que Fernandes Figueira expôs sobre a maternidade nos seus trabalhos e discursos, bem como no *Livro das Mães*, principal fonte do capítulo. Além deste livro, serão utilizados jornais de grande circulação com reportagens assinadas por Fernandes Figueira, com exceção de uma em resposta ao médico, que trazem a discussão sobre a maternidade e suas faces no período.

Desta maneira, dividimos o capítulo nos seguintes eixos temáticos: primeiramente discutimos sobre a construção histórica da maternidade, suas práticas, e a ideia de amor materno; abordamos também a maternidade no campo médico e como a própria medicina se apropriou do discurso de amor materno para tentar consolidar um modelo de mãe; tratamos da maternidade científica e da educação feminina para a maternidade e, por fim, problematizamos a ideia de pedagogia da maternidade e de instinto materno.

Em seguida, levando em conta a interdependência entre os conceitos de maternidade e infância, analisamos de que maneira esse debate está inserido nos discursos do médico Fernandes Figueira, que é um pediatra e trata de crianças, mas acaba tocando com frequência no assunto da maternidade e das práticas maternas.

Fernandes Figueira toca nas temáticas do sofrimento materno, da recusa de prazeres relacionada à maternidade, do emprego das amas de leite, do trabalho extradoméstico feminino, etc. sempre articulando seus argumentos a favor da amamentação com leite materno.

## 2.1 Construção Histórica e Médica da Maternidade

A história da maternidade é um tema vasto, que diz respeito a vários domínios – à história das mulheres e do gênero, à história política, à história social, à história cultural –, mas também a diversas disciplinas, como à sociologia e à ciência política. Como demonstra Anne Cova no seu balanço teórico, a história da maternidade já alcançou uma incontestável maturidade.<sup>196</sup>

Na segunda metade do século XX, o determinismo biológico da maternidade começou a ser refutado. As mulheres começaram a questionar, inclusive teoricamente, o destino social de serem mães. Um marco para isso é a publicação do *Segundo Sexo*, em 1949, por Simone de Beauvoir, que acaba dando bases ao feminismo contemporâneo, e a “politização das questões privadas”, relativas à vida das mulheres.<sup>197</sup>

Historicamente, como nos aponta Edward Shorter, “ser boa mãe é uma invenção da modernização”<sup>198</sup>, no sentido de colocar o bem-estar dos seus filhos pequenos acima de tudo. O autor ainda expõe alguns exemplos de indiferença das mães em relação aos bebês no século XVIII e começo do XIX em segmentos das classes populares.<sup>199</sup>

A necessidade das mães em se ausentar da casa para trabalhar, ou mesmo a pouca condição financeira das famílias de baixa renda potencializavam o descaso com os infantes. Assim, as mortes infantis, bem como abortos decorrentes de algumas doenças, a falta de medicamentos ou mesmo a desnutrição, eram comuns e pouco lamentados por famílias numerosas que perdiam sistematicamente alguns de seus infantes.<sup>200</sup>

<sup>196</sup> COVA, Anne. Où en est l'histoire de la maternité? **Clio. Histoire, femmes et sociétés**. França. v. 21, 2005. p. 1, 7.

<sup>197</sup> SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, Campinas. 16, 2001, p. 2.

<sup>198</sup> SHORTER, Edward. **A Formação da Família Moderna**. Editora Terramar. 1995. p. 183.

<sup>199</sup> *Ibid.* 185-186.

<sup>200</sup> *Ibid.* 183-220.

A partir disso, Elisabeth Badinter se preocupa em inverter uma proposição muito corrente: “não é porque as crianças morriam como moscas que as mães se interessavam pouco por elas.”<sup>201</sup> Mas o contrário, porque elas não se interessavam, que as crianças morriam em tão grande número.<sup>202</sup> Tanto que, na questão do aleitamento materno, o mais provável é que as mães ignorassem que tal ato fosse vital à sobrevivência dos filhos.<sup>203</sup>

Essa desatenção aos filhos poderia se justificar pela simples necessidade econômica, porém segundo Shorter, as razões eram mais complicadas que isso, porque mesmo quando as mães ficavam com os bebês, não existiam esforços para o seu desenvolvimento, para lhe despertar os sentidos, ou sinais da ternura materna,<sup>204</sup> pelo menos nos moldes modernos.

Outro motivo para não se justificar o descaso aos infantes apenas nas questões econômicas, é que as mães que tinham condições de ficar com os seus filhos, ou seja, não precisavam trabalhar, ainda escolhiam pagar amas de leite. Shorter também apresenta que por toda a Europa, mas principalmente na França, no século XVIII, só as camponesas que não conseguiam ganhar o suficiente para pagar uma ama é que quase sempre amamentavam e alimentavam os seus próprios filhos, ou mesmo “punham os próprios filhos na ama a preços muito baixos para poderem aceitar uma criança de peito de outro sítio que lhes proporcionasse melhor paga.”<sup>205</sup>

Elisabeth Badinter também constata a mesma informação. E completa que as mulheres privilegiadas, ao terem condições de ficarem com os filhos, ainda assim preferiam “se livrar do fardo” de criá-los, e não tinham culpabilidade de nenhum tipo ao fazerem.<sup>206</sup>

Em contrapartida com o descaso das mães que perdura até o século XIX, Philippe Ariès debate na *História Social da Criança e da Família*, que na alta burguesia, por volta do século XIII, já começam os sinais de transformações em como as crianças eram vistas, de acordo com as representações por ele analisadas.<sup>207</sup>

---

<sup>201</sup> BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 86

<sup>202</sup> BADINTER, *loc. cit.*

<sup>203</sup> SHORTER, Edward. **A Formação da Família Moderna**. Editora Terramar. 1995. p. 196.

<sup>204</sup> *Ibid.* p. 186-187.

<sup>205</sup> *Ibid.* p. 191-192.

<sup>206</sup> BADINTER, *op. cit.* p. 71-72, 86.

<sup>207</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p. 52.

Começou-se timidamente a serem representadas as crianças nas suas especificidades da infância, não como adultos em escala menor.<sup>208</sup>

Isso começa a se intensificar a partir do século XVI, quando aparecem retratos de crianças sozinhas ou em grupos de irmãos, inclusive as mortas, dando a perceber uma mudança de sentimento em relação a elas, no sentido de serem lembradas, quando mortas, ou memorar o período da infância, quando crescidas, mesmo sem haver transformação nas condições demográficas referentes a mortalidade infantil.<sup>209</sup>

Dito isso, percebemos a inter-relação que existe entre a ideia de maternidade e de infância, até no que diz respeito às origens dos modelos que temos de ambos a partir da modernidade. Portanto, quando as crianças começam a serem vistas de maneira diferente, conseqüentemente, mesmo que séculos depois, as formas de maternidade também começam a mudar.

Apesar do comportamento das mulheres no século XVIII ainda ser, na sua maioria, de despreocupação com as crianças, é nesse século em que se opera uma certa revolução de mentalidades no que se refere à maternidade. Nos fins desse século aumentam-se as publicações sobre as mães cuidarem pessoalmente dos seus filhos, bem como, se constroem os mitos do instinto e do amor materno, supostamente espontâneo à todas as mulheres.<sup>210</sup>

Segundo Marcela Nari, a maternalização das mulheres, ou seja, a progressiva mistura entre mulher e mãe, feminilidade e maternidade, desenvolveu-se gradualmente em diferentes âmbitos e planos da vida social, do mercado de trabalho, das ideias, das práticas científicas e políticas. Foi um processo que ultrapassou as fronteiras nacionais no Ocidente e que se apresentou mais nítido em fins do século XVIII.<sup>211</sup>

A maternalização - concepção que emanava, era legitimada e justificada pela ciência médica e se pretendia irrefutável, - estava inscrita na ideia da natureza feminina, dos corpos das mulheres e implicava na obviedade de que elas podiam ser mães ou que só deveriam ser mães. Qualquer outro uso do corpo, desde

---

<sup>208</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986p. 50-53.

<sup>209</sup> *Ibid.* p. 58-61.

<sup>210</sup> BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 144.

<sup>211</sup> NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**: Buenos Aires, 1890-1940. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 101.

a sexualidade até o trabalho assalariado supostamente ameaçavam a reprodução e tudo que a ela estava vinculado, como a família, a sociedade, ou a “raça”.<sup>212</sup>

Os discursos insistentes e repetitivos sobre o amor materno não apressaram a maioria das mulheres em cumprirem tal papel. O que ditou esse comportamento foi o interesse das mulheres, no qual se havia uma esperança de desempenhar uma função com mais importância no âmbito familiar e também supostamente mais gratificante. A partir disso, foi se moldando uma nova imagem de mãe nos dois séculos seguintes.<sup>213</sup>

As mulheres que se negavam a este papel colocado como natural, eram enquadradas pelo discurso de moralistas, administradores e médicos como degeneradas, loucas e cruéis, patologizadas ao adotarem atitudes supostamente “contranatura”. E não necessariamente apenas por negarem o parir, mas ao negarem também os cuidados práticos que foram construídos, - principalmente por médicos, e colocados como essenciais à vida dos bebês, - como a amamentação, por exemplo.<sup>214</sup>

Compreendemos que o processo de medicalização dos corpos femininos é parte fundamental da construção histórica da maternidade.

Antes da segunda metade do século XIX, as mulheres não ocupavam uma categoria diferenciada ou específica de clientela médica. A realização dos partos e posteriormente dos cuidados com as crianças eram feitos de maneira privada, com a procura de parteiras. “Com a ressignificação política da família, os corpos infantis e femininos passaram a ser o alvo das regulações e dos controles, o que levou muitos médicos a se interessar pelas peculiaridades das doenças das mulheres.”<sup>215</sup>

Conforme a ciência e a medicina foram tomando espaço na sociedade e os médicos acabaram por adquirir uma representação enquanto figuras respeitadas ou mesmo salvadoras, principalmente a partir do século XIX, - com a finalidade de atender as mulheres nas suas especificidades, - desenvolveu-se o que foi chamado de “ciência da mulher”.<sup>216</sup>

---

<sup>212</sup> NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**: Buenos Aires, 1890-1940. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 101.

<sup>213</sup> BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 200-201.

<sup>214</sup> *Ibid.* p. 9-23, 144-147.

<sup>215</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher**: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX. Tese. Doutorado em História. UNICAMP, 2000, p. 114, 115.

<sup>216</sup> VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Mais cruéis do que as próprias feras?** Aborto e infanticídio nos Campos Gerais - Paraná entre o século XIX e o século XX. Dissertação. (Mestrado em História) – UFPR. Curitiba, 2005. p. 49-50.

Estes médicos que se dedicaram ao estudo do corpo feminino e da sua sexualidade observaram que as mulheres eram seres de natureza específica, e possuía um papel sociocultural vinculado a este corpo e a um órgão em especial, o útero, ou seja, a maternidade. Tal atenção profissional dada ao sexo feminino acabou por consolidar a ginecologia e obstetrícia,<sup>217</sup> a primeira tendo como objeto o sexo feminino, e esta última tendo como objeto o corpo da mulher no exercício das suas funções reprodutivas.<sup>218</sup>

Neste contexto, os saberes médicos também compunham um arsenal amplo ao projeto de higienização da sociedade, que focava num processo de medicalização e transformação dos espaços e dos indivíduos. A tentativa de controle social se estendeu à sexualidade e a reprodução, atingindo principalmente as mulheres, no sentido de que a sobrevivência destas e de suas crianças são fundamentais para a reprodução social.<sup>219</sup> No início do século XX, os processos de urbanização criaram necessidade de organização dos espaços e seu saneamento. Nessa perspectiva, o discurso médico é usado para propor o controle sanitário, ordenamento dos espaços públicos e também da vida familiar.<sup>220</sup> Aqui entra em voga, portanto, o projeto higienista.

Costumes cotidianos referentes, por exemplo, aos alimentos, aos hábitos, ao trabalho, aos prazeres, à organização do lar, e da família: tudo deveria ser ordenado e orientado aos parâmetros médico-sanitaristas. E as mulheres tinham um papel fundamental nesse sentido, pois caberia a elas “o cuidado com a saúde e o bem-estar da família, de modo que se ampliaram suas responsabilidades como dona de casa no controle dos mandamentos da higiene doméstica e em relação à infância”.<sup>221</sup>

O médico, na medida em que o projeto de higienização vai se ampliando para o interior dos lares, se transforma em educador e também uma espécie de guardião da moral e dos costumes. Sob a tutela do médico, a mulher é

---

<sup>217</sup> VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Mais cruéis do que as próprias feras?** Aborto e infanticídio nos Campos Gerais - Paraná entre o século XIX e o século XX. Dissertação. (Mestrado em História) – UFPR. Curitiba, 2005, p. 50-51.

<sup>218</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher:** visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX. Tese. Doutorado em História. UNICAMP, 2000, p. 78-149.

<sup>219</sup> VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 22.

<sup>220</sup> *Ibid.* p. 27-28.

<sup>221</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel; (Orgs.). **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 109-110.

alçada à função de agente familiar da higiene, e a sustentação da moral da sociedade. Por esse motivo, a educação feminina se tornava um ponto crucial para a medicina, porque educando a mulher-mãe, se pretendia aperfeiçoar, além desta mulher, as futuras gerações do país, que posteriormente transmitiriam as normas médicas para as suas filhas a partir da adolescência e início da vida fértil.<sup>222</sup>

Mas essa educação feminina, de acordo com alguns médicos, deveria ter limites. Barbara Ehrenreich e Deirdre English ao analisarem a temática no contexto estadunidense, apresentam a dicotomia colocada entre o útero e o cérebro pela ciência médica em fins no século XIX. O movimento sufragista tinha se espalhado e cada vez mais mulheres de classe média buscavam educação secundária, fazendo com que a partir da década de 1870, os médicos entrassem nesse debate.<sup>223</sup>

De um ponto de vista médico e moral, a “mulher mental” (o antônimo de mulher “uterina” natural), perdia a feminilidade e a beleza. Além disso, entre os “perigos” da educação superior feminina estava a atrofia do útero por causa da suposta competição de forças corporais entre o cérebro e o útero, ou mesmo a “loucura”, com vistas em um estudo de 1902 que mostrava que 42% das mulheres que davam entrada nos hospícios do país tinham um bom nível de educação, em comparação com apenas 16% dos homens.<sup>224</sup> Mas com o correr do século, cada vez menos mulheres levaram a sério o aviso dos médicos. As feministas combateram com firmeza a ideia de que as mulheres não tinham resistência para os estudos superiores e até ironizaram as determinações médicas.<sup>225</sup>

Desde o final do século XIX conformava-se na sociedade norte-americana o consenso entre médicos, educadores, políticos, economistas e feministas quanto à necessidade de treinar as mulheres para um exercício da maternidade que superasse as práticas tradicionais, “primitivas”, baseadas num caráter meramente instintivo.<sup>226</sup> Entre o final do século XIX e início do XX, “as mulheres se organizaram, discutiram, experimentaram e usaram fartamente os conselhos de especialistas

---

<sup>222</sup> VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 22.

<sup>223</sup> EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Para seu próprio bem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003. p. 139-140.

<sup>224</sup> *Ibid.* p. 142.

<sup>225</sup> *Ibid.* p. 145.

<sup>226</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fiocruz, 2006. p. 50.

homens na tentativa de estruturar uma ciência de criar filhos e uma ciência do trabalho doméstico.”<sup>227</sup>

Dessa forma, refletimos em até que ponto a pedagogia da maternidade foi uma imposição da classe médica para as mulheres? Essas mulheres passivamente aceitaram a hegemonia do poder médico e os seus mandos?

Concordamos com a historiadora Maria Martha de Luna Freire, ao considerar que essas mães, o público alvo das palavras e ações médicas, também estavam integradas a um movimento mais amplo da sociedade, com perspectivas de um futuro promissor e “progresso”. Ao substituírem - mesmo que gradativamente - sua habitual rede de mulheres que transmitia os saberes maternos, por outro grupo constituído por conselheiros, profissionais e especialistas, identificados com o científico e com a modernidade - valores esses reconhecidos como positivos à época, - possivelmente enxergaram na adesão à essas ideias, um caminho conveniente na tentativa de alcançar uma transformação do seu lugar na sociedade.<sup>228</sup>

Ou seja, as mulheres das classes média e alta urbanas europeias e norte-americanas – e em seguida, as brasileiras –, embebidas na atmosfera de busca de progresso e modernidade e preocupadas com a saúde de suas crianças, ao constituírem uma aliança com os médicos, sobretudo para a solução de problemas eminentemente práticos, como referente à alimentação infantil, também buscavam redefinir seu papel maternal, o revalorizando, o que contribuiria para a entrada delas no espaço público, fato que também explicaria, de certa forma, a aderência de grupos feministas à ideia da maternidade científica e a participação destes na constituição de políticas de bem-estar social e de assistência.<sup>229</sup>

A assistência pré-natal, e da saúde materno-infantil, - juntamente com os ensinamentos pediátricos e da puericultura<sup>230</sup>, - se associam com as preocupações eugênicas da formação da sociedade, como já mencionamos no capítulo anterior. Nas primeiras décadas do século XX, tanto na Europa Ocidental, quanto no Brasil, a exaltação da maternidade no discurso médico, a medicalização do corpo feminino e

---

<sup>227</sup> EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Para seu próprio bem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003. p. 156.

<sup>228</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fiocruz, 2006. p. 51.

<sup>229</sup> FREIRE, *loc. cit.*

<sup>230</sup> Este conceito será aprofundado no terceiro capítulo da dissertação.

também da criança, auxiliam na legitimação do discurso de ser mãe não só como destino, mas agora como dever patriótico.<sup>231</sup>

Em artigo assinado por Lia de Santa Clara<sup>232</sup>, no jornal *O Paiz*, datado de 21 de maio de 1919, a autora comenta um texto que fora publicado no mesmo jornal por Fernandes Figueira, por ocasião de divulgação do 2º Congresso Americano da Criança, no qual, o médico é tratado por ela como “ídolo de todas as mães brasileiras”.<sup>233</sup>

Nesse artigo, ela lamenta a falta de participação das mulheres nesse congresso, como forma de aprendizado e “preservação da infância”, porque não são apenas os médicos que tem esse papel:

Se “a preservação da infância redunde no aperfeiçoamento humano”, a quem senão á mulher, compete instrui-se em todos os debates desse congresso; para saber o que se cogita, o que se resolve, o que se afirma afim de obstar que a humanidade definhe, que à humanidade se corra, se enfraqueça e destrua? De que servirão esses trabalhos, essas locubrações insistentes, se não passam de dictames sabios que se não praticam, de notáveis investigações que os interessados não aproveitam?

Não são os médicos apenas, que com os ‘seus entendimentos deverão se debruçar sobre os berços infantis’, mas as mãis carinhosas, as irmãs inteligentes, as enfermeiras ilustradas, a mulher, emfim, não mais curandeira inconsciente, ou carpideira barulhenta, mas a conhecedora dos preceitos higiênicos, médicos e prophylaticos.<sup>234</sup>

“A conhecedora dos preceitos higiênicos, médicos e prophylaticos”, este é o modelo de mãe que está sendo proposto no contexto pela comunidade médica. Como podemos notar, as mulheres não são passivas nesse processo, visto que Lia Santa Clara reivindica a participação de mulheres no 2º Congresso Americano da Criança.

Dessa forma, consideramos que há uma relação dinâmica e simultânea de dominação-libertação na maternidade nas primeiras décadas do século

<sup>231</sup> VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 60.

<sup>232</sup> Não se tem muitas informações de quem foi esta mulher, porém numa edição do *O Paiz* se fala o seguinte: “Lia de Santa Clara, publicista distinta pertence a nossa classe, sendo colaboradora do Paiz. Este nome é pseudonymo literario da distinta senhora que é esposa do autor no Enforcado, Sr. Costa Macedo, a quem aqui nos referimos com justo louvor há coisa de um mez”. In: ESCRITORAS portuguesas. **O Paiz**. a. I. n. 80. 18 de fevereiro de 1918. A autora tem vários artigos publicados no jornal, normalmente com temáticas colocadas como “femininas”.

<sup>233</sup> CLARA, Lia de Santa. Problemas sociaes. **O Paiz**, a. XXXV, n. 12.641, 21 de Maio de 1919. p. 4

<sup>234</sup> CLARA, *loc. cit.*

XX, assim como defende Maria Martha Luna Freire.<sup>235</sup> A maternidade científica mudou concretamente a criação de filhos, transformou o valor da função maternal e estabeleceu uma nova relação entre médicos e mulheres. As mulheres, portanto, não eram essencialmente subordinadas e dominadas pelos médicos, mas ambos possuíam interesses compartilhados ao valorizar a maternidade.

Assim, esses interesses compartilhados entre mulheres brasileiras, - especialmente das classes média e alta urbanas do começo do século XX – e os médicos, formavam uma espécie de aliança moldada em torno da maternidade científica e das ideias higienistas do contexto.

Para se conhecer os preceitos higiênicos condizentes com esse padrão de mãe pretendido, incentivou-se uma educação da mulher para a maternidade. Este ensino impulsionado por médicos, higienistas e reformadores sociais foi denominado por Maria Izilda Santos de Matos como Maternologia, que representou uma “profissionalização” da maternidade.<sup>236</sup> Segundo a historiadora, a maternologia também se vinculava à ideia redentora de mãe e da proteção à infância. Esta intervenção médica “visava mais diretamente às famílias pobres, por julgar que elas precisariam ser educadas física, higiênica e moralmente, e assim as campanhas profiláticas e educativas foram encaminhadas de diferentes formas.”<sup>237</sup>

Uma dessas propostas de educação para maternidade está exposta na *Brazil-Medico*, em 1926, com a divulgação de uma “Escola de futuras mães”. Foi uma estratégia da Inspetoria de Higiene Infantil, comandada por Fernandes Figueira, para ensinar sobre a higiene na primeira infância para as mulheres.

“Escola de futuras mães”. – A Inspetoria de Hygiene Infantil mantem, como se sabe, no “Abrigo-Hospital Arthur Bernardes”, uma “escola de futuras mães” destinada a moças que desejem praticamente aprender a hygiene da primeira infancia e que, internadas no estabelecimento durante tres mezes, ali se incumbem de um certo numero de crianças não recolhidas com as respectivas mães, e assistem a cursos praticos de puericultura. A primeira turma de “futuras mães” (a maior parte procedente de S. Paulo e todas pertencentes á mais fina sociedade brasileira), terminou a 2 do corrente os seus trabalhos, tendo sido distribuídos certificados ás senhorinhas Cora de Moraes Barros, Myrian Cintra, Maria Pereira de Queiroz, Jacy Amorim, Irene Fernandes Figueira, Maria de Azevedo, Maria Virginia Carvalho de Mendonça e Eudoxia Cardoso.

<sup>235</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fiocruz, 2006. p. 56.

<sup>236</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel; (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 111.

<sup>237</sup> *Ibid.* p. 111-112.

O nosso eminente collega Professor Fernandes Figueira, presidindo a solemnidade da distribuição de certificados, a qual atraiu a presença de numerosas e distintas famílias, salientou o alcance da grande obra que vai se executando com os mais promissores resultados, dentro da orientação adoptada pela Inspectoria de Hygiene Infantil, em bôa hora confiada á sua notoria competência e desvelando carinho.<sup>238</sup>

Mas aqui também percebemos que o curso não era para todas, levando em conta que todas as “formandas” são “pertencentes à mais fina sociedade brasileira”, e não às mulheres pobres. Entre as “senhorinhas” que receberam os certificados podemos observar o nome Irene Fernandes Figueira, uma das filhas mais novas do médico, que na ocasião era solteira. Essas mulheres provavelmente serviriam de divulgadoras e disseminadoras das práticas ensinadas no curso, seja para empregadas ou mulheres inseridas nas suas redes de sociabilidade, para além dos cuidados com os seus “futuros filhos”.

Supomos então, que a aliança mulheres-médicos possuía uma delimitação muito clara de classes. Para as mulheres de classe média e alta urbanas se demonstrava a cordialidade médica e o reconhecimento do papel de disseminadoras dos preceitos higiênicos. Às mulheres pobres e trabalhadoras restava a intervenção médica imprescindível para a higienização da sociedade e pelo melhoramento da raça, às quais as medidas de assistência eram voltadas.

Além de refletirmos acerca da passividade ou não das mulheres frente à pedagogia da maternidade, é interessante problematizarmos a noção de instinto materno como parte da natureza feminina. Se as mulheres já tem esse suposto instinto e já nascem sendo “futuras mães”, porque elas deveriam ser ensinadas pelos médicos?

De maneira geral, de acordo com Freire, a ideia que perpassava todas as propostas de educação das mulheres, é de que esta representaria um complemento à natureza feminina e, ao fim, seria revertida em educação para os filhos. Ou seja, as mulheres precisariam apenas de um pouco de “cultura” para completar suas qualidades intelectuais, pois já eram consideradas educadoras natas. A formação escolar das mulheres seria orientada visando o seu papel maternal, com

---

<sup>238</sup> NOTAS e informações. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XL. v. II. n. 11. 11 de setembro de 1926. p. 156.

certa base racional e fundamentada na ciência, não apenas no instinto, tendo em vistas a sua aplicabilidade, a higiene e os cuidados com os filhos.<sup>239</sup>

A participação no curso de “futuras mães”, ou a reivindicação dessa participação das mulheres num Congresso sobre as crianças no jornal nos faz compreender que já havia certa adesão feminina ao discurso médico da “mãe higiênica”. Apesar disso, o trabalho de convencimento do papel materno, bem como da culpabilização/responsabilização das mulheres em relação ao sofrimento e morte dos seus filhos continua a ser disseminado.

Segundo Norma Telles, junto com as campanhas de “mãe educadora” sob o olhar vigilante dos médicos, os higienistas também empreenderam campanhas de convencimento ao aleitamento materno.<sup>240</sup> A culpabilização da mulher, como discute Jurandir Freire Costa, foi um importante elemento da sua relação com a higiene, no sentido de que a mulher de elite, pela primeira vez, estava tomando conhecimento que de acordo com a medicina e o discurso autorizado dos médicos, não sabia cuidar dos seus próprios filhos, sobretudo quando se toca no assunto da amamentação.<sup>241</sup>

Observamos, portanto, que juntamente com esse discurso amplamente difundido no período, Fernandes Figueira, como médico, também se insere no debate sobre os papéis das mulheres, como visto na “Escola de futuras mães”, proposta a partir da Inspetoria de Higiene Infantil no Rio de Janeiro. Além disso, nas suas obras, em específico no *Livro das Mães*, como veremos a seguir, encontramos elementos concomitantes, onde são evidenciados o posicionamento do médico acerca da amamentação, das amas de leite, do uso de leite artificial e, portanto, da sua proposta de maternidade e suas práticas.

## 2.2 Fernandes Figueira, a Maternidade e o “Problema da Amamentação”

Obra de vulgarização científica de autoria do médico Fernandes Figueira, o *Livro das mães: Consultas práticas de hygiene infantil*, se constitui como

<sup>239</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fiocruz, 2006. p. 159; 168.

<sup>240</sup> TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 358-359.

<sup>241</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 257-158.

um manual de maternidade, uma proposta de interferência nos afetos, saberes e práticas maternas, e nos serve como fonte para a reflexão sobre o modelo de mãe “enfermeira e pedagoga”, e a ideia de criança “higiênica”.

O surgimento, como literatura, dos manuais e tratados sobre a boa criação dos filhos, começam a aparecer desde o século XVI. O início desse tipo de leitura está relacionado ao começo da valorização da infância.<sup>242</sup>

O livro que nos propomos a analisar, traz um discurso que reflete as ideias do autor, individualmente, porém é escrita de uma posição social, - e não de uma posição neutra, sem influências, - refletindo parte do discurso médico do período, bem como do contexto, e diz muito mais do que somente o que está evidente em suas páginas.

Esse modelo de mãe, que cuida do seu filho e que tem um amor visceral pelo bebê foi normatizado a partir do século XIX, e ainda mais difundido, com ajuda científica, pelos médicos, no século XX. Quando surge o “problema da infância”, no contexto das primeiras décadas do século passado, a mãe vira a mediadora entre essas crianças e o Estado.<sup>243</sup> Podemos afirmar que os manuais de puericultura também exercem uma função biopolítica.

Investigando como o autor constrói em seu livro os saberes educativos para as mulheres grávidas e para as mães, podemos visualizar a emergência de um suposto papel social feminino propagado pelo discurso do médico, seja de mãe educadora, mãe enfermeira, e a única responsável pelo cuidado, pela saúde e educação daquela criança.

A imagem a seguir é um recorte do jornal *A Época*<sup>244</sup>, do Rio de Janeiro, datado de 18 de julho de 1919. O texto e a imagem se configuram como uma

<sup>242</sup> LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade Higiênica: Natureza e Ciência nos Manuais de Puericultura Publicados no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 47, 2007. p. 99.

<sup>243</sup> BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: Uma breve reflexão. **O Portal dos Psicólogos**. Portugal, 2008. p. 3.

<sup>244</sup> A *Época* foi um jornal matutino lançado no Rio de Janeiro (RJ) em 31 de julho de 1912, como propriedade da Sociedade Anônima A *Época*. Seus diretores foram inicialmente Vicente de Toledo de Ouro Preto, Vicente Ferreira da Costa Piragibe, J. B. Câmara Canto. Circulando diariamente em formato standard e com oito páginas, o jornal tinha redação e administração no nº 151 da Avenida Rio Branco. A *Época*, apesar de apresentar refinados artigos e ensaios de cultura e moda galante, também tinha uma linha popular, voltada a questões sociais e trabalhistas. Abordando lutas e manifestações gerais do operariado, a sua "Columna Operaria" noticiava greves, reivindicações proletárias, novidades sobre clubes e associações sindicais, incluindo mesmo atividades dançantes, esportivas e carnavalescas. O diário ainda tratava de assuntos ligados ao cotidiano e às condições de vida da população suburbana carioca na seção "Nos Suburbios!", onde tanto eram destacados acontecimentos interessantes quanto expostos problemas de infraestrutura, violência, etc. In: A *ÉPOCA*. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-epoca/>. Acesso: 08 nov. de 2019.

espécie de propaganda do livro, que é apresentado como “o melhor amigo intimo que nos pôde auxiliar na emergência de qualquer risco ou perigo que venha a correr a criaturinha das nossas afeições.”<sup>245</sup>

Figura 3 – Divulgação do Livro das Mães.

**O LIVRO DO DIA**

**“Consultas Praticas de Hygiene Infantil”**

**FERNANDES FIGUEIRA – Leite**  
**Ribeiro & Maurillo**



E' um livro que se impõe a todos os lares. Com uma proficiencia e uma clareza que trãem a bondade e a cultura do seu autor, o livro do dr. Fernandes Figueira vale por uma indicação de todos os males da infancia e os cuidados respectivos que exigem.

A hygiene infantil conta varios cultores. Ha mesmo, no publico, uma grande massa de leitores dessa literatura especial. E' que todos nós temos um filhinho, um parente, um afilhado, uma creaturinha qualquer, cuja saude e belleza infantis concorrem para a nossa felicidade.

Pois bem! O livro do dr. Fernandes Figueira é o melhor amigo intimo que nos pôde auxiliar na emergência de qualquer risco ou perigo que porventura venha a correr a creaturinha das nossas afeições. Estamos certos de que os corações maternos que lerem esta noticia e adquirirem esse livro nos serão gratos por esta divulgação de uma obra tão generosa, tão bella e tão util.

O livro preenche intelligentemente os seus fins. E' de um estylo simples e incisivo, como convém á natureza da obra, e responde a todas as consultas que interessam á boa saude das creanças, na sua primeira infancia. Vê-se que o seu autor tem um conhecimento clinico variadissimo e soube colher todos os fructos de uma vida pratica, tão exemplar que se desdobra em trezentas paginas de conselhos que valem por um inestimavel serviço prestado ás populações brasileiras.

O trabalho do dr. Fernandes Figueira terá, certamente, grande acolhida no proprio mundo medico; pois, sendo, como é, trabalho de um mestre na doutrina e de uma notoriedade na clinica, é uma fonte de conhecimentos, illustrações, indicações, induções e deducções preciosissimas para os profissionais.

“Consultas Praticas de Hygiene Infantil” é, egualmente, uma das mais bellas e nitidas edições da casa Leite Ribeiro & Murillo.

Fonte: <sup>246</sup>

De acordo com a propaganda, o livro chega em “estylo simples e incisivo, como convém a natureza da obra, e responde a todas as consultas que interessam á boa saúde das crianças”, além de expor que por ser uma obra de Fernandes Figueira, “terá, certamente, grande acolhida no próprio mundo medico”,

<sup>245</sup> O LIVRO do dia. Consultas Praticas de Hygiene Infantil. **A Epoca**. Rio de Janeiro. a. VIII. n. 2557. 18 de julho de 1919.

<sup>246</sup> O LIVRO, *loc. cit.*

pois o pediatra é reconhecido como “mestre na doutrina” e tem “notoriedade na clínica”.

Fernandes Figueira apesar de tratar sobre questões práticas referentes ao cuidado com os bebês, acaba por também passar representações sobre as mulheres, suas atribuições e papéis sociais, que neste caso, como pediatra, relaciona diretamente a ideia de mulher e mãe.

Além do óbvio título do livro, que é “das mães”, grupo para quem os escritos são quase exclusivamente direcionados, é sabido que o alcance chegaria à uma minoria letrada. Segundo Tania Regina de Luca, em 1890 o montante da população brasileira alfabetizada se estimava em apenas 15%. Em 1900 esta porcentagem se elevou aos tímidos 25% e não sofreu alterações significativas em 1920.<sup>247</sup> É evidente que as mulheres eram minoria nestes números, portanto, o *Livro das Mães* se destina às mães letradas, de classes abastadas, que tiveram acesso à educação e teriam erudição suficiente para colocar as instruções do médico em prática.

É interessante notar que no início do século XX uma “educação para saúde” estava se desenvolvendo em contexto mundial, mas também no Brasil. Associados aos avanços observados no campo da saúde da criança e com vínculos estreitos com a puericultura, essa “educação para saúde” viria a ser amplamente assimilada ao longo deste século, em todas as partes do mundo, “nas funções dos organismos oficiais, transformando-se em um componente importante nas ações preventivas dos mais variados programas e ações de saúde dirigidos ao binômio mãe-filho.”<sup>248</sup> Ou seja, uma transmissão com foco na educação das meninas por meio das escolas primárias, e também canais extraescolares com cartilhas, obras de vulgarização da puericultura, etc. para a educação das mães.

Ana Paula Vosne Martins expõe como o discurso médico-intelectual e mesmo literário brasileiro sobre as mulheres, nos fins do século XIX e começo do século XX, não fica restrito ao mundo dos cientistas e dos médicos, mas serve para confirmar inferioridades e formular novas desigualdades.<sup>249</sup> No caso da obra de

<sup>247</sup> LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: Congresso BRASA IX. Nova Orleans, Louisiana, 2008, **Anais**. Nova Orleans, Louisiana, 2008. p. 7.

<sup>248</sup> MARQUES, Marília Bernardes. **Discursos Médicos sobre Seres Frágeis**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 35-44.

<sup>249</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX**. Tese. (Doutorado em História). UNICAMP, Campinas, 2000. p. 239.

Fernandes Figueira, percebemos as distinções afirmadas por ele entre o saber dos médicos e os saberes das mulheres, na tentativa de legitimar o primeiro e inferiorizar o último.

Ao analisarmos o *Livro das Mães* a partir dos capítulos que estão diretamente relacionados a maternidade, observamos a presença dessa temática especialmente nos pontos relacionados com a alimentação do bebê e o aleitamento materno. Nos deparamos com trechos escritos por Fernandes Figueira acerca do pesar da maternidade e da amamentação, da perda dos divertimentos das mães, do uso das amas de leite, da beleza feminina vinculada à maternidade e sobre o trabalho extradoméstico feminino.

Entre os textos sobre os cuidados com as crianças, Fernandes Figueira traz um capítulo do *Livro das Mães* que mostra o “pesar” de uma mulher diante da perda de divertimentos após o parto, porque o doutor e o marido transmitiram a ela “a inflexível sentença” de amamentar o filhinho:

N. 26 – Hontem me transmitiu meu marido a inflexível sentença do doutor: terei que amamentar o filhinho, que aguardo. Perderei então os divertimentos? Persistirei atada á boca do algozinho? Mande-me uma palavra... <sup>250</sup>

A mulher claramente não está feliz com a “sentença” de que terá que amamentar, em detrimento das suas outras atividades do cotidiano, tanto que chama o filho de “algozinho”, e o médico responde a “futura mamãe”, tentando tranquilizá-la:

Não valem inquietações. Percebo, ainda que o occulte, a malícia de pessoa de idade: ha quem esteja assustando a futura mamãe com os onerosos encargos, que a devem acabrunhar. O menino obrigará ao esquecimento das amigas e das diversões. De chinellas, penteador amarrotado, o cabelo desfeito, a mamãezinha passeará pelo quarto em derredor do berço, assim a victima em torno ao seu carrasco... No salão o piano, com o teclado morto, não ressoará gemendo as torturas de Chopin. Revistas inglesas, apenas esfloradas uma ou outra manhan mais folgada, se empilharão dentro de seus envoltórios de remessa postal... E aquella criatura viçosa de esperança e de saúde, e que assisti vingar, á semelhança de pujante arbusto a encaminhar-se para o sol, se estiolará tristonhamente vencida. Mas o quadro não pode ser o que imaginou. Criar um filho – exclamam já meio deslembadas as vovós – Redunda no maior dos martyrios. E contudo

---

<sup>250</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 83-85.

ellas amamentaram muitos e não morreram. Vivem, arrastam a idade e os seus desconmodos, e galgam algumas aos oitenta. <sup>251</sup>

Ana Paula Vosne Martins, ao analisar a obra *A esfinge*, de Afrânio Peixoto, de 1911, afirma que os médicos reformistas faziam críticas à sociedade mundana e à vida social da elite, marcada por festas, jantares chás e etc.<sup>252</sup> “As modas, festas e diversões consumiam as energias femininas, sem deixar vez à amamentação.”<sup>253</sup> Este “conselho” do médico está sendo direcionado à uma mulher que pode ter um piano, ou revistas inglesas empilhadas em casa, ou seja, é minimamente letrada e origem privilegiada, e eram justamente essas que recorriam mais comumente às amas de leite.

No discurso higiênico de incentivo à amamentação, eram propostos dois rompimentos com as “regras da natureza” das mulheres que não amamentavam: o primeiro porque era contrário ao que ocorria com todas as fêmeas da classe dos mamíferos; em segundo porque contrariava a vocação “natural” de ser mãe, e de reproduzir a espécie.<sup>254</sup>

Ao se voltar aos seus afazeres, negar a amamentação, e “as leis da natureza”, a mulher estaria sendo desnaturada, degenerada, facilmente comparada negativamente às feras, como aponta Jurandir Freire Costa. <sup>255</sup>

Na mesma resposta, Fernandes Figueira continua:

Quanto se pode alcançar com o methodo e a serenidade! O meu melhor amigo, um dos homens que mais trabalham no Rio de Janeiro, dá conta systematica de uma infinidade de encargos. E almoça e janta e dorme a hora certa! E não será cousa insuperável para uma senhora moça amamentar seu filho, o que, a custa de algum sacrifício, lhe facultará transvazar o próprio sangue na boca do ente amado.... E que venturas lhe sorrirão um dia á memória ainda não senilizada, quando evocar as alegrias do primeiro sorriso comunicando, do primeiro dente immaculado dentro da polpa de rosa da gengiva!

[...]

As perspectivas – repare um pouco – não se desenham tão sombrias, como fôra de prever, á vista das opiniões indiscretas. Haverá no primeiro mez uma pequena luta – já lhe previno! – de acomodações da criança no meio, até que elle se adapte.

<sup>251</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 83-85.

<sup>252</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. p. 219.

<sup>253</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 256.

<sup>254</sup> *Ibid.* p. 256-257.

<sup>255</sup> *Ibid.* p. 257.

Mas teve acaso noticia de planta que nascesse adulta? Não sabe que as suas deliciosas gloxínias começaram tímidas e feias? Vamos lá, gentil cultivadora, amane a terra, orvalhe-a um ou outra vez, embora com alguma lagrima furtiva, e sorria depois do mais orgulhoso contentamento perante a beleza resultante do seu trabalho digno!<sup>256</sup>

Nesta parte do capítulo, podemos perceber como o médico tenta amenizar os trabalhos e “sacrifícios” que a mãe terá, - comparando até com o trabalho de um homem, “um dos que mais trabalham no Rio de Janeiro” e ainda dá conta de ter outras atividades - e a renúncia de prazeres que ela terá que fazer ao amamentar regradamente o seu filho, mas que tudo isso será recompensado depois, ao ver a beleza do seu filho crescido, ou ao se memorar das lembranças do bebê, na velhice. Se for preciso, deverá até mesmo “transvazar o próprio sangue na boca do ente amado”.

E essa é uma queixa que chegou ao *Livro da Mães*, como observamos no capítulo 3. *Minha pobre filha! E o Sr. ainda exige que ella amamente! Soffre dores horriveis quando a criança tenta mamar. O bico do seio está fendido, sangra e é sangue que engole o meu netinho! Não, não pode ser!*<sup>257</sup> E o médico inicia a sua consulta com as seguintes palavras:

Da situação penosa, que me descreve – tomo a liberdade de ponderar, minha Senhora – não sou eu o culpado. Menos o é a digna vó, cujo netinho não foi consultado para vir a este mundo de miserias. Desde, porém, que elle chegou [...] cessaram as recepções, afrouxaram-se penteadores, e progressivamente a espreguiçadeira e o romance tomaram o lugar outrora reservado ao camarote do Municipal e á conversadeira de salão. [...] Cogitou-se de mil e uma circumstancias do vestuario do bebé, suas rendas, suas flannels, seus veludos, suas fitas – e afinal se esqueceram de lhe encommendar o banquete.<sup>258</sup>

Novamente o médico menciona alguns aspectos das diversões e vaidades femininas que deveriam ser deixadas de lado pela mãe com a chegada do seu filho. Ao se preocuparem com as vestimentas do bebê, supostamente se esqueceram dos cuidados com o seu “banquete”. Passando algumas instruções de

<sup>256</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 83-85.

<sup>257</sup> *Ibid.* p. 161.

<sup>258</sup> FIGUEIRA, *loc. cit.*

como cuidar do seio, afirma que a mulher deve “lutar para que não cesse a amamentação”.<sup>259</sup> E finaliza:

A minha veneranda amiga está olhando para a doente como sua mãe, não ha duvida. Consinta que ella se compenetre que é, por sua vez, mãe. Tolerará entre risonha e chorosa algumas dores, logo vencidas, e, se não lh’as esquecer breve, tenho certeza que as abençoara, pelo impulso magnanimo da alma feminina...<sup>260</sup>

O convencimento da maternidade e do papel materno manifesta-se através do discurso naturalizante do médico sobre os impulsos da alma feminina. Fernandes Figueira afirma que a senhora precisa deixar que sua filha se convença de que é mãe e que precisa tolerar, vencer e mesmo abençoar a dor que sente. Conscientemente ela deveria aceitar o sofrimento como parte da maternidade.

No contexto argentino, analisado por Marcela Nari, o pediatra Gregório Aráoz Alfaro também afirma em 1899 que uma “boa mãe” é aquela que cuida dos seus filhos antes dos seus passeios e diversões. A maternidade se construiu como um ato de sofrimento, com a dor que deveria ser recompensada através do amor. Amor e dor eram outras duas faces da maternidade que estava sendo proposta.<sup>261</sup>

Outro capítulo referente a amamentação, presente no *Livro das Mães*, fala sobre a beleza feminina, e se a amamentação irá prejudicá-la:

N. 62 – Prejudicará a amamentação a belleza feminina?

O conceito de formosura (e Garret doutrina, com dupla autoridade, que assim devemos chamar à belleza das formas) variou com as idades e os paizes. Se as linhas correctas do rosto enthusiasmam os artistas, sem uma certa animação que as vivifique, estão mortas para muitos admiradores. Quanto propriamente á plástica, é de convir que uma pertencerá á puberdade e outra á mulher em gozo integro de suas funcções, pelas quaes se avoluma o collo, turgescem os seios e se arredondam os quadris.

[...]

A vida methodica, a alimentação regularizada, as noites quedas, o desejo constante de presenciar a prosperidade crescente do pequenino, propiciam estimulo efficaz ás mães-nutrizes.

[...]

Empregando esse adjectivo, não o estenderia ás infelizes, que a pintura mascara e as modas extravagantes deturpam, e que julgam um ideal a imitação pelas honestas de umas tantas outras mulheres... A elasticidade das formas, a flexibilidade, que empresta hoje o corpo feminino a educação physica; as attitudes serenas e plásticas, representativas da tranquillidade

<sup>259</sup> FIGUEIRA, Fernandes. *Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil*. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 162.

<sup>260</sup> FIGUEIRA, *loc. cit.*

<sup>261</sup> NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**: Buenos Aires, 1890-1940. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 129.

transparente de uma alma bella; a projecção do corpo sem angulose sem exuberancias, na eurythmia da perfeição, tudo é compatível com os cuidados imprescriptíveis que a seus filhos offerta a jovem mãe.<sup>262</sup>

Primeiro o autor começa fazendo uma conceitualização de “beleza das formas”, e segue dizendo que “o desejo constante de presenciar a prosperidade crescente do pequenino” propicia um estímulo para essa beleza feminina. Além disso, fala que todas as formas de beleza feminina são “compatíveis com os cuidados imprescritíveis que a seus filhos oferta a jovem mãe”. A beleza e a maternidade acabam sendo dois pilares fundamentais da feminilidade, e segundo o médico, são características compatíveis.

Badinter coloca que durante o século XVIII na Europa, as mulheres por vezes, utilizavam o argumento de que perderiam a beleza se amamentassem, o que para elas, era o seu bem essencial. “Alegava-se, e se alega ainda hoje, que a amamentação deforma o seio, amolecendo-os. Muitas não queriam correr o risco de semelhante dano e preferiam recorrer a uma ama-de-leite.”<sup>263</sup> Além disso, achavam o amamentar um ato vulgar, pouco digno, e que equivalia a confessar que não se havia condições de se transferir esta obrigação materna.<sup>264</sup>

Sobre essa transferência de cuidados para as amas de leite, no capítulo 15 do *Livro das Mães*, uma senhora reclama da inconveniência de dispor de uma em sua casa: *Como estou lutando para cumprir suas ordens! Que incommodo o ter em casa uma ama de leite e, ainda mais, como escolhel-a?*<sup>265</sup>

Fernandes Figueira diz que não há alternativas. Afirma que não se deve dar leite de animal apenas por este “incomodo”, especialmente porque a senhora da consulta “cortou, guiada levianamente, a amamentação materna”.<sup>266</sup> E continua:

Considere a Sra. a ama não como uma pessoa, e sim como um movel que dá leite. Lustre-o, espante-o, trate-o para o fim a que é destinado, e apenas nessa directriz exija o que não nos é permitido menosprezar. A salvação da criança está connexa á ama. Sem ella á família não virão aborrecimentos e

<sup>262</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 175-176.

<sup>263</sup> BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 95.

<sup>264</sup> BADINTER, *loc. cit.*

<sup>265</sup> FIGUEIRA, *op. cit.* p. 176.

<sup>266</sup> FIGUEIRA, *loc. cit.*

definhará o menino; com ella todos da casa experimentarão contratempos e prosperará a criança. É decidir-se por uma ou outra ponta do dilema.<sup>267</sup>

Sem trata-la como alguém da família, nem como alguém que presta serviços domésticos, podemos perceber uma tentativa de objetificação da ama de leite por meio do tratamento dado a ela como um móvel da casa. Figueira afirma que ela trará desordem ao ambiente doméstico, porém apenas com esse “contratempo” a criança prosperará.

No capítulo 30, intitulado: *Aqui não se encontra uma ama, e meu netinho – o senhor bem o sabe! – perdeu a sua pobre mãe. Que lhe havemos de dar, ao pobresinho, com dezoito dias de nascido?!<sup>268</sup>*, o médico novamente afirma que “somente no leite humano haverá salvação”.<sup>269</sup> Enquanto procura uma ama, com urgência, a senhora deveria dar ao neto uma mistura de leite desengordurado, e termina:

Desejo que o seu netinho prospere com esse regimen. Mas desde que assim aconteça, não abra mão – desculpe a insistência – do que recommendei. A criança precisa do leite humano; ao leite de vacca chamaremos com Schlossmann – alimentação contra a natureza. (grifo nosso)<sup>270</sup>

Observamos que o argumento de contranatura da alimentação com leite que não fosse o humano está presente no discurso de Fernandes Figueira. Neste caso não há a recusa da mãe, mas a falta dela por motivos de morte, portanto, segundo o médico, mesmo nessas circunstâncias, usar o leite animal ou artificial também seria considerado uma alimentação contra a natureza, e o leite de outra mulher deveria ser priorizado. Existia uma falta de consenso entre os médicos ao uso de amas e do aleitamento artificial ao haver falta da progenitora. Fernandes Figueira, nesse caso, expressava recomendações ao uso de amas.

Em contrapartida, no capítulo n. 38: *Superioridade da amamentação materna<sup>271</sup>*, Fernandes Figueira coloca o amor materno como diferença primordial entre a nutrição despendida pela amamentação com a ama e pela própria mãe.

<sup>267</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 176.

<sup>268</sup> *Ibid.* p. 195.

<sup>269</sup> *Ibid.* p. 196.

<sup>270</sup> FIGUEIRA, *loc. cit.*

<sup>271</sup> *Ibid.* p. 208-209.

A célebre proposição de J. Jacques Rousseau – a solicitude materna é insubstituível – baseia-se na verdade. Relegadas a segundo plano aquelas que vêm ao mundo com o aleijão moral da indiferença pelos filhos, às mães pertence um segredo de adaptação, que a maioria de outras mulheres, por mais carinhosas, não possuem.

Opinam pediatras illustres que uma das causas da temerosa mortalidade nos hospitais infantis, e nas creches, cumpre filiar à ausência dos cuidados maternos, e à reacção vital que elles despertam. O cão, quando enxerga uma refeição apetitosa, o seu estomago segrega mais succo digestivo, do que deante de alimento não desejavel. Nenhum condimento se iguala à boa companhia – ensinou um sabio – e verificamos dia a dia a extensão do asserto. Assim á criança, que se nutre na ama, pode faltar alguma cousa.

Na propria mãe não falta. [...]

Pleiteam válidos argumentos pela amamentação materna. Os clínicos que, sem maior exame a proscvem, praticam um crime peor que o infanticídio.<sup>272</sup>

Neste capítulo notamos que o médico coloca em segundo plano as mulheres que nascem com o “defeito moral” de indiferença pelos filhos, e que não respondem à suposta reação natural que eles despertam, patologizando tal comportamento. Ele também utiliza um discurso de culpabilização das mães pela mortalidade infantil nos hospitais e creches, por supostamente não desprenderem os cuidados necessários. Segundo Fernandes Figueira, isso poderia ser resolvido com o aleitamento materno, porque na nutrição com a ama faltaria uma coisa que na própria mãe não falta: o amor materno.

Mas além da referência à natureza e ao amor materno Fernandes Figueira também usava os argumentos racionais para o incentivo a amamentação feita pela própria mãe. Um deles seria a “absoluta segurança da saúde da pessoa”, e que por isso não haveria “a possibilidade de transmissão de doenças.”<sup>273</sup> Também divulgava comparações a respeito da composição do leite humano e de animais comumente usados na época para substituir o aleitamento, como por exemplo no capítulo n. 87: *A gordura do leite de vacca*<sup>274</sup>; ou n. 102: *leite de vaca, de jumenta ou de cabra*?<sup>275</sup> Outro ponto notável é que o médico Fernandes Figueira não “ensinava” as mães a como realizarem o aleitamento na sua prática, mas se concentrava insistentemente no incentivo e na prescrição de o fazerem.

No Brasil, o aleitamento materno era apresentado como um momento de estreitamento de laços familiares e de suposta manifestação de amor maternal,

<sup>272</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 208-209.

<sup>273</sup> *Ibid.* p. 209.

<sup>274</sup> *Ibid.* p. 279.

<sup>275</sup> *Ibid.* p. 301.

além de garantir um bom desenvolvimento das crianças (ou pelo menos a continuidade da vida), denunciando a “vaidade” e o “egoísmo” das mulheres que não amamentavam seus próprios filhos.<sup>276</sup>

Nos capítulos analisados podemos perceber a preocupação das mães sobre as consequências do aleitamento materno em seu cotidiano e em seu corpo, e uma certa recusa da parte delas, de o fazerem. O médico usa um discurso de insistência, sempre se apoiando nas premissas do amor materno e de que a amamentação seria uma atitude recompensadora futuramente, além da tentativa de convencimento por meio da vaidade e beleza feminina, que segundo Fernandes Figueira, seriam compatíveis com a amamentação.

Consideramos esse discurso como uma forma de convencimento da maternidade como o ideal máximo da mulher, caminho para a plenitude e realização da feminilidade. A maternidade foi colocada como um lugar de sofrimento voluntário e indispensável à constituição da mulher. Marcela Nari aponta que esse seria o fator de dependência da mãe para com o filho – já que o fator de dependência do filho para com a mãe era mais claro, - apenas com filhos a mulher alcançaria a feminilidade verdadeira.<sup>277</sup> Neste sentido, convencendo as mulheres dessa dependência, era nítido o propósito do discurso de convertê-las ao modelo de “mãe amorosa”, não abandonando o bebê e o alimentando através do aleitamento materno, ou seja, se apoiando na concepção biológica da maternidade no qual a mãe era a única pessoa indicada para cuidar, alimentar e amar a criança.

Ao analisarmos o livro de Fernandes Figueira, e as ideias sobre o aleitamento materno na sociedade, percebemos que o seu discurso sobre as mulheres está em concordância com o discurso médico e intelectual brasileiro produzido entre finais do século XIX e início do século XX, como já nos apontou Ana Paula Vosne Martins, no sentido de divulgar a imagem positiva da mulher-mãe, ao mesmo tempo em que se orienta a cumprir a responsabilidade com a Pátria<sup>278</sup>, zelando da saúde, higiene e alimentação do bebê que “precisava” sobreviver.

---

<sup>276</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel; (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 110-111.

<sup>277</sup> NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**: Buenos Aires, 1890-1940. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 130.

<sup>278</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher**: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX. Tese. (Doutorado em História). UNICAMP, Campinas, 2000. p. 241.

Como comportamento comum a sociedade da época, a recusa ao aleitamento começa a ser colocado como infração às leis da natureza, e a instalação de um sentimento de anomalia às “infratoras”, permitiu a culpabilização das mesmas.<sup>279</sup>

A partir do momento em que a vida da criança passa a ter importância econômico-política, no século XIX, o aleitamento materno ganhou status de problema nacional.<sup>280</sup> Nesse aspecto, também foi representado como um dos principais aliados contra o “problema da infância”.

Além da questão do aleitamento em si, o trabalho externo feminino também era visto como um problema. Qualquer atividade que não fosse de mãe e esposa, realizada no “aconchego” do lar, passou a ser entendida como desviante. Não podemos esquecer que as mulheres pobres sempre trabalharam, porém ainda assim, “o trabalho externo feminino provocava indignação aos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais.”<sup>281</sup>

Em uma matéria do jornal *O Paiz* de 18 de maio de 1919, assinada por Fernandes Figueira, intitulada “Facto Notável”, no qual ele anuncia a abertura do 2º Congresso Americano da Criança, que estava acontecendo em Montevideo, o médico expõe preocupações com a discussão sobre a mortalidade infantil ocasionada pelo afastamento das mães dos seus lares, promovido pela industrialização e avanço do capitalismo:

A indústria e o capitalismo afastaram do lar as mulheres e as atiraram ao inferno das profissões masculinas. Assim acontece ao equilíbrio dos líquidos em vasos comunicantes, ocorreu o que fora de prever: prosperaram armazéns e fabricas, aumentou pavorosa a mortalidade infantil. Na celebre discussão de 1916, na academia de Paris, o professor Bar, opondo-se à opinião restricta de que as oficinas de munições prejudicam as operarias, concluía: “Não é pela natureza do trabalho que cabe á fabrica a denominação de matadouro de crianças. E, não o deixará de ser, a despeito das vantagens outorgadas pelos patronatos ou pela caridade publica ou particular (casas operarias, cheches, escolas, assistencia medica, deposito de crianças, etc, etc). E assim o será, porque, como assignalava Jules Simon, a fabrica, a mais salubre, a officina melhor administrada, desde que empregue no seu trabalho o elemento feminino, logo se mancha de um vicio original: destroe o lar da operaria. Para esta a maternidade se transforma em carga, e das mais pesadas. Eis tudo.”<sup>282</sup>

<sup>279</sup> MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília. v. 24, n. 1, 2004, p. 49.

<sup>280</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 256.

<sup>281</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel; (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 112-113.

<sup>282</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Facto Notavel. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1919, p. 3.

As ideias higienistas sobre a mortalidade infantil acabam por extrapolar as questões que são de fato higiênicas. Com esse trecho, conseguimos notar uma clara argumentação na tentativa de convencimento do leitor de que as mulheres trabalhando, nem que seja na fábrica mais salubre, é um ato prejudicial à sociedade, ao lar da operária e à normatização da família.

O trabalho extra doméstico das mulheres era visto como um desperdício de energias femininas e como um fator de dissolução da saúde e de comprometimento da dignidade e moral feminina, além de promover a mortalidade infantil e outras desordens sociais, tendo como consequências nocivas o abandono das crianças, a marginalidade e a prostituição.<sup>283</sup>

No capítulo 33 do *Livro das Mães*, no qual o médico discorre acerca de *qual a melhor alimentação para a criança?*<sup>284</sup>, ele toca na temática do trabalho das mulheres pobres:

Que esforços gigantescos tem gasto pediatras e filantropos para superarem as dificuldades, facultando á mulher pobre o trabalho nas fabricas, ao mesmo tempo que o trabalho não acarrete a morte ou a doença das criancinhas! Obtem-se com labor ininterrupto alguma cousa, mas a titulo precario sempre. E, depois de tamanhas lutas, concordavam as instituições pias na Europa que o recurso de melhor salvação dos lactentes se resumia em pagar ás proprias mães para que amamentem, dando a ellas em dinheiro o que perdiam nas fabricas pelas pausas de frequencia, a que obriga a amamentação. Não ha negar que algumas crianças medram com o leite de vacca. [...] Entretanto essa minoria, devastada a miude pelas infecções, levando para a meninice e a juventude o amargo resíduo das dyspepsias, sauda, como os gladiadores romanos a morrerem, aquellas mães que nos deveres do lar incluem a salvação de seus filhos.<sup>285</sup>

Nesse trecho podemos identificar que Fernandes Figueira presume, assim como na matéria anterior, que o trabalho feminino nas fábricas está diretamente relacionado com a mortalidade infantil, expondo uma medida assistencial europeia como possível salvação do problema. Não há dados estatísticos da época que tornem esse fato verdadeiro. Consideramos a condenação do trabalho feminino como mais um argumento de convencimento ao aleitamento materno e da regulação da vida da mulher, atribuindo-a o “dever de salvação dos seus filhos”. Esse empenho do médico

<sup>283</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel; (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 112-113.

<sup>284</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 202.

<sup>285</sup> *Ibid.* 202-203.

em afirmar que a amamentação é um dever do lar e uma ação da natureza feminina, sem meios que garantissem o seu cumprimento pelas mulheres pobres e trabalhadoras em detrimento do trabalho que geraria o seu sustento e de possíveis outros filhos, geraria mais culpa do que transformação nas práticas das mulheres.

A condenação do trabalho feminino e a insistência no aleitamento materno acabaram permitindo que se regulasse a vida da mulher, confinando-a por um longo tempo no ambiente doméstico e voltando o seu olhar aos cuidados da criança e da família. Esse novo olhar sobre a criança, possibilitou a manifestação do amor materno, que se tornou além de desejável, “natural”.<sup>286</sup>

No Brasil, o processo de estatização dos indivíduos teve sobre a mulher a redução à figura de “mãe higiênica”. Essa condição foi resultado da aliança da família com o poder médico, e foi fundamental no ataque ao aleitamento mercenário e artificial, entre outras práticas que supostamente seriam responsáveis pela mortalidade infantil.

Profundamente relacionado à essa figura de “mãe higiênica”, há também o surgimento de uma nova noção de criança e de infância, bem como de uma infância medicalizada e a noção de criança doente. No próximo capítulo analisaremos de que maneira o médico Fernandes Figueira propõe essas práticas de cuidados com as crianças e como elas se relacionam com os debates intelectuais públicos que estão sendo feitos no período de atuação do pediatra.

---

<sup>286</sup> MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília. v. 24 n. 1, 2004, p. 49.

### CAPÍTULO 3: INFÂNCIA E PUERICULTURA EM FERNANDES FIGUEIRA

Nesse capítulo pretendemos trabalhar com a ideia de infância e optamos por iniciar a discussão de uma forma conceitual e teórica acerca da temática, sua construção ao longo do tempo e, posteriormente, adentramos o debate médico e público sobre as crianças no período de finais do século XIX e começo do século XX.

Discutimos a “infância medicalizada” e a noção de criança doente, bem como a instauração da pediatria, que se constitui como especialidade médica não para uma parte do corpo, mas para uma faixa etária considerada “incompleta” ou “em formação”, em contrapartida do adulto, considerado “completo”. Essa problematização foi feita em articulação aos debates sobre maternidade apresentados no capítulo anterior.

Nesse momento, como fonte principal, analisamos o *Livro das Mães*. Porém, também utilizamos outra obra do pediatra, tese escrita para o Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada de 1908. Ambas foram analisadas dentro da perspectiva da história da medicina, da infância e dos estudos de gênero e com a metodologia de análise de discurso.

Fernandes Figueira não foi o primeiro autor de uma literatura médico-pediátrica sobre cuidados infantis, mas o *Livro das Mães* foi um dos primeiros manuais escritos sobre o tema, após a institucionalização da pediatria no Brasil.

As temáticas deste capítulo, portanto, foram três: no primeiro realizamos uma construção histórica sobre a infância; depois trabalhamos com as relações entre as crianças, a puericultura e a medicina, bem como o advento da pediatria; e por fim, analisamos de que maneira as crianças foram vistas pelo pediatra Fernandes Figueira e como ele propôs para a sociedade, - em especial para as mães, - as práticas de cuidados para com os bebês, a partir do *Livro das Mães*. Neste último tópico, dividimos a investigação em alguns eixos de análise: o primeiro sobre a alimentação em geral das crianças; o segundo é relativo ao desenvolvimento físico e mental da criança, o pesar e medir, a robustez, a obesidade e o conceito de lactente normal. Depois, trataremos sobre o humor do bebê, o choro, o nervosismo e alegria; o terceiro eixo discorre sobre o bebê e sua relação com o ambiente e a casa, como os banhos, calor, umidade, passeios, o quarto e transporte de uma criança; o quarto eixo está relacionado às doenças contagiosas em geral.

### 3.1 Construção histórica acerca da Infância

A infância atualmente, no campo jurídico, se configura como o período que abrange desde o nascimento até aproximadamente os 12 anos de idade. O art. 2 do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”<sup>287</sup> Dentro desse período, de acordo com as ciências médicas, há subdivisões conforme o grau de desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial.<sup>288</sup>

No primeiro mês de vida, o bebê é chamado de recém-nascido ou neonato. Entre 1 e 12 meses, que é o maior período de amamentação, chama-se lactente. A primeira infância, período entre 1 e 6 anos de idade, se separa em infante (de 1 a 3 anos) e pré-escolar (de 3 a 6 anos). A infância intermediária corresponde a faixa etária entre 6 a 12 anos de idade. Após isso, o período de pré-adolescência (10 aos 13 anos) e adolescência (13 aos 18 anos), fazem parte da chamada Infância tardia.<sup>289</sup>

O objetivo de delimitarmos as fases de desenvolvimento da infância aqui, é demarcar que trabalharemos neste capítulo principalmente com as três primeiras subdivisões da infância, ou seja, os recém-nascidos, os lactentes e a primeira infância, período este, em que os infantes despendem mais cuidados pueris e médicos no contexto pesquisado. É bom lembrar que essa divisão atual não é natural e nem a-histórica. Aqui já notamos uma parcela da extrema categorização e normatização que a infância foi submetida.

Temos em mente que a infância não é só uma fase biológica da vida, restrita a faixa etária ou etapas de crescimento, mas também é uma construção histórica e social. De acordo com Peter Burke, um “papel social” é definido com base nas normas e padrões de comportamento que se espera de determinado sujeito. O

---

<sup>287</sup> BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 27 abr. 2020.

<sup>288</sup> HOCKENBERRY, Marilyn. J.; WILSON, David; WINKELSTEIN, M. L. Wong. Fundamentos de enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro: Elsevier; 2014 *apud* BARROSO, Maria Clara da Cunha Salomão. **O uso do Brinquedo Terapêutico pelos acadêmicos de Enfermagem no cuidado à criança hospitalizada**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016. p. 19.

<sup>289</sup> HOCKENBERRY; WILSON; WINKELSTEIN, *loc. cit.*

papel social da criança é definido, por exemplo, através das expectativas dos adultos e de que funções são atribuídas a elas pelos mais velhos.<sup>290</sup>

O conceito de infância é polissêmico. De maneira coloquial, a infância é comumente caracterizada como um período. O período de uma vida, que é demarcado de maneira individual e que pode ter várias durações.<sup>291</sup> Porém as crianças não são sujeitos a-históricos, associais e é impossível pensar na infância como à parte de todo o sistema social.

Desde os estudos de Philippe Ariès, muitos pesquisadores tem se debruçado às questões da infância, tentando compreender de que maneira a criança reflete as formas de organização das sociedades e como ela se encontra inserida nessas diferentes sociedades.<sup>292</sup> “De um certo modo, e por paradoxal que essa afirmação possa parecer, não se nasce criança, vem-se a sê-lo.”<sup>293</sup>

Há de se reconhecer a multiplicidade de caminhos que são possibilitados às crianças, a partir do berço em que nasceram e em função das diferentes organizações sociais a que elas estão condicionadas. Conceitualmente e factualmente, a infância é uma produção histórica. Tentar construir uma história acerca da infância, levando em conta toda essa pluralidade de destinos infantis, nos faz pensar se é lícito tratar sobre a infância no singular.<sup>294</sup>

Segundo Carlos Alberto Mendrano e Gregório Barembilit a multiplicidade de infâncias é um produto da sociedade capitalista, e sobretudo das principais estratégias que a Saúde Pública implementou às crianças. Essas estratégias são diferentes aos filhos da burguesia e aos filhos dos trabalhadores, por exemplo.<sup>295</sup> Não é necessário ir pra longe das nossas fontes para se perceber essa multiplicidade. No capítulo anterior, pudemos perceber que Fernandes Figueira ao defender o aleitamento materno exclusivo, abre exceção no caso das mães operárias para alimentarem de maneira mista os bebês. Diferentes classes sociais e diferentes políticas de saúde pública, consequentemente para diferentes infâncias.

<sup>290</sup> BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 79.

<sup>291</sup> QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010. p. 634.

<sup>292</sup> ANGELO, Adilson de. Que infância, para que criança? Nas sendas da história. **Zero-a-Seis**. v. 10, n. 18. 2008. p. 76.

<sup>293</sup> JAVEAU, Claude. Criança, Infância(S), Crianças: que Objetivo dar a uma Ciência Social da Infância? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 379-389, Maio/Ago. 2005. p. 382.

<sup>294</sup> MEDRANO, Carlos Alberto. **Saúde Pública, Psicanálise e Infância**: do Silêncio ao Brincar. História do presente dos espaços para o brincar no campo da saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2003. p. 47.

<sup>295</sup> *Ibid.* p. 48.

Paralelamente a isto, optamos por escolher o termo “infância”, no singular, concordando novamente com Medrano<sup>296</sup>, pelo fato de que mesmo com todas essas diferenças colocadas nas infâncias, a vulnerabilidade e a posição de fragilidade frente ao poder do adulto, acaba sendo comum nas múltiplas faces colocadas a elas.

A atribuição de um significado social para a infância tem contribuído para romper com a caracterização meramente biológica e de faixa etária do ser humano, e ressignifica o seu conceito.<sup>297</sup> A infância, como categoria social, é uma ideia da modernidade. É um conceito que foi se afirmando a partir da “desadultização” das crianças, processo que emergiu com o Renascimento.<sup>298</sup>

No início da Idade Moderna e nos séculos vindouros, pelo menos nas classes populares, as crianças se misturavam com os adultos logo que dispensavam os cuidados maternos ou, comumente, o cuidado das amas. A partir dos sete anos de idade, aproximadamente, já executavam os trabalhos dos maiores e participavam das atividades e da comunidade adulta, sem preciosismos com a faixa etária. Como brevemente mencionado no capítulo anterior, as representações da criança começam a mudar a partir do século XIII, e se intensificam a partir do século XVI, quando surgem retratos de crianças, nas suas especificidades.<sup>299</sup>

Nesse sentido, as crianças sempre existiram, mas historicamente e numa perspectiva ocidentalizada, eram identificadas como seres que viviam às margens do “mundo adulto”, sobretudo um “mundo feminino e doméstico”, e que esperavam vencer os perigos reais da morte precoce, sem um estatuto social próprio. Aguardavam a sua entrada ao “mundo adulto” assim que se constituíssem força de trabalho.<sup>300</sup>

Na sociedade medieval, segundo Ariès, não havia um sentimento de infância. O autor entende por “sentimento da infância” não os afetos pela criança, mas a consciência da particularidade infantil, ou seja, a diferença entre a criança e o adulto. Essa consciência não existia.<sup>301</sup>

---

<sup>296</sup> MEDRANO, Carlos Alberto. **Saúde Pública, Psicanálise e Infância: do Silêncio ao Brincar.** História do presente dos espaços para o brincar no campo da saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2003. p. 48.

<sup>297</sup> ANGELO, Adilson de. Que infância, para que criança? Nas sendas da história. **Zero-a-Seis.** v. 10, n. 18. 2008. p. 76.

<sup>298</sup> *Ibid.* p. 80.

<sup>299</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p. 50-61.

<sup>300</sup> ANGELO, *op. cit.* p. 80.

<sup>301</sup> ARIÈS, *op. cit.* p. 156-157.

Norbert Elias nota que uma profunda discrepância de comportamento entre crianças e adultos aparece entre os séculos XVI e XVII, através do processo civilizador. Neste processo, o controle rigoroso das emoções, impulsos e funções naturais, que demorou séculos para se desenvolver e se assimilar entre os adultos é valorizado e deve ser absorvido rapidamente em alguns anos de vida, necessariamente aumentando a distância entre personalidade e conduta entre adultos e crianças.<sup>302</sup>

No mesmo século, enquanto essa consciência sobre a infância aflorava, um novo sentimento de fato, havia surgido. Ariès chama de “paparicação” o sentimento de encantamento, em que a criança se torna fonte de distrações e divertimento aos seus cuidadores e pessoas da família. A par desse sentimento manifesta-se também o oposto: a indiferença tradicional, configurada pela irritação e hostilidade direcionadas a essa “paixão” para com os bebês.<sup>303</sup>

No século XVIII, essa irritação com a “paparicação” começa a se mostrar de uma forma diferente. Se tem a vontade e se considera necessária a separação das crianças. Não era mais desejável que crianças e adultos se misturassem, principalmente durante as refeições, local mais comum de reuniões, e que proporcionavam espaço para crianças serem mimadas.<sup>304</sup> Neste momento podemos observar uma forma de diferenciação voltada aos infantes, no sentido de que a presença de crianças “incomodava” algumas pessoas, normalmente indivíduos que não tem ligação afetiva com aquelas. Até então, essa situação de incômodo não ocorria, simplesmente pela mistura generalizada das faixas etárias presente naquela sociedade.

Philippe Ariès relata também o surgimento das preocupações da família com o corpo e saúde da criança, a partir do século XVIII. O cuidado com o corpo já era conhecido pelos moralistas e educadores do século XVII:

Tudo que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro das crianças, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família.<sup>305</sup>

---

<sup>302</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994. p. 139-147.

<sup>303</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p. 158-159

<sup>304</sup> *Ibid.* p. 161.

<sup>305</sup> *Ibid.* p. 164.

Portanto, entende-se que as mudanças nas configurações da família e essa diferente forma de se perceber as crianças estão intimamente relacionadas. No século XVIII o centro da família começa a ser a criança, e no século XIX, o filho ocupa essa posição mais do que nunca.<sup>306</sup>

Em concordância com Ariès, Jacques Gélis explica que antes dessa mudança ao centro da família, a criança fazia parte de um tronco comunitário, e ao mesmo tempo que pertencia à uma linhagem familiar, era uma “criança pública”, no qual a educação era feita no seio familiar, porém também pela comunidade.<sup>307</sup> O sentimento de ternura, de “paparicação” com as crianças, surge desse meio familiar. O outro sentimento, de exasperação com os mimos, vem dos eclesiásticos e moralistas, que supostamente tem a preocupação moral sobre o adulto que essa criança viria a se tornar.<sup>308</sup> “Foi particularmente esta elite educadora que introduziu um discurso moralizante que toma forma acabada e hegemônica nas políticas higienista e pedagógicas, no século XIX.”<sup>309</sup>

Conservar a criança, - ato que passa a ser o objetivo da família – significará “fechar” o círculo familiar. Nas famílias burguesas isso será estabelecido com o fim dos “malefícios da criadagem”, colocando os serviçais sobre vigilância dos pais e promovendo novas formas de educação, no qual os próprios genitores educam e criam seus filhos. Nas camadas populares acontece a estratégia de familiarização dos indivíduos com o estabelecimento de casamentos entre os pobres, em detrimento do concubinato. Ou seja, homens e mulheres que tem um domicílio próprio e constituem família. Um centro no qual o filho é alimentado, protegido e não abandonado num abrigo.<sup>310</sup>

Foucault ao tratar da noso-política no século XVIII, coloca como uma das características principais desse sistema o “privilegio” da infância e a medicalização da família. A noso-política é uma política social que tem como objetivo o estado de saúde geral de uma população. No mesmo século, a estruturação da

<sup>306</sup> PERROT, Michele. Figuras e Papéis. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p. 146-167.

<sup>307</sup> GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: CHARTIER, Roger; ARIÈS, Philippe. **História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p. 311-329.

<sup>308</sup> ARIÈS, *op. cit.* p. 162-163.

<sup>309</sup> MEDRANO, Carlos Alberto. **Saúde Pública, Psicanálise e Infância: do Silêncio ao Brincar**. História do presente dos espaços para o brincar no campo da saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2003. p. 53.

<sup>310</sup> DONZELOT, Jacques. **A Polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. p. 17-45.

sociedade como meio de bem-estar físico, saúde perfeita e longevidade para todos, surgiu como nova função do Estado, tendo como principal suporte, a grosso modo, a preservação, a manutenção e a conservação da “força de trabalho”, concomitante com o surgimento da economia liberal.<sup>311</sup>

O corpo dos indivíduos e das populações agora portam outras variáveis: a integração ao desenvolvimento do aparelho de produção e o aumento da utilidade desses corpos. E para isso não se basta apenas “produzir” um maior número de crianças, mas gerir apropriadamente esta época da vida, para que elas consigam sobreviver até a idade adulta e assim se tornarem úteis como peça essencial na força dos Estados.<sup>312</sup> Por isso uma necessidade de se administrar uma política de saúde capaz de:

diminuir a mortalidade infantil, de prevenir as epidemias e de fazer baixar a taxa de endemia, de intervir nas condições de vida, para modificá-las e impor-lhes normas (quer se trate de alimentação, de hábitat ou de urbanização das cidades) e proporcionar equipamentos médicos suficientes.<sup>313</sup>

O desenvolvimento dessa medicina social, da higiene pública e de uma polícia médica são integrantes plenos de uma “biopolítica”, prezando a saúde da população para que esta seja saudável e conseqüentemente útil ao Estado-Nação e ao aparelho de produção capitalista.<sup>314</sup> A infância e a família se relacionam intrinsecamente com a biopolítica pelo fato de que o meio familiar se tornou o agente mais constante e primário da medicalização dos indivíduos. Ela permitiu a articulação de uma ética privada da boa saúde, com o objetivo primeiro da noso-política, ou seja, a saúde coletiva.<sup>315</sup>

A família medicalizada-medicalizante, que se torna a base para se manter a estabilidade da saúde, em especial a saúde das crianças, faz com que as relações entre pais e filhos comecem a ser codificadas. Além de manter as relações de submissão tradicionais, agora surgem um conjunto de obrigações impostos aos pais e aos filhos: obrigação de cuidados de ordem física (higiene, contato, limpeza, atenção); amamentação das crianças pelas mães; exercícios físicos para assegurar o

---

<sup>311</sup> FOUCAULT, Michel. A Política da Saúde No Século XVIII. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 193-208.

<sup>312</sup> *Ibid.* p. 198-199.

<sup>313</sup> FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 494.

<sup>314</sup> FOUCAULT, *loc. cit.*

<sup>315</sup> FOUCAULT, *op. cit.* p. 200-201.

bom desenvolvimento do organismo: “corpo a corpo permanente e coercitivo entre os adultos e as crianças”.<sup>316</sup> Segundo Foucault, não há sociedade que não realize uma certa “noso-política”. No Brasil, podemos perceber os mesmos processos, mesmo que posteriores ao século XVIII.

Deslocando a discussão sobre as representações da infância para o Brasil, - com as óbvias raízes culturais europeias, - no sistema colonial de organização familiar do século XVI, o filho ocupou uma posição puramente instrumental dentro da família. Instrumental no sentido de secundária, de não ser o elemento principal do grupo familiar.<sup>317</sup>

A historiadora Mary Del Priore diz que é difícil definir a criança no passado do Brasil, sobretudo pela tremenda instabilidade e a mobilidade populacional dos primeiros séculos de colonização. Expressões como “meúdos”, “ingênuos” e “infantes” foram encontrados nos documentos referentes à vida social da América portuguesa, mas na mentalidade coletiva, a infância era um tempo sem maiores personalidades, um momento de transição ou mesmo uma esperança.<sup>318</sup>

Em manuais de medicina datados entre os séculos XVI e XVIII, as divisões etárias da infância eram feitas citando Cláudio Galeno<sup>319</sup>, médico antigo que, de acordo com Priore, as definia da seguinte forma:

a ‘puerícia’ tinha a qualidade de ser quente e úmida e durava do nascimento até os 14 anos. A segunda idade, chamada adolescência, cuja qualidade era ser ‘quente e seca’, perdurava dos 14 aos 25 anos. Na lógica de Galeno, o que hoje chamamos infância corresponderia aproximativamente à pericial. Esta por seu turno, dividia-se em três momentos que variavam de acordo com a condição social de pais e filhos. O primeiro ia até o final da amamentação, ou seja, findava por volta dos três ou quatro anos. No segundo, que ia até os

<sup>316</sup> FOUCAULT, Michel. A Política da Saúde No Século XVIII. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p. 199.

<sup>317</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 153-155.

<sup>318</sup> DEL PRIORE, Mary. O Cotidiano da Criança Livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 47.

<sup>319</sup> Cláudio Galeno foi um médico grego que nasceu no ano de 129 em Pérgamo, (hoje parte do território Turco). É considerado um dos médicos mais importantes da Antiguidade, criador da Fisiologia experimental. Desde os 16 anos, estudou Filosofia e Medicina. Em Roma escreve a maior parte de sua obra: cerca de 400 livros, dos quais 98 são conhecidos. Galeno realiza várias descobertas, baseado em experimentos com macacos. Distingue, no sistema nervoso cerebral, os nervos sensoriais dos nervos motores; descreve o coração e o funcionamento da pequena circulação; demonstra que os rins processam a urina e mostra que as artérias contêm sangue e não água, como acreditavam, até então, os pesquisadores. Desenvolve a teoria de que as doenças do corpo humano ocorrem quando há um desequilíbrio entre quatro de seus componentes: sangue, bílis, pituita e atrabílis. Morreu no ano de 201. In: CLÁUDIO Galeno. **Fiocruz**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/claudiogaleno.htm>. Acesso em 29 abr. 2020.

sete anos, crianças cresciam à sombra dos pais, acompanhando-os nas tarefas do dia a dia.<sup>320</sup>

Depois desse período dos sete anos, as crianças iam trabalhar e desenvolviam afazeres, aprendiam algum ofício se tornando aprendizes ou, estudavam a domicílio ou nas escolas régias criadas a partir da segunda metade do século XVIII.<sup>321</sup>

Esse cenário em que a criança desempenhava a posição social secundária de filho permaneceu até o século XIX, assim como na Europa. A família colonial não dava a afeição que contemporaneamente se acha indispensável para o desenvolvimento físico e emocional da criança. Antes de se tornar o centro do lar, quem ocupava esse papel era o pai. Apenas a partir do século XIX, a imagem da criança “delicada” e “frágil”, que necessitava e merecia cuidado absoluto dos pais foi se tornando mais comum.<sup>322</sup>

O filho-criança, aos olhos da religião católica colonial, era visto com certo desprezo. A figura da criança venerada era o anjo. O “anjinho”, ou criança morta, tinha uma devoção especial na cultura familiar, no qual a vida concreta era rebaixada em comparação com a vida sobrenatural. Por isso existia até um sentimento de “felicidade” na morte das crianças por parte da família, porque supostamente elas “iriam para o céu”. No espaço terreno, tanto no ponto de vista sentimental quanto no material, era tratada como um “adulto incompetente”, e sua existência era vista negativamente com relação ao adulto. Essa etapa de desenvolvimento biológico-moral, a infância, se obscurecia atrás dos papéis culturais de “filho incapaz” e de “anjinho”.<sup>323</sup>

A possibilidade de prolongamento da vida das crianças, fator historicamente criado com as medidas higiênicas de cuidados, contribuiu para que esse sentimento de “felicidade” diante da morte se transformasse num sentimento de medo e repulsa diante da morte infantil. Sentimentos que se intensificaram com o

---

<sup>320</sup> DEL PRIORE, Mary. O Cotidiano da Criança Livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 47.

<sup>321</sup> DEL PRIORE, *loc. cit.*

<sup>322</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 153-155.

<sup>323</sup> *Ibid.* p. 159-162.

desenvolvimento da medicina e com vigilância dos médicos cada vez mais especializados.<sup>324</sup>

Nestas reflexões sobre as representações da infância, temos em mente que as crianças não foram vistas de uma maneira homogênea nos contextos mencionados. Como já apontado anteriormente, considerando as diferentes realidades socioeconômicas e culturais, sobretudo no caso brasileiro, filhos de famílias de escravizados, de famílias com tradições indígenas, ou mesmo de brancos da classe popular conviveram de maneira contemporânea e foram assim condicionados e regulados por esses fatores sociais. Tiveram consequentemente a importância dada a sua existência, sua valorização e o seus papéis regulados por esses fatores.

Mas, de maneira global, até o século XIX é necessário recordar que a pediatria institucionalizada não existia, assim como uma atenção médica específica para as crianças. Além de não existirem pediatras e literatura científica especializada, muitas vezes os médicos também achavam que o tratamento de bebês e crianças doentes não fosse algo de sua competência, e que estas deveriam ser tratadas pelas donas de casa ou parteiras. Um dos motivos pelo qual isso ocorria, segundo a historiadora Claudia Pancino, era justamente porque as crianças se encontravam num estado de “meia humanidade”, de humanidade incompleta, que ainda não haviam demonstrado saber sobreviver. Ela define, portanto, a infância, até esse período, como “grupo limítrofe”.<sup>325</sup>

No começo do século XX, com essa amálgama de sentimentos sobre a infância ainda sofrendo transformações, existe um discurso médico para reafirmar as diferenças entre crianças e adultos, sobretudo na especialidade da medicina que se direciona a esta faixa etária.

Fernandes Figueira, em publicação de 1908, afirma que de acordo com seus conhecimentos sobre essa fase da vida, é um erro considerar a criança como um homem pequeno:

É dentro dessas fronteiras que se divulgam as características anatomicas e physiologicas, com as consequencias forçadas quanto á pathologia, á hygiene e á therapeutica. Tal a physionomia peculiar desse período de desenvolvimento, que foi elle assignalado ultimamente, em doudas

<sup>324</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 71.

<sup>325</sup> PANCINO, Claudia; SILVERIA, Lygia. “Pequeno demais, pouco demais”. A criança e a morte na Idade Moderna. **Cad. hist. Ciênc.** São Paulo. v. 6, n. 1, 2010. p. 209.

discussões na Alemanha, como a matéria primordial dos estudos de clínica infantil em cursos universitários. Pelo conhecimento exacto de semelhante phase é que se mede bem a extensão do erro, tão generalizado e tão inconsciente, de considerar a criança como um homem pequeno. Ella é, antes de tudo, como não ignoramos e a todo o instante o esquecemos, um frágil ser em evolução, menos feliz talvez que o marsupial preso à bolsa materna enquanto a evolução se completa; menos vezes afortunada que o cachorrinho selvagem, que as mães, feras embora, lhes não negam a seiva da vida, o alimento insubstituível do leite que lhes pertence. <sup>326</sup> (grifo nosso)

Reconhecendo a singularidade desse período da vida, o médico legitima a especialidade pediátrica e os estudos de clínica infantil, diferenciando a criança do adulto também nos cuidados médicos. Apesar disso, conceitua a criança como um frágil ser em evolução, não em sua completude. Em trecho anterior a este mencionado, Fernandes Figueira, pelo alto número de mortalidade infantil, chama a criança de “humano itinerário”, dando a ideia de uma existência passageira para boa parte dos sujeitos nessa faixa etária:

Assim, ao enterreir o assumpto, cumpre-nos abrir mão das causas e remedios da mortalidade em outras épocas da existência que não os primeiros doze ou dezoito mezes, os mais perigosos do humano itinerario. (grifo nosso) <sup>327</sup>

O processo de “privatização” de infância também pode ser relacionado com as transformações que ocorreram nas sociedades modernas e nas suas relações com as doenças. As ligações cada vez mais individualizadas entre médico e paciente também contribuíram para que o atendimento médico, em finais do século XIX e começo do século XX, se especializasse nos cuidados com as crianças, sujeitos cada vez mais distintos dos adultos. <sup>328</sup>

Com o surgimento da pediatria e domínio do corpo em crescimento pela medicina, os saberes e práticas que eram de competência das mulheres e parteiras passaram ao controle dos médicos e da ciência. E mais do que conhecimentos da vida privada das famílias, esses saberes agora faziam parte de um projeto mais amplo de sociedade, como veremos a seguir.

### 3.2 A Infância, a Pediatria e a Puericultura

<sup>326</sup> FIGUEIRA, Antônio Fernandes. Assistência à Infância e particularmente o que se refere às medidas a adoptar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. **Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1908. Acervo Digital de Obras Raras da Fiocruz. p. 3-4

<sup>327</sup> *Ibid.* p. 1

<sup>328</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 70.

Até meados do século XIX o conjunto de cuidados com a higiene, alimentação e disciplina das crianças era passado de mães para filhas e repleto de mitos e tabus. Depois que houve a apropriação desses “assuntos femininos” pela medicina e pela pediatria, a puericultura começou, gradativamente a ser transformada em uma ciência mais explorada, com abrangências e aplicações mais amplas, e atendendo uma faixa etária maior.<sup>329</sup>

A princípio, o termo “puericultura” surgiu sem grande repercussão numa publicação suíça, em 1762.<sup>330</sup> Retorna, mais de 100 anos depois, numa publicação francesa do ano de 1865, com autoria de um médico chamado Alfred Caron, mas a ideia acaba ganhando força apenas pouco antes de 1900, a partir de Adolphe Pinard.<sup>331</sup>

Para a puericultura surgir no século XIX na França, foram necessárias modificações profundas nas mentalidades da sociedade ocidental e principalmente nas maneiras em que a criança, a medicina e os Estados modernos passaram a serem vistos.

Por definição, a puericultura, seria o conjunto de técnicas empregadas para assegurar o perfeito desenvolvimento físico, mental e moral da criança, desde o período de gestação até a puberdade.<sup>332</sup> Mas mais do que isso, essas técnicas representam ao Estado Moderno, segundo Jacques Donzelot, a estruturação de um projeto de sociedade, que a partir do século XVIII, pretendia investir na conservação das crianças.<sup>333</sup>

Esse projeto apoiou-se inicialmente por médicos. Nesse sentido, os discursos que incitavam a conservação das crianças originam-se das relações estabelecidas entre a medicina e a teoria econômica, e da relação entre a produção de riquezas e do tratamento do corpo. Essas crianças supostamente deveriam dar

---

<sup>329</sup> BONILHA, Luis Roberto de Castro Martins. **Puericultura: Olhares e Discursos no Tempo**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. 2004. p. 16.

<sup>330</sup> BONILHA, Luís Roberto de Castro Martins; RIVORÊDO, Carlos R. S. F. Puericultura: duas concepções distintas. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro. v. 81, p. 7-13, 2005. p. 9.

<sup>331</sup> THÉBAUD, Françoise. **Quand nos grand-mères donnaient la vie**: La maternité en France dans l'entre-deux-guerres [en ligne]. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 1986 p. 117-147. (généré le 12 novembre 2020). Disponível em: <http://books.openedition.org/pul/15194>. Acesso: 12 nov 2020.

<sup>332</sup> BONILHA, *op. cit.* p. 14.

<sup>333</sup> DONZELOT, Jacques. **A Polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. p. 17-45.

algum retorno econômico, através de uma economia social, ou uma economia do corpo.<sup>334</sup>

Podemos perceber uma certa dualidade nos usos da puericultura. Além de ser considerado um conjunto de técnicas científicas aplicado às crianças, tentando garantir um desenvolvimento saudável dos indivíduos na infância, não há como deixar de notar o seu cunho normatizador da vida social, especialmente da população pobre.

Utilizando referenciais teóricos das ciências sociais, muitos autores entendem a Puericultura como prática social sujeita aos mais diversos agentes políticos e econômicos, e com motivos, objetivos e conseqüências que extrapolam a simples elaboração de normas científicas que assegurem o desenvolvimento da criança. Existiriam assim, encobertos sob a proposta de prevenir a mortalidade infantil através da educação, outros projetos, como do estabelecimento de um padrão de comportamento não só para as crianças, mas para as famílias inteiras, de cunho moralizante e baseado naquele considerado ideal pelas classes dominantes.<sup>335</sup>

Desde a origem da puericultura no fim do século XIX e até os dias atuais, em cada momento e local em que foi usada, ela incorporou características e determinações dos grupos hegemônicos. Desta forma, a puericultura se qualifica como uma prática técnica e social, porque se apoia em fundamentos científicos, mas se aplica no âmbito das relações sociais.<sup>336</sup>

A puericultura colocava a mulher e o bebê como pacientes centrais da atenção médica, “e fazia da obstetrícia, da ginecologia e da pediatria as principais especialidades da medicina” no contexto.<sup>337</sup> Como atribuição, essas especialidades deveriam descobrir e averiguar os diversos fatores que interferiam na reprodução e sua saúde, além de manter as mulheres na sua “função reprodutora”, criando filhos supostamente saudáveis e que sirvam de maneira positiva a nação. A saúde das crianças, - vistas como recursos biológico-políticos, - passou a ser de regulação do Estado.<sup>338</sup>

Como responsáveis pela manutenção da saúde dos infantes, a pediatria elabora e tenta difundir uma representação da criança como sujeito a ser

<sup>334</sup> DONZELOT, Jacques. **A Polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. p. 17-45.

<sup>335</sup> BONILHA, Luis Roberto de Castro Martins. **Puericultura: Olhares e Discursos no Tempo**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. 2004. p. 18-19.

<sup>336</sup> *Ibid.* p. 15-19.

<sup>337</sup> *Ibid.* p. 84-92.

<sup>338</sup> STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 86.

cuidado por profissionais, afirmando as particularidades dessa faixa etária da vida. Com esse movimento de justificação da função social do pediatra, além da institucionalização da especialidade, também deve-se considerar o poder simbólico da associação construída entre infância e doença.<sup>339</sup>

Porém como tratar um paciente que não fala e que não consegue explicar o que está sentindo? A anamnese na medicina das crianças é diferenciada, restando ao médico pressupor o que aflige a criança através da observação e mediação do um terceiro, responsáveis pela criança, normalmente a mãe ou ama.<sup>340</sup>

As ideias de comportamento e funcionamento “normal” do corpo infantil irão direcionar a elaboração de saberes e práticas para zelar da saúde e atuar na condenação de manifestações indesejadas socialmente. Ao tornarem-se sujeitos a serem cuidados e ensinados, as crianças também serão participantes de um movimento mais abrangente de “civilização”.<sup>341</sup>

A institucionalização da especialidade pediátrica constituiu-se a partir de um movimento das mentalidades no ocidente europeu e se difundiu por outras sociedades como parte da Medicina moderna como um todo. Tal movimento mesclou a ascensão do capitalismo, modificações culturais relacionadas a ideia de infância, bem como as novas formas de organização do Estado Moderno. “A Pediatria, como especialidade médica, surge no final do século XVIII, no rastro das modificações socioculturais próprias da Modernidade e das Luzes”.<sup>342</sup>

Segundo Carlos Rivorêdo o pensamento pediátrico teve etapas na sua formação: a primeira se constitui como a afirmação da pediatria, que se desenvolveu com disputas dentro do meio médico entre os séculos XVIII e XIX; a segunda acontece quando a Pediatria se articula com uma preocupação mais social com a criança, representado no século XVIII com a criação de instituições como, por exemplo, os hospícios para menores e da Roda, que não eram entidades exclusivamente médicas, mas tinham como objetivo diminuir o número de mortes infantis; a terceira etapa funde a pediatria e o movimento eugênico, mais especificamente a puericultura, no qual em meados do século XIX, a pediatria se

---

<sup>339</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 17.

<sup>340</sup> *Ibid.* p. 85-89.

<sup>341</sup> *Ibid.* p. 18.

<sup>342</sup> RIVORÊDO, Carlos Roberto Soares Freire de. *Pediatria: Medicina para Crianças?* **Saúde e Sociedade**. São Paulo. v. 7, n. 2, 1998. p. 33-45.

associa com outras práticas da vida social das crianças e com a concepção extrafamiliar da escola; e o quarto momento, que perdurou pela primeira metade do século XX, em que se aprofunda o discurso puericultor: “A Pediatria alimenta o discurso da Puericultura, apoiando-a cientificamente, mas de maneira impositiva, quer dizer, com ordens médicas que deveriam ser seguidas à risca, acompanhando os movimentos higiênicos mais gerais da época.” Posteriormente, a forma impositiva se transformará em forma de persuasão, mas com as mesmas ideias e conceitos.<sup>343</sup>

No Brasil, os primeiros médicos de crianças tiveram - assim como o movimento da eugenia – muitas relações com as produções médicas francesas. Apesar dessa influência das academias europeias (principalmente francesas e alemãs), os médicos não eram apenas importadores de conhecimentos estrangeiros, mas desenvolviam produções que eram próprias do exercício da medicina no país.<sup>344</sup>

Como já mencionado no capítulo 1, a pediatria brasileira foi institucionalizada em fins do século XIX. Em 1883, foi criada oficialmente a cadeira de Clínica Médica e Cirúrgica de Crianças na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.<sup>345</sup> Antes disso, em 1881, Moncorvo de Figueiredo já havia fundado a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, local onde ministrava aulas informais de pediatria.<sup>346 347</sup>

Assim como fez Moncorvo de Figueiredo em 1883, na criação da cadeira de Clínica Médica e Cirúrgica de Crianças, Fernandes Figueira pleiteou sem a necessidade de concurso, em 1910, a cadeira de clínica de pediatria médica e de higiene infantil da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O desfecho de ambas as situações não foi favorável. Fernandes Figueira não conseguiu apoio da maioria da congregação da Faculdade e desistiu de sua concorrência na vaga.<sup>348</sup>

<sup>343</sup> RIVORÊDO, Carlos Roberto Soares Freire de. *Pediatria: Medicina para Crianças?* **Saúde e Sociedade**. São Paulo. v. 7, n. 2, 1998. p. 38-39.

<sup>344</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 17.

<sup>345</sup> CIAMPO, Luiz Antonio Del. CIAMPO, Ieda Regina Lopes Del. *Curso de Medicina e ensino de Pediatria nas escolas médicas brasileiras*. **Pediatria**. São Paulo. v. 32, n. 1. p. 9-14. 2010. p. 11.

<sup>346</sup> SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. **Varia História**, Belo Horizonte. v. 26, n. 44: p.437-459, jul./dez. 2010, p. 444;

<sup>347</sup> SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). **Est. Hist.** Rio de Janeiro, v. 27, n. 53, p. 71-91, jan./jun. 2014. p. 76.

<sup>348</sup> SANGLARD, Gisele; FERREIRA, *op. cit.* p. 444-449.

Mesmo fora do concurso, o pediatra se manteve como livre-docente vinculado à Faculdade. Nessa condição de livre-docente, os professores poderiam ofertar cursos semelhantes aos do currículo oficial. E foi o que o médico fez já no ano seguinte. Assim como o curso informal de Moncorvo na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, o curso de pediatria de Fernandes Figueira também foi “marginal” à Faculdade.<sup>349</sup>

Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira apontam que apesar da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro “fosse oficialmente responsável pelo ensino da pediatria na capital federal, na prática, as atividades pedagógicas de clínica pediátrica eram realizadas em entidades que estavam fora de seu alcance formal.”<sup>350</sup>

Fernandes Figueira, portanto, apesar de não ser catedrático da especialidade na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é um dos representantes do ensino e da clínica pediátrica na capital, durante as décadas de 1910 e 1920, e também responsável pela organização de um sistema tanto público, quanto filantrópico de assistência à saúde infantil.<sup>351</sup>

Desse modo, Fernandes Figueira participa dessa fase de construção do pensamento pediátrico no Brasil, ensinando médicos informalmente, e também faz parte dessa idealização de um projeto de sociedade eugênica, higienizada e que normatiza a vida social, tentando vulgarizar os ensinamentos de puericultura para as mães e as famílias através de uma literatura médico-pediátrica.

Se a pediatria, termo criado pelos médicos em fins do século XIX, é uma medicina dirigida a crianças doentes e que veio a se tornar uma especialidade, a puericultura pretendia ser preventiva e normativa e deveria ser, com a ajuda dos médicos, a tarefa das mães.<sup>352</sup>

### 3.3 A puericultura segundo Fernandes Figueira

---

<sup>349</sup> SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. **Varia História**, Belo Horizonte. v. 26, n. 44: p.437-459, jul./dez. 2010, p. 444-449.

<sup>350</sup> SANGLARD; FERREIRA, *loc. cit.*

<sup>351</sup> *Ibid.* p. 449.

<sup>352</sup> THÉBAUD, Françoise. Chapitre II. L'éducation des mères par la puériculture In: THÉBAUD, Françoise. **Quand nos grand-mères donnaient la vie**: La maternité en France dans l'entre-deux-guerres [en ligne]. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 1986 (généré le 12 novembre 2020). Disponível em: <<http://books.openedition.org/pul/15194>>. Acesso: 12 nov 2020.

Fernandes Figueira não foi o primeiro autor de uma literatura médico-pediátrica sobre cuidados infantis, mas o *Livro das Mães* foi um dos primeiros manuais de puericultura publicados após a institucionalização da pediatria no Brasil.

Consideramos que o *Livro das Mães*, bem como o médico Fernandes Figueira, estão inseridos no movimento global ocorrido no começo do século XX, relativo ao desenvolvimento de ideias da puericultura. Identificamos alguns congêneres da obra como, por exemplo, na França o *Livre des Mères*, escrito em 1904 por Dr. J. Gérard, que também traz o dever da amamentação como invocação da natureza ou fator de satisfação materna, entre várias outras obras francesas com as mesmas convicções, trazidas pela autora Françoise Thébaud.<sup>353</sup> Na Argentina, Gregorio Araóz Alfaro também já tinha publicado o *Libro de las madres*, em 1899, com o propósito de “assegurar ao máximo a saúde e o vigor das crianças”<sup>354</sup>.

Como já analisado no capítulo anterior, para essa tarefa de cuidar do filho da maneira “perfeita”, o Fernandes Figueira defende que a exclusividade da ocupação das mulheres deve ser a criança, a maternidade. A seguir estaremos analisando de que forma o pediatra propõe, como especialista, as práticas de cuidados com as crianças no *Livro das Mães*.

Dividimos a investigação em alguns eixos de análise: o primeiro sobre a alimentação em geral das crianças; o segundo é relativo ao desenvolvimento físico e mental da criança, o pesar e medir, a robustez, a obesidade e o conceito de lactente normal. Depois, trataremos sobre o humor do bebê, o choro, o nervosismo e alegria; o terceiro eixo discorre sobre o bebê e sua relação com o ambiente e a casa, como os banhos, calor, umidade, passeios, o quarto da criança, e transporte de uma criança; o quarto eixo está relacionado às doenças contagiosas em geral.

No primeiro eixo mencionado, a alimentação, verificamos no capítulo 33 cujo título é *Qual a melhor alimentação para a criança?*, que Fernandes Figueira é categórico na defesa do aleitamento materno:

Não escrevera estas linhas, se ha poucos annos não me houvessem relatado que, numa arguição de concurso, um professor exclamara, frenetico e tremulo, que tanto vale dar á criança o leite de mulher como o de vaca.

<sup>353</sup> THÉBAUD, Françoise. Chapitre II. L'éducation des mères par la puériculture In: THÉBAUD, Françoise. **Quand nos grand-mères donnaient la vie: La maternité en France dans l'entre-deux-guerres** [en ligne]. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 1986 (généré le 12 novembre 2020). Disponível em: <<http://books.openedition.org/pul/15194>>. Acesso: 12 nov 2020.

<sup>354</sup> NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político: Buenos Aires, 1890-1940**. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 115.

Esta asseveração não a perfilha obra alguma de pediatria e qualquer medico a repudiará, ainda que sem esposar a especialidade da clinica infantil. Ella é falsa, erronea, nefasta.

Falsa. As estatisticas de morbilidade e de mortalidade infantis apontam de modo irrecorrivel as catastrophes originarias da amamentação artificial. <sup>355</sup>

Fernandes Figueira é adepto da escola francesa de pediatria. Neste contexto, principalmente a partir da década de 1920, há querelas e discussões no meio médico brasileiro, entre a chamada escola francesa de pediatria e a escola alemã. A escola francesa foi focada na dietética infantil e relacionava a imunidade adquirida na alimentação com a prevenção de doenças. Na escola alemã, difundida principalmente pelo médico Martinho da Rocha Junior, que foi formado na Alemanha e se instalou no Rio de Janeiro na década de 1910, pregava conceitos “atraentes” dentro da medicina, cálculos precisos de medicações e alimentação e o enfoque deixa de ser exclusivamente sobre o aparelho digestivo.<sup>356</sup> Uma das críticas dele à escola francesa era que os recursos terapêuticos da época eram muito rudimentares: “As desordens intestinais agudas, ou qualquer moléstia infecciosa, eram tratadas à base de purgantes, supositórios, clisteres, injeções...”<sup>357</sup> O enfoque no aparelho digestivo nessa “nova” escola continua importante, porém a atenção começa a ser dada ao “metabolismo celular responsável pelo crescimento, desenvolvimento neuropsicomotor, imunidade, etc.”<sup>358</sup> Além disso, no estudo sobre nutrição da escola alemã, começaram a aplicação de normas bastante rígidas e a introdução da alimentação mista a partir dos 2 meses de vida, por causa de pesquisas sobre a composição “deficiente” de uma dieta exclusivamente láctea, como a escola francesa defendia.<sup>359</sup> A partir dessa discussão e da concordância de Fernandes Figueira com a escola francesa de pediatria, entende-se um dos motivos da ênfase do médico na nutrição e na amamentação exclusivamente materna.

A amamentação, segundo Fernandes Figueira, é sem dúvida a melhor forma de se alimentar um bebê e o tornar robusto e ter um crescimento forte. De

<sup>355</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 202.

<sup>356</sup> BONILHA, Luis Roberto de Castro Martins. **Puericultura**: Olhares e Discursos no Tempo. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. 2004. p. 67.

<sup>357</sup> CARNEIRO, Glauco. **Um Compromisso com a Esperança**: História da Sociedade Brasileira de Pediatria. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 2000. p. 178-180.

<sup>358</sup> BONILHA, *op. cit.* p. 67.

<sup>359</sup> “Essas novas normas foram assinaladas mais tarde como uma das causas do desmame precoce no nosso país.” In: BONILHA, *loc. cit.*

acordo com os preceitos da puericultura, da higiene e da eugenia, e da busca por melhoramentos da saúde e modos de vida, passa a ser comum no pensamento médico brasileiro, em começo do século XX, que o crescimento e a robustez das crianças fossem tidos como sinônimos de corpo saudável. Existiam até concursos de robustez para o incentivo ao cuidado alimentar dos bebês.<sup>360</sup> Além disso, a pediatria viria a contribuir com a ideia de que o corpo infantil era um corpo passível de modelagem. “A ‘descoberta’ do crescimento da criança como singularidade – concepção inscrita também na pedagogia e na psicologia – comporia, dessa forma, o repertório científico da pediatria nascente.”<sup>361</sup>

No capítulo 19 do *Livro das mães*, uma senhora apresenta a seguinte preocupação: *Comprei em Paris o livro de Boudin*<sup>362</sup>. *Por elle acompanhei o desenvolvimento de meu filho. Tudo ocorria soffrivelmente. Noto agora, aos oito mezes, oscillações na linha de peso, que me inquietam muito.*<sup>363</sup> E o médico lhe responde:

Sem duvida ha uma linha ascensional de peso e mais pronunciada no primeiro anno de vida. Resumiu-a com a clareza, que os caracteriza, um pediatra francez. Diz elle: Aos cinco mezes duplica e aos 12 triplica o lactente de peso com que nasceu. Ex.: nascimento – 3.000 gramas; cinco mezes – 6.000 gramas; um anno – 9.000. [...]

Quanto á estatura, fixemos schematicamente estes Algarismos: até cinco mezes sóbe ella 13 centímetros, e até 12, 20 centímetros. Dest’arte: nascimento – 50 centímetros; cinco mezes – 63; um anno – 70. Mas – conserve-se bem a restrição – tudo isso exterioriza médias, e nada mais. [...] Incumbe ao medico interpretar bem as oscillações, que o cliente lhe aponta. [...]

Em resumo: para que forme juizo, tenho necessidade de examinar seu filho.<sup>364</sup>

<sup>360</sup> No Rio de Janeiro esses concursos foram idealizados por Moncorvo de Figueiredo Filho e promovidas pelo Instituto de Proteção e Assistência à infância (Ipai). Tinham a finalidade de estimular a amamentação e foram realizados por 33 anos consecutivos a partir de 14 de julho de 1902. O concurso atribuía premiação em dinheiro ao bebê mais “saudável”, de até 1 ano, que tivesse sido amamentado por sua mãe no mínimo até os 6 meses de idade. In: SANGULARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 97.

<sup>361</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX.** Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 154-155.

<sup>362</sup> De acordo com o próprio Fernandes Figueira, na resposta do corrente capítulo, Boudin foi um “extinto parteiro parisiense”: Não ha negar a utilidade incontestavel do livro de Boudin. E, assim como o do extinto parteiro parisiense, outros modestos volumes esclarecem bastante os leigos e principalmente os principiantes de medicina, a respeito da alimentação infantil.” In: FIGUEIRA, Fernandes. *Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil.* 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 181.

<sup>363</sup> FIGUEIRA, *loc. cit.*

<sup>364</sup> *Ibid.* p. 181-182.

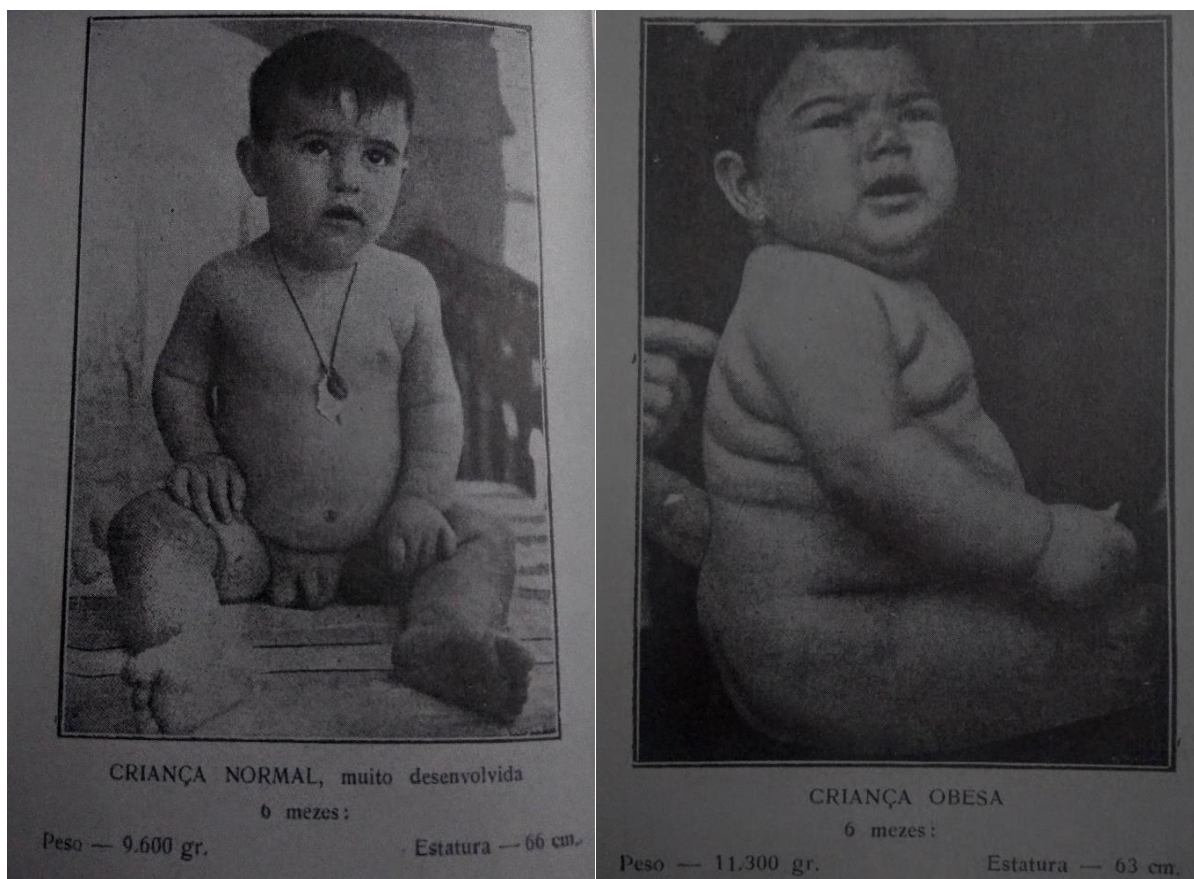
A prática de acompanhar a evolução do peso das crianças através de padrões de crescimento e médias, seria largamente utilizada como rotina médica e descreveria um padrão de “normalidade” de crescimento infantil, que se fosse desviado se justificaria por si só a intervenção médico-social. Isso era sustentado pela divulgação de imagens de bebês gordos tomados como saudáveis e bem nutridos. Veiculava-se, então, não somente um padrão biológico tido como natural e a ser perseguido por famílias e profissionais, mas, também, um padrão estético de beleza infantil.<sup>365</sup>

Fernandes Figueira também toca no assunto da robustez infantil, porém defende que a robustez em excesso, colocada por ele como obesidade, é prejudicial para as crianças. No capítulo 31 do livro, intitulado *Conceito de lactente normal*, o médico adiciona fotos de duas crianças, uma “criança normal” e uma “criança obesa”, ambas com 6 meses de idade, para ilustrar as comparações que faz, como podemos ver a seguir:

---

<sup>365</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 154-156.

**Figura 4** – Criança normal e criança obesa segundo Fernandes Figueira



Fonte: <sup>366</sup>

Segundo o pediatra um lactente normal é aquele que cresce de acordo com as médias aceitas, exerce suas funções e cresce dentro das proporções que a experiência médica esquematizou:<sup>367</sup>

Pesará ao nascer um mínimo de tres quilogramas, o coração baterá 120 pulsações por minuto, respirará trinta vezes na mesma unidade de tempo. Aproveitará a alimentação de modo a crescer 20 centímetros na estatura e triplicar seu peso corporeo, em um anno: 3 kilogramas: 9; 50 centímetros: 70. Terá a pelle tonica, não consentindo a formação de dobras, que lhe provoquemos artificialmente. Serão rijos os musculos, boleados os ombros, sem as deformações da obesidade.<sup>368</sup>

Em outro capítulo, no qual uma senhora está com dúvidas sobre o desmame do filho: N. 6 - *Meu primo e seu colega, o Dr. X., examinou meu leite. Achou muito gordo. Creio que por isso o menino está um pouco definhado. Não será melhor*

<sup>366</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 198-199.

<sup>367</sup> *Ibid.* p. 197.

<sup>368</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

*desmamal-o?*<sup>369</sup>, Fernandes Figueira explica que o exame clínico do leite dificilmente prova se um leite é bom ou ruim ao lactente e que não se deve tomar essa decisão tão importante, - de desmamar ou não – e das probabilidades de robustez, através de uma análise tão “desvaliosa”. E completa ainda:

Está realmente magro o menino de V. Ex.?

Ha quem aprecie a obesidade como a prova de vigor de uma criança... Que perigoso erro! Certo que um menino, que mama, não deve oferecer á contemplação as linhas hoje admiradas na elegancia das pseudo-magras. Mais farto que o adulto em tecido graxo debaixo da pelle, e esta não havendo sido estirada nos exercicios e na marcha, o corpo se apresenta boleadado, com as dobras peculiares na face interna das coxas, nos pulsos e um tanto nos artelhos. Mas ventre crescido, dragonas de gordura, esta a esparramar-se nos flancos e a cahir nos artelhos e nos pulsos até a dobrar-se em coxim churumento pelo dorso, jamais constituirão figura humana e sim de outro animal, tanto mais precioso quanto mais toucinho produz.

O filhinho de V. Ex. ha-de ser gordinho, de pelle forte e carnes enxutas, e não obeso e anafado menino, que reclama tratamento. Tambem a digestão, o somno e o humor lhe correrão serenos. E o peso estará nos limites do commum e se accrescerá, de accordo com as tabellas. Apuremos em primeira linha tão valedouras informações. Conversaremos depois sobre o leite. E, antes de lá chegarmos, quanto obstaculo pelo caminho!<sup>370</sup>

Ao comparar o bebê com um animal que produz toucinho, percebemos que os excessos também não são bem vistos, mas que se deve continuar a amamentação mesmo se a mãe achar que o seu leite não tem as melhores qualidades. “Quanta criança medra admiravelmente com leites muito gordos! Quantas prosperam com leites magros!”<sup>371</sup>, exclama Fernandes Figueira. Ou seja, mesmo com a declaração por parte da mãe, dizendo que o bebê está um pouco definhado, o médico continua afirmando a superioridade do aleitamento materno e não aconselha o desmame, e que o exame do leite, neste caso, sem se examinar as características individuais da criança, de nada vale.

Como fica evidente, o conceito de robustez para Fernandes Figueira é diferente da obesidade. O primeiro expressaria os sinais de saúde, “com pele forte e carnes enxutas”, com o peso no limite do comum e o segundo, o obeso, de corpo gordo, por si só reclamaria tratamento, pois não está em seu total vigor.

Na consulta N. 36 do livro, cujo título é: *Não sei se Antonio está bem alimentado. Parece-me satisfeito. Bebe a quantidade de leite, que está marcada para*

<sup>369</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 165-166.

<sup>370</sup> *Ibid.* p. 166.

<sup>371</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

a sua idade, actualmente seis mezes,<sup>372</sup> mesmo com aparentemente tudo nos conformes com a alimentação e saúde do filho, a mãe manda o questionamento para ter certeza se as medidas que ela toma estão corretas. Parte da resposta de Fernandes Figueira se dá da seguinte maneira:

Demos que seu filhinho pese e tenha a estatura que as taboas dos compendios prefixaram. Resta conhecer-lhe a curva ponderal anterior e as suas funções e compleição. O perimetro thoracico longo? Não apresenta ligeira febrícula? Mama, urina e dorme? Exonera o intestino, com fezes normaes, de duas a quatro vezes por dia? Rosto vivaz e alegre? Movimentos ágeis? Desenvolvimento mental na regra?

Satisfeitos os quesitos, desenhamos o esboço do estado geral, afora apontamentos clínicos de outra natureza. Se a linha de crescimento corresponde aos padrões, se não é obeso, está sendo correctamente alimentado.

E se assim acontece, desde que a Senhora se baseou em administrar alimento de accordo com os algarismos da idade, é que effectivamente o Antonio se enquadra no typo physiológico modelo. (grifo nosso) <sup>373</sup>

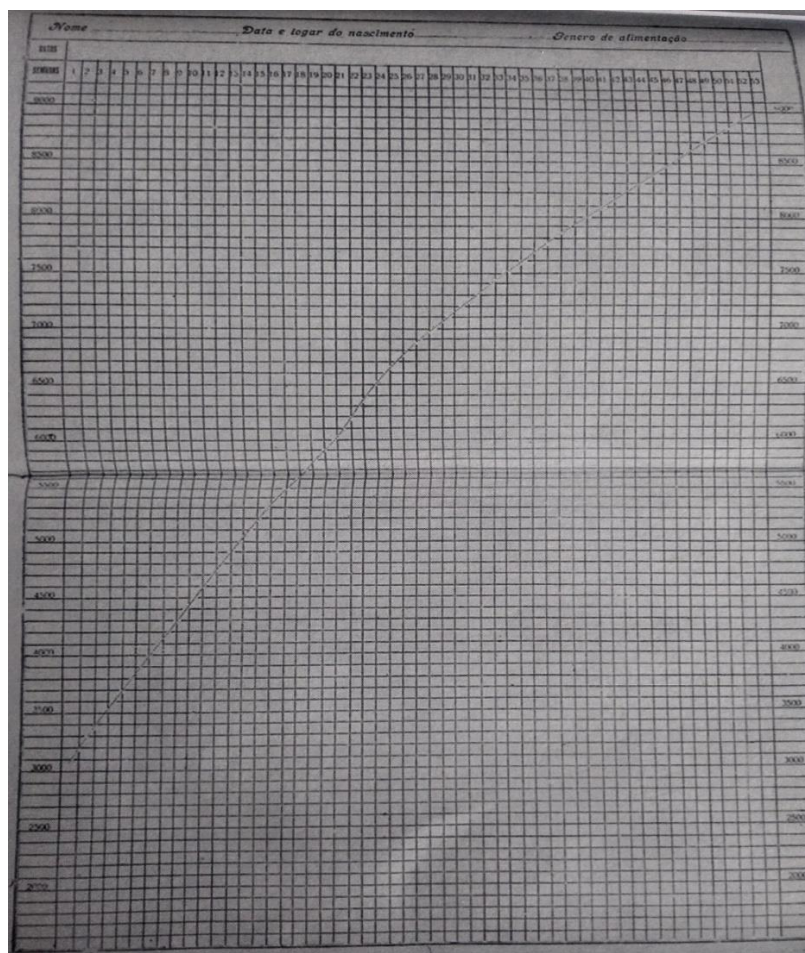
Apesar de afirmar no capítulo que todas essas informações “constituem médias”, o médico reconhece que o bebê está no tipo fisiológico modelo por se enquadrar nas doses de alimentação e proporções prefixadas, como no diagrama a seguir:

---

<sup>372</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 206.

<sup>373</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

**Figura 5 – Diagrama de acréscimos mensais**



Fonte: <sup>374</sup>

Este diagrama<sup>375</sup> presente no Livro das Mães é utilizado para ilustrar os acréscimos semanais da criança. Este modelo também é citado no capítulo 36. Podemos observar que a linha marcada, de maneira fina e de difícil visualização, marca a evolução de peso (colunas laterais) em relação com as semanas (coluna superior). Totalizando 9000 gramas em 53 semanas (12 meses). Portanto, o médico pede na resposta para se analisar a curva ponderal que se deu até os seis meses, e se estiver de acordo com o diagrama e das médias, o bebê está sendo bem alimentado.

<sup>374</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 276.

<sup>375</sup> Este tipo de diagrama ainda é utilizado para marcar o crescimento e aumento do peso das crianças nos dias atuais, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria e a Organização Mundial da Saúde. In: GRÁFICOS de crescimento. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/departamentos-cientificos/endocrinologia/graficos-de-crescimento/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

Além do “corpo perfeito” dentro dos parâmetros de desenvolvimento estabelecidos, nem para mais (no caso da obesidade) e nem para menos (no caso da desnutrição), na literatura pediátrica um sinal de que a criança está doente são os humores que ela expressa, fator também levado em conta na anamnese do paciente. Fernandes Figueira em começo da resposta do capítulo N. 65 – *Porque chora a criança?*, fala de como era feito o diagnóstico das crianças em começos do século XIX:

Ao tempo em que o laboratorio não existia e imperfeitos, ainda mais que hoje, se mostravam os meios de exploração physica, os medicos se apegavam, como a pontos de reparo valiosos, a signaes minimos que descobriam. Na pediatria da primeira metade do século XIX se estudaram com uma opulência invejavel de pormenores as attitudes, a physionomia, o choro das crianças. Foi inutil o valente esforço? Restou alguma cousa, que o observador minudente a cada instante confirma, e lhe norteia não raro a presumpção inicial de um juizo, ao se abeirar do leito do doentinho. O choro está nesse caso. Para o publico o lactente chora sempre de fome. E, quando com a mudança de um regimen e a intervenção medicamentosa efficiente, consegue o clinico modificar as crises de impaciência de um menino, logo assevera radiante á familia, dirigindo os olhos para o berço: < O que elle tinha era fome >...<sup>376</sup>

O médico diz que no diagnóstico eram utilizados os pormenores da fisionomia e sinais reconhecidos no choro do bebê. Na literatura pediátrica, a criança doente é comumente representada como “aquela que não brinca, é triste, é digna de sentimentos de compaixão, é vitimizada, não se alimenta e não tem vigor.”<sup>377</sup> A criança saudável é representada como alegre, risonha e “feliz”. Fernandes Figueira diz no mesmo capítulo citado que “a criança inteiramente sadia não chora, pode se asseverar.”<sup>378</sup> Em outro, coloca “rosto vivaz e alegre” como requisito para saber se o bebê está sendo bem alimentado.<sup>379</sup> Portanto, ao médico, um bebê saudável é um bebê que expressa estar contente.

Todos esses preceitos higiênicos e padrões de normalidade colocados pelo discurso médico, promovendo médias de crescimento e desenvolvimento, formas de alimentar, etc. são elaborados perspectivando uma

<sup>376</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 245.

<sup>377</sup> PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 78.

<sup>378</sup> FIGUEIRA, *op. cit.* p. 245

<sup>379</sup> *Ibid.* p. 206.

evolução da qualidade de vida infantil e posteriormente à uma ideia de civilização adulta a qual se pretende alcançar.

As ideias higienistas não entraram apenas nas casas, mas também nos quartos das crianças. Era desejável que elas tivessem um quarto exclusivo. No capítulo n. 14, intitulado *O quarto da criança*<sup>380</sup>, Fernandes Figueira passa as recomendações acerca de como este cômodo deve ser organizado:

Vamos collocar o menino em quarto não húmido, mas que o sol não castigue tanto. Prefiramos as paredes pintadas ao papel caríssimo que foi utilizado. Fique o aposento livre de perfumes, contenha o pequeno armario de roupinhas e, a um canto, longe, o leito da vigilante, junto a este um lavatorio de agua corrente, com sabão e escovas de dentes e de unhas (não se esqueça!). E nada mais.<sup>381</sup>

Segundo o médico, o ambiente quando aquecido demais poderia prejudicar a digestão e adoecer o bebê. Os perfumes também não eram recomendados pois “irritariam os pequeninos”. A cama da cuidadora não deveria ficar próxima ao berço, mas longe, junto com o lavatório onde antes de qualquer toque na criança, deveria lavar as mãos, as unhas e os dentes. As formas de demonstração de afeto também foram contraindicadas: “O menino será poupado a todos os contactos: beijos de pessoas amigas, caricias de parentes. As defesas contra as doenças andam mal organizadas por essa época, de sorte que a menor brecha lhes abre o ingresso.”<sup>382</sup> Dessa forma, observamos que a organização desse ambiente era guiada pela ideia do “perigo” das doenças, com a recomendação de pouco contato com a criança, especialmente os afetivos, e a completa higienização antes dos toques necessários, bem como o distanciamento do mobiliário de dormir.

A umidade que aparece no capítulo referente ao quarto da criança, também aparece como prejudicial no capítulo n. 76: *Falta côr a meu filhinho de nove meses. Está gordinho, alimentado conforme foi decidido pelo doutor, nada parece que soffra... Mas noto-lhe palidez...*<sup>383</sup> Nele, o médico diz se lembrar da habitação da criança mencionada na consulta e a descreve:

<sup>380</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 175.

<sup>381</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

<sup>382</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

<sup>383</sup> *Ibid.* p. 261.

Lembro-me bem. Conheço a casa. Situada ao sopé de um outeiro de arvoredos luxuriantes, demora á esquerda, estou bem certo, de um palacete muito alto.

Essa habitação, que seduz nos dias calmosos, deve ser abandonada. O sol dificilmente entra pelas janelas e resvala fugindo pelas paredes, que ensombra. A sala de frente, sempre fechada, quando acaso entreaberta, tresanda bafio. Sobe um limo viscoso pelos muros do quintal, e folhas de begonia selvagem arriscam-se a vicejar pela rampa de sustentação do morro, aos fundos.

Inclino-me a filiar a palidez, apontada no menino, á falta de insolação da casa. Sem duvida que uma de quatro quartos e tres salas, como essa, representa um palácio em relação á criança. Mas o palácio não o purifica a luz do sol e, onde ella não penetra, affirmam os inglezes, vem sem tardança o medico. <sup>384</sup>

De acordo com o médico, a luz do sol exerce uma ação revigoradora.

A frase “onde entra o sol, não entra o médico” também era acionada por Moncorvo Filho.<sup>385</sup> Apesar da casa ser considerada um palácio por ele, recomenda que os moradores deveriam se mudar porque “nenhuma criança poderá medrar no meio da humidade”.<sup>386</sup>

Os banhos de sol, porém, não deveriam ser utilizados sem os preceitos médicos.<sup>387</sup> No capítulo 64, intitulado *Tenho este anno de ficar no Rio de Janeiro. Que me aconselha para attenuar no meu filho os effeitos do calor?* o médico recomenda:

1º Evitar a acção directa dos raios do sol sobre o organismo. Retirar de um aposento aquecido pela soalheira o lactente, desde que o possamos remover para outro ponto da casa. [...]

2º Inhibe a força e diminue a quantidade dos succos digestivos o calor ambiente. Por esse caminho se converterá em toxico o alimento até então aproveitável. Demol-o então em menor somma, e não regateemos a agua. [...]

3º Uma ligeira transpiração estorvará a irradiação repentina e, como humidade, e se oporá sem perigos ao esbraseante influxo do calor. Devemos desnudar a criancinha? Kleinschmidt opinou, e baseado em experiencias, pelo alvitte opposto. Vista-se o menino com os tecidos leves (não linho) e que servirão de pello, sob o qual circulará o ar necessario á ventilação corporea.<sup>388</sup>

Além de evitar a ação direta do sol e ter cuidado com a quantidade do alimento e água, Fernandes Figueira também aconselha a vestir o bebê com tecidos

<sup>384</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 261.

<sup>385</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso Maternalista em Revistas Femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese. (Doutorado em História das Ciências) – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006. p. 197.

<sup>386</sup> FIGUEIRA, *op. cit.* p. 261.

<sup>387</sup> *Ibid.* p. 260.

<sup>388</sup> *Ibid.* p. 144.

leves, não o deixando desnudo por causa do calor. O médico discorre sobre o assunto das flanelas no capítulo 12 do livro: *Em uma cidade, como o Rio de Janeiro, não merecerá a denominação de absurdo o envolver em flanelas o recém-nascido?*<sup>389</sup>

O recém-nascido humano, se exposto ao frio, regela-se, e a columna thermometrica vae registando um descenso gradual até os fúnebres 32 ou 33 centigrados. Se o puzermos tambem em uma estufa, a temperatura da criança acompanhará as oscillações do ambiente, desde que muito altas. E é, fundados nessa noção que collocamos os prematuros (nos quaes a regulação thermica ainda é mais defeituosa) dentro de incubadoras, que aquecem o pobresinho.

Ora bem, se a criança está em um quarto, e o thermometro assignala 27 a 30, porque embrulhal-a? porque descoberta se resfria a favor de correntes d'ar, e resfriada tende a esfriar-se. [...]

Basta entretanto leve flanela ao recém-nascido; entendamo-nos.<sup>390</sup>

O uso generalizado do termômetro doméstico, ao longo do século XX, como instrumento preciso de aferição da temperatura corporal pode ser interpretada como resultado de novas compreensões sobre as doenças, como a associação entre febre e infecção, bem como da valorização da racionalidade técnica em relação à impressão subjetiva, transformando esse objeto em um dos símbolos da cultura moderna. Segundo Maria Martha Freire havia um consenso entre os médicos à ideia de que as crianças não deveriam ser agasalhadas em excesso. A insistência do discurso médico, ao qual Fernandes Figueira se inclui, sobre a temática da temperatura corporal e dos agasalhos infantis revela a permanência, nos anos 1920, do costume colonial de manter as crianças enroladas em mantas, protegidas de qualquer ar frio e também a resistência das mulheres, mães, avós e comadres em acatarem as novas propostas de cuidados com o corpo infantil.<sup>391</sup>

Para amenizar o calor, Fernandes Figueira também recomenda banhar os bebês duas vezes ao dia. Do mesmo modo, não faltam preceitos para isso: “A temperatura da agua deve ser 32 ou 33, e emmergir nela dez minutos.”<sup>392</sup> O médico passa instruções mais precisas no capítulo n. 56: *Banho das crianças*<sup>393</sup>.

<sup>389</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 173.

<sup>390</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

<sup>391</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso Maternalista em Revistas Femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese. (Doutorado em História das Ciências) – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006. p. 199.

<sup>392</sup> FIGUEIRA, *op. cit.* p. 201.

<sup>393</sup> *Ibid.* p. 233.

Hade ser de 37 ou 36 a primeira ablução. Tres, quatro dias manteremos a temperatura, que o inverno justificará se prolongue até a um mez. Pelo tempo estival o grau aconselhavel, desde o 20º dia será 35, progressivamente abaixado a 32 no 4º mez. Corresponde á temperatura sedativa, não provoca desequilibrios em relação ao ambiente, prepara o organismo para o banho frio ao attingir a criança os doze mezes.<sup>394</sup>

Além do médico passar a temperatura exata para cada idade do bebê, ele também não recomenda para as crianças os banhos frios, nem utilizando o chuveiro. Os banhos de mar não são recomendados, segundo Fernandes Figueira, antes de um ano, salvo indicações médicas especiais: “Assim, não me canso de repetil-o: uma estação em Copacabana ou em Icarahy dependerá antes de tudo do juízo clinico.”<sup>395</sup> Os preceitos higiênicos e médicos, portanto, também pretendiam regular os deslocamentos.

No capítulo n. 60: *Transportar nos braços, de modo útil, uma criança*<sup>396</sup> defende que a melhor forma de transportar uma criança é a através de carrinhos:

Será indispensável o transporte nos braços? Satisfação devem encontrar no acto os progenitores e os que amam o pequenino, e não haverá quasi nunca inconvenientes. E porque não conservar os lactentes em carrinhos, cadeirinhas, berços móveis, longe dos contactos, da respiração alheia, e dos possiveis descuidos?

[...]

Que scena triste a que nos offerece todas as manhans a Policlínica das Crianças! Enfesadas meninas de 6 a 8 annos vergam ao peso de irmanzinhos de 6 a 8 mezes... As mães trabalham e não podem abandonar a casa. Soror materna acode e padece. E enquanto padecem, tantas senhoras que espalham fortunas para fins discutiveis, ao sabor do primeiro alarma de jornalista, não lhes enviam um carrinho barato, de madeira, que pouparia um organismo debil no seu precario desenvolvimento.<sup>397</sup>

Segundo o médico, não há grandes inconvenientes caso os progenitores transportem as crianças nos braços, mas que seria melhor conservá-los em carrinhos para evitarem contato, descuidos e respiração alheia, as principais formas de contágios. Podemos considerar o carrinho para transporte de bebês como um objeto higiênico e o seu uso como uma forma de higienização dos afetos, já que mantendo a criança nele, se poderia transportá-la sem mantê-la no colo. No discurso de Fernandes Figueira o afeto dos progenitores não é condenado, apenas

<sup>394</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 233.

<sup>395</sup> *Ibid.* p. 234.

<sup>396</sup> *Ibid.* p. 238.

<sup>397</sup> *Ibid.* p. 239.

desaconselhado. Por outro lado, a crítica às “senhoras que espalham fortunas para fins discutíveis” ao invés de fazerem doações de “carrinhos baratos” para as mães pobres e trabalhadoras, coloca o objeto como um item necessário, não um luxo.

Os *passeios*<sup>398</sup>, entretanto, mesmo quando se tinha o uso dos carrinhos, não eram totalmente aconselhados por Fernandes Figueira:

Quanto a receio de exporem as criancinhas nos parques, talvez lhes assista razão. O accumulo de indiviuos de baixa idade favorece forçosamente o contagio. Ninguém adquire sarampo ou coqueluche quando as doenças estão em evidencia, mas nos seus traiçoeiros primórdios. Contemplo diariamente pela Avenida Beira-Mar as amas em conversa commum, e em commum os carrinhos e as crianças. Não podiam obter quase os mesmos benefícios esses meninos, se regularmente estivessem nos seus terraços e nos seus jardins em horas certas, mas isolados?<sup>399</sup>

De fato, o que mais preocupa Fernandes Figueira com relação aos passeios e os contatos próximos com os bebês era o risco de contágio. No capítulo n. 104, intitulado:

Disseram-me que aquelle gorducho menino, filho do Sr. Silverio Louzada, falleceu de meningite tuberculosa... E nunca tossiu? e não eram tuberculosos os pais ou parentes? Pois devo acreditar em tal versão, e julgar possível que o meu Olavinho, - tão forte! – esteja sujeito á tuberculose?<sup>400</sup>

Fernandes Figueira responde contando que o menino morreu de meningite tuberculosa, e os seus pais não eram tuberculosos, nem ninguém da família: quem contagiou a criança foi a “dedicadíssima Julia, a ama secca, uma rapariga aliás soffrivel de apparencia, tossia sempre, ainda que pouco.”<sup>401</sup> E recomenda que:

Não a beijem extranhos (por isso que os de casa devem estar sãos); não nos approximemos d'ella quando sentirmos a menos indisposição, e desse modo evitaremos o contagio da gripe; não a entreguemos a criados ou amas, cujo exame não haja sido rigorosamente feito por um medico; reiteremos essa pesquisa á menor suspeita, e estejamos certos que é á primeira idade que á maravilha se applica o popular brocardo:  
*Antes só que mal acompanhado.*<sup>402</sup>

<sup>398</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 234.

<sup>399</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

<sup>400</sup> *Ibid.* p. 304.

<sup>401</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

<sup>402</sup> *Ibid.* p. 305.

Outras doenças contagiosas são mencionadas no capítulo n. 74, referente à *Prophylaxia geral*<sup>403</sup>. Para prevenir o sarampo:

Viva relativamente isolada a criancinha. Não a beijem, não lhe toquem os collegiaes ou crianças outras. [...]  
E a varíola? Vaccinando.  
E a quarta doença e a escarlatina? Com as memas cautelas postas em acção quanto ao sarampo.  
E a diphteria? Prendamos a criancinha no seu quarto, e ninguem ou cousa alguma chegarão a ella, desde que procedam de aposento inquinado. [...]  
Fraldas lavadas em agua quente e duplamente passadas a ferro, bacia exclusiva e outros vasos, premunem da insuportavel vulvo-vaginite.<sup>404</sup>

Coerentemente com os preceitos de higiene, as medidas propostas por Fernandes Figueira davam enfoque na desinfecção de roupas e objetos e principalmente em evitar o contato com as crianças para a proteção delas, como notamos também em capítulos anteriores.

Em todos esses preceitos e recomendações médicas presente no *Livro das Mães* notamos o grau imperioso do médico às mães. Tais exigências de cuidados promoviam uma conotação mais racional e padronizada à prática da maternidade, bem como promoviam a sua valorização, que de maneira geral, implicava um extremo grau de dedicação das mulheres e contribuindo para a confusão entre “ser mãe” e “ser boa mãe”,<sup>405</sup> ou mesmo uma “mãe má”, à aquelas que não cumprissem tais normas.

Apesar das mães terem um papel fundamental nesse cuidado, sendo auxiliares e parceiras dos médicos, tal disposição não significou que eles abrissem mão da sua autoridade na manutenção da vida das crianças.

<sup>403</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGULARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 258.

<sup>404</sup> FIGUEIRA, *loc.cit.*

<sup>405</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso Maternalista em Revistas Femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese. (Doutorado em História das Ciências) – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006. p. 198.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa dissertação foi demonstrar como o intelectual e médico Fernandes Figueira se inseriu na disseminação do que compreendemos como pedagogia da maternidade, especialmente através do manual de puericultura de sua autoria, intitulado *Livro das Mães*.

As consultas colocadas no *Livro das Mães* são uma maneira de transmitir o “científico”, o conhecimento que é autorizado, em detrimento da “ignorância” das mães, que são convencidas a consultar o médico mesmo se não encontrarem nada evidentemente de errado com o seu bebê. Apesar da literatura médico-pediátrica elaborar discursos voltados para a mulher, representada por mães, amas ou parteiras, se configura nessa literatura uma inferiorização das práticas coordenadas por essas mulheres, e a substituição dessas práticas transmitidas de maneira geracional, pelo saber médico e pelas consultas com especialistas. Fernandes Figueira participou ativamente desse processo de legitimação da profissão médica e também da especialidade pediátrica no Brasil, em contrapartida dos saberes populares.

Percebemos ainda, um projeto de sociedade e de instituições aos quais Fernandes Figueira buscou alcançar. Toda a ideia de modernidade, cientificidade, higienismo e eugenia, teve influência direta na gênese dessas instituições que tinham como intuito a resolução dos problemas que se colocaram como, por exemplo, o “problema da infância”. Enxergamos a valorização da maternidade neste contexto, relacionado com à higiene infantil como uma das formas dos médicos obterem legitimação profissional.

Como já mencionado na introdução desse trabalho, compreendemos a pedagogia da maternidade como um conceito que expressa todo um trabalho ideológico desprendido por médicos, legisladores e intelectuais para a normatização da maternidade. Consideramos que o médico Fernandes Figueira participou dessa empreitada normativa justamente ao ditar os preceitos higiênicos e científicos da puericultura para as mães. Uma frase escrita pelo médico no *Livro das Mães* acaba por resumir de maneira excepcional toda essa empreitada: “ha mães que necessitam

aprender a criar seus filhos.”<sup>406</sup> A higienização da maternidade divulgada pelo médico, ao vincular o suposto papel natural da mulher e a ciência, prega que a maternidade é para todas, mas nem todas estão preparadas e são capazes de cuidar dos seus filhos.

O desenvolvimento científico da puericultura se alça no alto índice de mortalidade infantil corrente no contexto, e culpabiliza as mães e a sua ignorância por isso. Excluindo e camuflando a real causa do problema da mortalidade infantil, que é a desigualdade social, a puericultura apresenta “soluções” para consequências dessa desigualdade, no qual se inclui além da mortalidade, a “ignorância” das mães sobre higiene. Nesse sentido, a puericultura é uma prática que explica a desigualdade social, mas sem entrar fundo nas suas verdadeiras causas, e apenas alivia suas consequências.<sup>407</sup>

Compreendemos o médico Fernandes Figueira como um intelectual inserido num debate mais amplo de puericultura, como identificado pelos congêneres do *Livro das Mães* na França e na Argentina, por exemplo. Neste trabalho, intentamos apresentar e analisar essas propostas do pediatra sobre as práticas de cuidado com as crianças, fato que ainda não tinha sido realizado, apesar da ampla bibliografia sobre o médico. Além disso, é importante salientar que o *Livro das Mães*, até então, não havia sido analisado como fonte principal em uma pesquisa histórica de mestrado ou doutorado. Consideramos que os estudos sobre as práticas da puericultura, especialmente no contexto da sua gênese, ainda são escassos no campo da historiografia.

Não podemos esquecer que este discurso puericultor não é um discurso advindo de mulheres, mas um discurso para as mulheres e sobre as mulheres. Apesar de haver uma modificação de papel social feminino como consequência das modificações das configurações de família no Estado Moderno, a mulher continuou como produto de discurso, e não produtora de discurso, ainda no que concerne a supostos “assuntos femininos”, como o cuidado com os seus próprios filhos. Dessa forma, podemos perceber também o processo de silenciamento dessas mulheres-mães que não sabemos quem são, e que acabam sendo tratadas de

---

<sup>406</sup> FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile. p. 256.

<sup>407</sup> BONILHA, Luis Roberto de Castro Martins. **Puericultura**: Olhares e Discursos no Tempo. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. 2004. p. 21.

maneira passiva nesse processo de educação de corpos, - o que sabemos que não o são, - tanto do próprio corpo, quanto no dos filhos, apesar das existentes tensões, negociações e fugas dessas normas.

Entre as principais medidas propostas por Fernandes Figueira estão o incentivo ao aleitamento materno e a defesa de que este é um “sacrifício” natural da maternidade. A recusa dos prazeres e dos divertimentos também seria um fator decisivo para uma mãe amamentar regradamente o seu filho. Percebemos que a referência ao amor materno vinculado à amamentação está presente em seu discurso, assim como argumentos que podem ser considerados como racionais. O médico usa um discurso de insistência, argumentando que a amamentação seria uma atitude recompensadora futuramente.

O trabalho extradoméstico feminino também não era visto de maneira positiva pelo pediatra, justamente porque a mulher não estaria disponível para se dedicar e amamentar o bebê em horário de trabalho, supostamente prejudicando a ordem do lar, da família e da sociedade. As críticas sobre o trabalho feminino extrapolam até mesmo as questões higiênicas, como por exemplo, culpabilizando o capitalismo e a indústria pelo afastamento das mulheres de seu lar.

Neste sentido, entendemos que todos esses argumentos contrários ao trabalho feminino e da insistência no aleitamento materno viriam, então, a permitir a regulação da vida da mulher, confinando-a dentro do ambiente doméstico e voltando o seu olhar para os seus filhos e para a sua família. Regulação que foi reforçada pela pedagogia da maternidade e pelas premissas do amor materno.

Não podemos negar que alguns aspectos da qualidade da vida e da saúde das crianças melhoraram, especialmente no tocante a alimentação e na transmissão de doenças contagiosas que contribuíam para o alto índice de mortalidade infantil no início do século XX. Porém buscamos demonstrar justamente como esse processo de normatização comandada pelos médicos, transformou a maternidade numa experiência padronizada e que exigiu - e ainda exige, em grande número de casos, - dedicação exclusiva e responsabilização total sobre o bem-estar da criança, consolidando o laço naturalizado e romantizado da mãe com o filho.

## FONTES

AGRICULTURA, industria e comércio. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXVIII, n. 10.107, 8 de jun. 1912. p. 4.

A MORTE de um grande médico brasileiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. a. XXXVIII, n. 63. 13 mar. 1928. p. 6.

ANTÔNIO Fernandes Figueira. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAlSo86F9EzkDXI3w](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAlSo86F9EzkDXI3w). Acesso em: 08 jul. 2020.

Á SOMBRA da cruz: Alvaro Fernandes Figueira. **A Cruz**: Orgão da Parochia de S. João Baptista. Rio de Janeiro. a. 3, n. 6. 27 nov. 1921. P. 2.

ASSOCIAÇÕES científicas. Sociedade Brasileira de Pediatria: Infância abandonada e delinquente. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XXXI, n. 43. 27 de outubro de 1917. p. 371-372.

ASSOCIAÇÕES científicas. Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: Mortandade infantil e alimentação. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XXXV. v. II. n. 17. 5 de novembro de 1921. p. 259.

CATECISMO anti-spirita. **A Cruz**: Orgão da Parochia de S. João Baptista. Rio de Janeiro. a. 1, n. 2. 5 out. 1919. Rio de Janeiro. p. 6-7

CHRONICA e noticias. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. X, n. 41. 1 de novembro de 1896. p. 360-361.

CHRONICA e noticias. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XIV, n. 5. 1 de fevereiro de 1900. p. 44.

CLARA, Lia de Santa. Problemas sociaes. **O Paiz**, a. XXXV, n. 12.641, 21 de Maio de 1919. p. 4

CONGRESSO brasileiro de eugenia. Rio de Janeiro, 1929. **Actas e trabalhos**. Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1929. v.1.342 p. 613. Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acebibcoc\\_r&Pesq=moncorvo&pagfis=9788](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acebibcoc_r&Pesq=moncorvo&pagfis=9788). Acesso em: 08 jun. 2020.

ESCRITORAS portuguesas. **O Paiz**. a. I. n. 80. 18 de fevereiro de 1918.

EXPEDIENTE. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan./dez. 1888. p. 170.

FIGUEIRA, Antônio Fernandes. Assistência à Infância e particularmente o que se refere às medidas a adoptar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. **Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada do Rio de**

**Janeiro.** Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1908. Acervo Digital de Obras Raras da Fiocruz.

FIGUEIRA, Fernandes. An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood. A Chapter from an Unpublished Book on Diagnosis in Children. **The Lancet**. Inglaterra. v. 148, i. 3811, p. 736-742, 12 sep. 1896.

FIGUEIRA, Fernandes. Facto Notavel. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1919, p. 3.

FIGUEIRA, Fernandes. **Livro das Mães:** Consultas Práticas de Hygiene Infantil. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editores: Leite Ribeiro e Maurílio, 1919.

FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil:** a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile.

FIGUEIRA, Fernandes. Os Microbios do Cancer. Revista de Bacteriologia. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan-Dez. 1888. p. 213.

FIGUEIRA, Fernandes. Semeiotica do aparelho uropoietico. Clinica Pediatrica. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. VIII. n. 14. 8 de abril de 1894. p. 107.

FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Actos fúnebres. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. a. XVIII, n. 7.215. 28 de novembro de 1918. P. 6.

FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Participações fúnebres. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXXV, n. 12.470. 1 de dezembro de 1918. P. 10.

LEITÃO, Cândido de Mello. Fernandes Figueira Poeta. **Jornal do Commercio**. 21 set. 1947.

MANOEL Fernandes Figueira. **Federação Espírita Brasileira**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Manoel-Fernandes-Figueira.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

NECROLOGIA. **Brazil-Médico**. a. XLII. n. 11. 17 março de 1928. p. 310.

NOTAS e informações. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XL. v. II. n. 11. 11 de setembro de 1926. p. 156.

O LIVRO do dia. Consultas Praticas de Hygiene Infantil. **A Epoca**. Rio de Janeiro. a. VIII. n. 2557. 18 de julho de 1919.

SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. **Brasil-Medico**. a. XLII, n. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928. p. 417-420.

VIDA carioca: falecimentos. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro. a. X, n. 280, 27 de nov. 1918. p. 5.

## REFERÊNCIAS

- 1 BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- 2 BRAGA, Maria da Graça Reis; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Família: Maternidade e Procriação Assistida. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, jan./abr. 2005.
- 3 FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- 4 FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- 5 VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- 6 FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso Maternalista em Revistas Femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado em História das Ciências) – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006.
- 7 FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGIARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile.
- 8 GONDIM, Sônia Maria Guedes; FISCHER, Tânia. O Discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na Gestão Intercultural. **Cadernos Gestão Social**. Salvador, v. 2, n. 1, p. 09-26, set./dez. 2009.
- 9 ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. **Em Aberto**. Brasília, a. 14, n.61, p.53-59, jan./mar. 1994.
- 10 ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa – Algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia: Contribuições e Debates**. São Paulo, v. 4. p. 89-102, jan./dez 1985.
- 11 HEMEROTECA Digital. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- 12 SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- 13 LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004.
- 14 SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

15 SCOTT, Joan Wallach. Prefácio. In: SCOTT, Joan Wallach. **Gender and politics of history**. Nova York: Columbia University Press. 1988.

16 FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

17 FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

18 SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 79-102, 2014.

19 ANTÔNIO Fernandes Figueira. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAlSo86F9EzkDXI3w](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147DQAJXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAlSo86F9EzkDXI3w). Acesso em: 08 jul. 2020.

20 VIDA carioca: falecimentos. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro. a. X, n. 280, 27 de nov. 1918.

21 O PAIZ. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>. Acesso em: 30 jun. 2020

22 AGRICULTURA, industria e comércio. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXVIII, n. 10.107, 8 de jun. 1912.

23 MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II: a grande escola prática da nascente Engenharia Civil no Brasil oitocentista. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 203-233, jan./jun. 2015.

24 MANOEL Fernandes Figueira. **Federação Espírita Brasileira**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Manoel-Fernandes-Figueira.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

25 VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Da mãe que não fui**: a experiência da ausência de maternidade ao longo do século XX. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2015.

26 LOCH, Fernanda; VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Práticas Criminosas, Práticas Egoístas, Práticas Proibidas: o Aborto no Discurso do Médico Nino Magno Baptista, 1930. **Gênero**. Niterói. v. 19, 2019.

27 CATECISMO anti-spirita. **A Cruz**: Orgão da Parochia de S. João Baptista. Rio de Janeiro. a. 1, n. 2. 5 out. 1919. Rio de Janeiro.

28 A MORTE de um grande médico brasileiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. a. XXXVIII, n. 63. 13 mar. 1928

29 SANGLARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil**: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

30 Á SOMBRA da cruz: Alvaro Fernandes Figueira. **A Cruz**: Orgão da Parochia de S. João Baptista. Rio de Janeiro. a. 3, n. 6. 27 nov. 1921.

31 FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Participações fúnebres. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXXV, n. 12.470. 1 de dezembro de 1918.

32 FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Actos fúnebres. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. a. XVIII, n. 7.215. 28 de novembro de 1918.

33 GOMES, Adriana. A Criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890: As discussões nos periódicos do Rio de Janeiro. **Revista Ágora**, Vitória, n. 17, p. 62-76, 2013.

34 NECROLOGIA. **Brazil-Médico**. a. XLII. n. 11. 17 março de 1928.

35 SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

36 FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

37 CÂNDIDO Firmino de Mello Leitão. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=238](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=238). Acesso em 17 mai. 2019

38 LEITÃO, Cândido de Mello. Fernandes Figueira Poeta. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro. 21 set. 1947.

39 SILVA, Helenice Rodrigues da. O intelectual no “campo” cultural francês: Do “Caso Dreyfus” aos tempos atuais. **Varia História**. Belo Horizonte. v. 21, n. 34, jul./2005.

40 VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Mais cruéis do que as próprias feras?** Aborto e infanticídio nos Campos Gerais - Paraná entre o século XIX e o século XX. Dissertação. (Mestrado em História) – UFPR. Curitiba, 2005.

41 SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

42 PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

43 SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 26, n. 44. p.437-459, jul./dez. 2010.

44 SANTOS, Renata Cavalcante Kuhn dos; RESEGUE Rosa; PUCCINI Rosana Fiorini. Puericultura e a Atenção à Saúde da Criança: Aspectos Históricos e Desafios. **Journal of Human Growth and Development**. v. 22 n. 2. p. 160-165. 2012.

45 PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser Médico no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

46 CIAMPO, Luiz Antonio Del. CIAMPO, Ieda Regina Lopes Del. Curso de Medicina e ensino de Pediatria nas escolas médicas brasileiras. **Pediatria**. São Paulo, v. 32, n.1, p. 9-14, 2010.

47 SILVA, Renata Prudêncio da; VENANCIO, Ana Teresa A. Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrica para a infância no início do século XX. In: SANGIARD, Gisele; et. Al. **Filantropos da Nação**: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

48 SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. **Brasil-Médico**. a. XLII, n. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928.

49 EXPEDIENTE. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan./dez. 1888.

50 CHRONICA e notícias. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. XIV, n. 5. 1 de fevereiro de 1900.

51 LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto. 2006.

52 CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais e a escrita da história – As contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. **Escritas**. v. 8, n. 2. p. 265-278, 2016.

53 FIGUEIRA, Fernandes. An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood. A Chapter from an Unpublished Book on Diagnosis in Children. **The Lancet**. Inglaterra. v. 148, i. 3811, p. 736-742, 12 sep. 1896.

54 FIGUEIRA, Fernandes. Semeiotica do aparelho uropoietico. Clinica Pediatrica. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. VIII. n. 14. 8 de abril de 1894.

55 CHRONICA e notícias. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. X, n. 41. 1 de novembro de 1896.

56 FIGUEIRA, Fernandes. Os Microbios do Cancer. Revista de Bacteriologia. **Brazil-Médico**. Rio de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan-Dez. 1888.

57 ANTONIO Fernandes Figueira. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/pessoas/pessoa/peid/antonio-fernandes-figueira>. Acesso em: 08 out. de 2020.

58 ANTÔNIO Fernandes Figueira. **Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/antoniofernandes.htm>. Acesso em: 08 jun. de 2019.

59 SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). **Est. Hist.** Rio de Janeiro. v. 27, n. 53, p. 71-91, jan./jun. 2014.

60 SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. **Brasil-Médico**. a. XLII, n. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928.

61 SCHWARTZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. A primeira República e o Povo nas Ruas. In: **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

62 MORAES, José Geraldo Vinci de; PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena (Coords). **Cidade e Cultura Urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994.

63 CONCEIÇÃO, Carlos Lima da. A Bahia e a “civilização”: a cidade do Salvador no Brasil republicano. **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Bahia. n. 01. a. 1. ago. 2010.

64 MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas conseqüências espaciais. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais**. [...] São Paulo, 2011.

65 MAÇANTI, Mary Paixão. **O Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro (1908)**: a reforma da assistência em debate. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2018.

66 FIGUEIRA, Antônio Fernandes. Assistência à Infância e particularmente o que se refere às medidas a adoptar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. **Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1908. Acervo Digital de Obras Raras da Fiocruz.

67 ALVES, Ismael Gonçalves. **(Re)construindo a maternidade**: as políticas públicas materno-infantis brasileiras e suas implicações na Região Carbonífera Catarinense (1920-1960). Tese. (Doutorado em História) – UFPR. Curitiba, 2014.

68 PEIXOTO, Afrânio. Opinião do dr. Afranio Peixoto, professor de hygiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, (Brasil Medico de 12 de Julho de 1919). In: FIGUEIRA, Fernandes. Livro das mães: consultas práticas de hygiene infantil. 1920. In: SANGLARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil**: a atuação de Fernandes Figueira 1902 – 1928. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. 151-324. Fac-Símile.

69 MORAES, Renata Figueiredo. **Os Maiores de 1888, História e Memória na escrita da História da Abolição**. (Dissertação) Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007.

70 SILVA, Izabel. RIBEIRO, Carlos Leite. **CPDOC-FGV**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO,%20Carlos%20Leite.pdf>. Acesso: 08 jun. 2020.

71 BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. In: **Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias**. Portugal. v. XIV, n. 2, 2002.

72 STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

73 CONGRESSO brasileiro de eugenia. Rio de Janeiro, 1929. **Actas e trabalhos**. Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1929. v.1.342 p. 613. Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acebibcoc\\_r&Pesq=moncorvo&pagfis=9788](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acebibcoc_r&Pesq=moncorvo&pagfis=9788). Acesso em: 08 jun. 2020.

74 ALEIXO de Vasconcellos. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.anm.org.br/aleixo-de-vasconcellos>. Acesso em: 08 set. de 2020.

75 ASSOCIAÇÕES científicas. Sociedade Brasileira de Pediatria: Infância abandonada e delinquente. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XXXI, n. 43. 27 de outubro de 1917.

76 SANGLARD, Gisele; et. Al. **Filantropos da Nação**: Sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

77 GIL, Caroline Amorim. Aleitamento infantil na virada do século XX: discussões e influências nas práticas assistenciais na cidade do Rio de Janeiro (1900-1920). In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio, Rio de Janeiro. 2014. **Anais**. Rio de Janeiro. 2014.

78 GIL, Caroline Amorim. Institucionalização da pediatria no Rio de Janeiro entre discursos e práticas médicas. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013 **Anais**. Natal, 2013.

79 SANGLARD, Gisele. Filantropia e assistencialismo no Brasil. História, Ciências, Saúde. **Manguinhos**, Rio de Janeiro. v. 10, n. 3, set-dez. 2003.

80 ASSOCIAÇÕES científicas. Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: Mortandade infantil e alimentação. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XXXV. v. II. n. 17. 5 de novembro de 1921.

81 COVA, Anne. Où en est l'histoire de la maternité? **Clio. Histoire, femmes et sociétés**. França. v. 21, 2005.

82 SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, Campinas. 16, 2001.

83 SHORTER, Edward. **A Formação da Família Moderna**. Editora Terramar. 1995.

84 BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

85 ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

86 NARI, Marcela. Políticas de maternidad y maternalismo político: **Buenos Aires, 1890-1940**. Buenos Aires: Biblos, 2004.

87 MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher**: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX. Tese. Doutorado em História. UNICAMP, 2000.

88 MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel; (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

89 EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Para seu próprio bem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003.

90 ESCRITORAS portuguesas. **O Paiz**. a. I. n. 80. 18 de fevereiro de 1918.

91 CLARA, Lia de Santa. Problemas sociaes. **O Paiz**, a. XXXV, n. 12.641, 21 de Maio de 1919.

92 NOTAS e informações. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XL. v. II. n. 11. 11 de setembro de 1926.

93 TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

94 COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

95 LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade Higiênica: Natureza e Ciência nos Manuais de Puericultura Publicados no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 47, 2007

96 BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: Uma breve reflexão. **O Portal dos Psicólogos**. Portugal, 2008.

97 A ÉPOCA. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-epoca/>. Acesso: 08 nov. de 2019.

98 O LIVRO do dia. Consultas Praticas de Hygiene Infantil. **A Epoca**. Rio de Janeiro. a. VIII. n. 2557. 18 de julho de 1919.

99 LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: Congresso BRASA IX. Nova Orleans, Louisiana, 2008, **Anais**. Nova Orleans, Louisiana, 2008.

100 MARQUES, Marília Bernardes. **Discursos Médicos sobre Seres Frágeis**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

101 MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

102 MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília. v. 24, n. 1, 2004.

103 FIGUEIRA, Fernandes. Facto Notavel. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1919.

104 BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 27 abr. 2020.

105 HOCKENBERRY, Marilyn. J.; WILSON, David; WINKELSTEIN, M. L. Wong. Fundamentos de enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro: Elsevier; 2014 *apud* BARROSO, Maria Clara da Cunha Salomão. **O uso do Brinquedo Terapêutico pelos acadêmicos de Enfermagem no cuidado à criança hospitalizada**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

106 QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010.

107 ANGELO, Adilson de. Que infância, para que criança? Nas sendas da história. **Zero-a-Seis**. v. 10, n. 18. 2008.

108 JAVEAU, Claude. Criança, Infância(S), Crianças: que Objetivo dar a uma Ciência Social da Infância? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 379-389, Maio/Ago. 2005.

109 MEDRANO, Carlos Alberto. **Saúde Pública, Psicanálise e Infância**: do Silêncio ao Brincar. História do presente dos espaços para o brincar no campo da saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2003.

110 ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994.

111 PERROT, Michele. Figuras e Papéis. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada 4**: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

112 GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: CHARTIER, Roger; ARIÈS, Philippe. **História da Vida Privada 3**: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

- 113 DONZELOT, Jacques. **A Polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- 114 FOUCAULT, Michel. A Política da Saúde No Século XVIII. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- 115 FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- 116 DEL PRIORE, Mary. O Cotidiano da Criança Livre no Brasil entre a Colônia e o Império. *In*: DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.
- 117 CLÁUDIO Galeno. **Fiocruz**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/claudiogaleno.htm>. Acesso em 29 abr. 2020.
- 118 PANCINO, Claudia; SILVERIA, Lygia. “Pequeno demais, pouco demais”. A criança e a morte na Idade Moderna. **Cad. hist. Ciênc.** São Paulo. v. 6, n. 1, 2010.
- 119 BONILHA, Luis Roberto de Castro Martins. **Puericultura: Olhares e Discursos no Tempo**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. 2004.
- 120 BONILHA, Luís Roberto de Castro Martins; RIVORÊDO, Carlos R. S. F. Puericultura: duas concepções distintas. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro. v. 81, p. 7-13, 2005.
- 121 THÉBAUD, Françoise. **Quand nos grand-mères donnaient la vie**: La maternité en France dans l’entre-deux-guerres [en ligne]. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 1986 p. 117-147. (généré le 12 novembre 2020). Disponível em: <http://books.openedition.org/pul/15194>. Acesso: 12 nov. 2020.
- 122 RIVORÊDO, Carlos Roberto Soares Freire de. **Pediatria: Medicina para Crianças? Saúde e Sociedade**. São Paulo. v. 7, n. 2, 1998.
- 123 THÉBAUD, Françoise. Chapitre II. L’éducation des mères par la puériculture *In*: THÉBAUD, Françoise. **Quand nos grand-mères donnaient la vie**: La maternité en France dans l’entre-deux-guerres [en ligne]. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 1986 (généré le 12 novembre 2020). Disponível em: <http://books.openedition.org/pul/15194>. Acesso: 12 nov. 2020.
- 124 CARNEIRO, Glauco. **Um Compromisso com a Esperança**: História da Sociedade Brasileira de Pediatria. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 2000.
- 125 GRÁFICOS de crescimento. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/departamentos-cientificos/endocrinologia/graficos-de-crescimento/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

## APÊNDICE A: LISTAGEM DE FONTES DE AUTORIA DE FERNANDES FIGUEIRA NA REVISTA BRAZIL-MEDICO

**Arquivo:** Hemeroteca Digital Brasileira

**Documentação:** Revista Brazil-Medico

**Período da Documentação Pesquisada:** 1888-1928 (período entre o início da revista e o ano da morte de Fernandes Figueira)

| Ano  | Ano da Revista | Volume | Número | Mês      | Título                                                       |
|------|----------------|--------|--------|----------|--------------------------------------------------------------|
| 1888 | 2              | 3      |        | Julho    | Os Micróbios de Cancer                                       |
| 1888 | 2              | 3      |        | Agosto   | Um caso de verminose com perturbações psychicas e esthesicas |
| 1889 | 3              |        | 34     | Setembro | Do emprego do salol nas diarrhéias da infancia               |
| 1893 | 7              |        | 45     | Dezembro | Do exame do baço nas crianças                                |
| 1894 | 8              |        | 14     | Abril    | Semeiotica do aparelho uropoietico                           |
| 1894 | 8              |        | 15     | Abril    | Continuação (Semeiotica do aparelho uropoietico)             |
| 1894 | 8              |        | 19     | Maio     | Conclusão (Semeiotica do aparelho uropoietico)               |
| 1896 | 10             |        | 37     | Outubro  | Influenza nas Crianças (Conclusão)                           |
| 1897 | 11             |        | 29     | Agosto   | Semeiologia da dentição                                      |
| 1900 | 14             |        | 9      | Março    | Tratamento do coryza agudo dos lactantes                     |
| 1900 | 14             |        | 10     | Março    | Tratamento do bronchite chronica e dilatação dos bronchios   |
| 1900 | 14             |        | 11     | Março    | Tratamento da bronchite aguda das creanças de 0 a 2 anos     |

|      |    |  |    |           |                                                                                       |
|------|----|--|----|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| 1900 | 14 |  | 15 | Abril     | Tratamento da pneumonia e da broncho-pneumonia infantis (quando há ameaça de colapso) |
| 1900 | 14 |  | 20 | Maio      | Tratamento da pneumonia e da broncho-pneumonia infantis                               |
| 1900 | 14 |  | 39 | Outubro   | Apparelho cardio-vascular. Auscultação                                                |
| 1901 | 15 |  | 37 | Outubro   | Tratamento da dyspepsia infantil                                                      |
| 1901 | 15 |  | 37 | Outubro   | Tratamento da enterite dysenteriforme                                                 |
| 1901 | 15 |  | 38 | Outubro   | O Dr Francisco Castro (Necrologia)                                                    |
| 1902 | 16 |  | 3  | Janeiro   | Despotismo sanitário perante a medicina (Correspondencia)                             |
| 1902 | 16 |  | 6  | Fevereiro | Despotismo sanitário perante a medicina (Correspondencia, resposta)                   |
| 1902 | 16 |  | 9  | Março     | Atrophia infantil e seu tratamento, pelo Dr. Variot                                   |
| 1902 | 16 |  | 12 | Março     | Semiotica das convulsões na infancia                                                  |
| 1903 | 17 |  | 3  | Janeiro   | Tratamento da meningite tuberculosa                                                   |
| 1903 | 17 |  | 4  | Janeiro   | Tratamento da sarna dos lactantes                                                     |
| 1903 | 17 |  | 5  | Fevereiro | Tratamento da granuloma umbilical das creancinha                                      |
| 1904 | 18 |  | 41 | Novembro  | Glioma Cerebelloso                                                                    |
| 1904 | 18 |  | 3  | Janeiro   | A proposito da varíola nas creanças                                                   |

|      |    |  |    |          |                                                                                                                                                          |
|------|----|--|----|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1905 | 19 |  | 14 | Abril    | Terminologia Médica (não tem autoria do Fernandes Figueira, porém é escrito em resposta a ele, e expõe disputas discursivas. Autoria de Placido Barbosa) |
| 1905 | 19 |  | 18 | Maio     | A proposito do Glossario Medico                                                                                                                          |
| 1908 | 22 |  | 41 | Novembro | Assistencia á infância, e particularmente o que se refere as medidas a adoptar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes          |
| 1909 | 23 |  | 38 | Outubro  | Educação medico-pedagogica dos deficientes (conclusão congresso)                                                                                         |
| 1911 | 25 |  | 23 | Junho    | Molestia de Barlow (sessão)                                                                                                                              |
| 1911 | 25 |  | 23 | Junho    | Sociedade Internacional de Pediatria (sessão)                                                                                                            |
| 1913 | 27 |  | 36 | Setembro | Fadiga intelectual dos escolares (sessão)                                                                                                                |
| 1914 | 28 |  | 22 | Junho    | Cardiopathies de l'enfance, pelo Dr. Nobecourt (comentário de bibliografia)                                                                              |
| 1914 | 28 |  | 27 | Junho    | Myatonia e paratonia (sessão)                                                                                                                            |
| 1916 | 30 |  | 44 | Outubro  | Emprego do extracto de farello de trigo nas dyspepsias infantis (sessão)                                                                                 |
| 1917 | 31 |  | 34 | Agosto   | Contribuição para o estudo da psychologia dos índios brasileiros (sessão)                                                                                |

|      |    |    |    |           |                                                                                                 |
|------|----|----|----|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1917 | 31 |    | 43 | Outubro   | Infancia abandonada e delinquente (sessão)                                                      |
| 1917 | 31 |    | 49 | Dezembro  | Syndrome cephaloplegica (sessão)                                                                |
| 1919 | 33 |    | 41 | Outubro   | Escorbuto na infância (sessão)                                                                  |
| 1919 | 33 |    | 20 | Maio      | Molestia de Heide-Meide (sessão)                                                                |
| 1919 | 33 |    | 29 | Julho     | Uma nova doença familiar? (sessão)                                                              |
| 1919 | 33 |    | 28 | Julho     | Consultas práticas de hygiene infantil, por Fernandes Figueira (Comentários do Afrânio Peixoto) |
| 1919 | 33 |    | 42 | Outubro   | Votos de pezar. Escorbuto na infância (sessão)                                                  |
| 1920 | 34 |    | 7  | Fevereiro | Sobre o leite consumido no Rio de Janeiro (sessão)                                              |
| 1920 | 34 |    | 23 | Junho     | Memoria sobre o extracto de farelo de milho e a nutricao do lactente                            |
| 1920 | 34 |    | 14 | Abril     | Sobre o sarampo (sessão)                                                                        |
| 1920 | 34 |    | 14 | Abril     | Sobre uma epidemia de diphteria grave na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (sessão)           |
| 1920 | 34 |    | 34 | Agosto    | O signal de Morquio nas polyomielites (sessão)                                                  |
| 1920 | 34 |    | 36 | Setembro  | Dystrofia osteo-muscular de Fernandes Figueira (de autoria de Miguel Couto e Juliano Moreira)   |
| 1921 | 35 | 11 | 17 | Novembro  | O extracto de censura e a alimentação dos lactentes                                             |
| 1921 | 35 | 2  | 24 | Dezembro  | Homenagem ao Dr. Fernandes Figueira (de autoria de Dr. Moncorvo e Pedro da Cunha)               |

|      |    |   |    |           |                                                                                 |
|------|----|---|----|-----------|---------------------------------------------------------------------------------|
| 1922 | 36 | 1 | 19 | Maio      | O syndromo de Fernandes Figueira (sessão)                                       |
| 1924 | 38 | 1 | 24 | Junho     | 4º Congresso Pan-americano da Criança (sessão)                                  |
| 1924 | 38 | 2 | 14 | Outubro   | Prophylaxia da tuberculose no lactente                                          |
| 1927 | 41 |   | 46 | Novembro  | Sôro-prophylaxia do sarampão (sessão)                                           |
| 1927 | 41 |   | 50 | Dezembro  | Rachitismo (sessão)                                                             |
| 1928 | 42 |   | 6  | Fevereiro | Hygiene e protecção á infancia (notas e informações)                            |
| 1928 | 42 |   | 11 | Março     | Necrologia Fernandes Figueira (homenagem)                                       |
| 1928 | 42 |   | 12 | Março     | Sociedade Brasileira de Pediatria (sessão)                                      |
| 1928 | 42 |   | 16 | Abril     | Contribuição neurológica de Fernandes Figueira (de autoria de Dr. Fabino Sodré) |

### Informações Adicionais:

Os títulos que começam com “tratamento” fazem parte da coluna *Formulario Practico*, no qual se tem receituários médicos para a cura de doenças, com os ingredientes das fórmulas.

Os títulos com a anotação de “sessão” são comentários publicados na coluna *associações scientificas*. Fernandes Figueira funda em 1910 a Sociedade Brasileira de Pediatria, assina como presidente, e comanda as sessões, por isso que a partir deste ano, a maioria das publicações com o seu nome são referentes a sessões da Sociedade de Pediatria.

Fora as publicações com autoria de Fernandes Figueira, há 6 títulos (também assinalados) com autoria de outros médicos, mas que expõe informações importantes sobre o pediatra e suas produções.

Algumas edições apresentam número de volume, outras não.